MISSÃO SALESIANA NO MATO GROSSO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

ECCE, LABIA MEA NON COHIBUI:

Sobre o ponto de partida da psicologia segundo Viktor Emil Frankl.

Josemar de Campos Maciel
CAMPO GRANDE, Abril de 2003

MISSÃO SALESIANA NO MATO GROSSO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

ECCE, LABIA MEA NON COHIBUI:

Sobre o ponto de partida da psicologia segundo Viktor Emil Frankl.

Candidato: Josemar de Campos Maciel
Orientador: Prof. Dr. Reinier Johannes Antonius Rozestraten

Dissertação de Mestrado apresentada por Josemar de Campos Maciel à Comissão Avaliadora da Universidade Católica Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: **Comportamento Social e Psicologia da Saúde.**

CAMPO GRANDE, Abril de 1999

MISSÃO SALESIANA NO MATO GROSSO
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA

ECCE, LABIA MEA NON COHIBUI:

Sobre o ponto de partida da psicologia segundo Viktor Emil Frankl.

_____
Dr. Reinier Johannes Antonius Rozestraten

_____
Dra. Regina Célia Ciriano Calil

_____
Dra. Sonia Grubits

Josemar de Campos Maciel
CAMPO GRANDE, Abril de 2003

INTRODUÇÃO GERAL

***Ecce, Labia mea non Cohibui*[1].**

COM ESTA EPÍGRAFE O PSIQUIATRA VIENENSE Viktor Emil Frankl (1905-1997) abre o último livro cuja publicação pôde acompanhar em vida[2]. Pela sua situação peculiar, no livro que ele considera o seu preferido[3], esta frase pode ser considerada como uma espécie de testamento intelectual. Em consonância com os seus escritos, ela - em sua solidão lapidar, qualifica o conjunto da sua obra como tendo sido um testemunho.

Um testemunho que o apresenta como alguém que, pressionado por uma série de experiências que o constrangeram a tomar posição, ao elaborar uma abordagem da psicologia, apresenta algo que vai além de um sistema teórico: a documentação consistente de uma trajetória existencial. A vida de Frankl e a sua atividade teórico-clínica (jamais cindidas) foram uma trajetória onde ele foi como que forçado, pela força dos acontecimentos do século que já se vai, a pensar o tema do sentido da vida, e a aplicá-lo no centro de sua formação acadêmica

---

[1] Frankl 1997b: 24: *"Vede: não fechei os meus lábios".*

[2] Viktor Frankl 1977b, corresponde ao texto ***Man´s Search for Ultimate Meaning.*** New York: Plenum Press, 1997. No corpo do texto as obras serão citadas dessa forma abreviada, trazendo apenas Autor, ano e página. Todas as traduções são de responsabilidade do Autor deste texto.

[3] Frankl 1997b: 13-14: *"...dos meus livros, este é o mais organizado e articulado, e seria uma pena destruir a estrutura coesa deste trabalho interpor excesso do material que veio sendo desenvolvido nos últimos anos".*

e de sua prática como terapeuta[4] - após tê-lo “testado” em sua pele.

Situar a vida de Frankl em paralelo com a sua atividade e pensamento é honrá-lo. Mas este espírito celebrativo esconde um risco, que pode levar a perder de vista a sua contribuição mais relevante. Tratando dele como um herói do século, uma mentalidade redutiva pode tomar posse da sua figura propondo-o como exemplo e até canonizando-o extra-oficialmente. Só que enquanto isso, a comunidade científica, caracterizada pelo sóbrio devotamento aos dados, devotamento este avesso aos cultos à personalidade[5], pode rejeitar o contato com a sua proposta.

A convicção deste trabalho, porém, é a de que o lugar de Frankl não é entre os religiosos que também são cientistas - subentenda-se, considerados medíocres por uma historiografia oficial: é entre os cientistas que são abertos a questões mais amplas que as dos seus métodos respectivos[6] - aos cientistas que têm tempo para preocupar-se com o que vai ser feito com a sua ciência.

De fato, a linguagem dos textos de Frankl é extremamente simples, resumindo problemas importantes mediante o recurso a fórmulas mnemônicas, anedotas e metáforas. A intenção de Frankl, com seus textos, era fazer conhecido e apreciado um estilo de

---

[4] Neste trabalho, entende-se o termo "terapeuta" como designação de um ser humano que, sensibilizado pela dor do outro, abre-se a ela em duas direções. A primeira, é a busca de meios para alívio do desconforto do outro, na medida das suas possibilidades (um curador, cuidador solidário, não um curandeiro onipotente e distante). A segunda, é a de re-flectir-se, redobrar-se sobre a própria prática, e desvelar as suas motivações profundas e autênticas.

[5] Day 1995: 46; 172ss, contém boas observações a respeito. O cientista deve abster-se da elegância da literatura, apenas mostrando os seus dados, e a que eles vêm. Ir além, tentar mais que isso, tornaria a discussão obscura, porque um dos pontos mais importantes da pesquisa científica é a sua reprodutibilidade.

[6] O seu lugar é ao lado de pessoas da estatura de Brentano, Freud, Scheler, e assim por diante, em outras palavras.

viver, acreditando intimamente no sentido incondicional da existência. Mas este estilo estava suportado por uma formação teórica impecável, e por uma sintonia fina com problemas axiais, que formataram a auto-compreensão do homem durante o século XX.

Frankl não deve ser, desta forma, pensado apenas como uma grande personagem, e não basta aos textos que trabalham o seu legado teórico constituirem-se como panegíricos. Quanto mais "exemplar" ou “genial” ele aparece, dotado de incríveis capacidades de penetração teórica, ou extraterrestre retidão moral, tanto mais o seu modo de pensar afasta-se da correria estressante dos profissionais que, além do nobre ofício de salvar vidas, devem lidar com muitas tarefas que distanciam o real profissional da saúde da identificação com os grandes heróis da galeria da sua história. Pelo contrário, a sua visão deve aparecer como documentando uma possibilidade simples, acessível e ao mesmo tempo rigorosa, de "ser cientista", especialmente no campo da psicologia.

NATUREZA DESTE TRABALHO

É para o bem da auto-compreensão de quem gasta sua vida na área da saúde, e para o maior conforto de quem gasta suas esperanças nas filas e expectativas de um tratamento médico ou psicológico "humano" em sentido pleno, que a reflexão sobre o legado de Frankl pode articular-se melhor, além do elogio. Ela deve aprofundar-se no sentido de (re-) propor sua postura fundamental como algo viável, relacionado a algo necessário ou mesmo urgente, no pensamento e nas atitudes a propósito da questão da saúde.

Assim sendo, este trabalho guarda distância de ser uma homenagem a Frankl, para ser uma tentativa de pensar o seu legado. E diante dos seus livros, esparramados entre polêmicas brandas com os riscos da psicanálise e das abordagens mais "diferenciais" da psicologia, nascem duas perguntas, que vão mostrar qual o horizonte de onde se parte: Afinal, se recuperada, a proposta de Viktor Frankl tem vigor especulativo para fomentar uma discussão atual, acendendo a reflexão sobre dimensões importantes do trabalho terapêutico enquanto tal? Em segundo lugar: essas dimensões seriam tão urgentes que, se não atendidas ou se ignoradas, comprometeriam o futuro da psicologia enquanto ciência praticada por seres humanos reais?

Estas questões são importantes para a gênese do texto que vem a seguir e que se move na linha mediana entre os níveis biográfico (resgatando traços de uma herança existencial) e hermenêutico (tentando individuar o núcleo, o sentido, de uma visão de mundo), para decifrar a herança de Viktor Frankl. Não para que ele seja mais admirado do que já é, e com muito merecimento. Mas para que as questões que ele, objetivamente, contribuiu para levantar, possam incomodar e contribuir para refinar o terapeuta atual, lá onde a sua formação é mais atribulada: na fonte de todos os seus procedimentos, lá onde a ética pode fecundar a epistemologia.

A admiração qualificada pela nobreza da totalidade do espírito humano, mesmo desfigurado pela dor, deve ser o ponto de partida de toda atividade que se empenhe na tarefa de buscar a saúde de um paciente. Este núcleo puro, adamantino, sem jaça, é o horizonte pretendido por este trabalho.

Mas descobrir como deve ser a psicologia e formular uma carta de intenções aproxima-se demais de uma filosofia de folhetim. Daí que a decifração, na observação respeitosa de uma obra em movimento, de pontos onde este "dever-ser" se manifesta, torna possível uma tarefa inglória, a de perguntar de onde deve partir, de que horizonte primordial deve alçar vôo, o profissional da saúde.

Este trabalho percorrerá assim alguns pontos relevantes da vida e da obra de Viktor Frankl, tentando encontrar e revelar os pontos onde ele mostra como acessível o seu ponto de partida para o exercício da psicologia, em especial.

MÉTODO

Seriam necessários mais tempo e meios para a realização de um projeto que fizesse uma leitura de todo o material disponível escrito por Frankl, levando em conta também a extensa bibliografia que analisa as suas contribuições à história da psicologia no Século XX.

Dessa forma, foi feita uma seleção de alguns de seus textos capitais. Os textos, cujas referências completas são oferecidas na bibliografia ao final do trabalho são: (Frankl 1997a) ***Recollections: An Autobiography***, que apresenta anotações biográficas de Frankl, onde se colhem as suas conexões históricas e a gênese de seu pensamento relacionada à sua história pessoal.; (Frankl 1959-1984) ***Man´s Search for Meaning. An Introduction to Logotherapy***, texto que contém o relato sobre o Campo de Concentração e um primeiro texto sintético de toda a logoterapia, ***Logotherapy in a Nutshell***; (Frankl 1955-1983) ***The Doctor and the Soul. From Psychotherapy to Logotherapy***, a primeira grande síntese da sua teoria e o texto que contém

algumas das suas referências filosóficas mais claras ou mais importantes; (Frankl 1969-1988) ***The Will to Meaning. Foundations and Applications of Logotherapy***, um texto da maturidade, apondo algumas correções e adaptações ao material do início; (Frankl 1997b) ***Man´s Search for Ultimate Meaning***, o último texto de Frankl, considerado por ele mesmo o seu texto mais articulado, e por dar uma visão bastante coerente das suas opiniões a respeito da religião e suas relações com a psicologia.

Os textos acima, representativos de várias inter-conexões entre a obra e a vida de Frankl, conforme se verá, foram submetidos a uma leitura detalhada, tentando identificar os lugares que unificam a sua percepção do ponto de partida da psicologia, e também as conexões lógicas mais fortes que articulam esta percepção. A reflexão a respeito desses textos é pessoal - suportada sempre por uma leitura de indicações pontuais dos mesmos.

ESTRUTURA E CONTEÚDOS

No **PRIMEIRO CAPÍTULO** deste trabalho aparecerão de modo especial informações autobiográficas. A finalidade do capítulo é apresentar Frankl, pondo em evidência a sua importância em relação à história do século, e situando os fatos que foram relevantes para a sua vida em relação com o seu pensamento. Serão explorados em especial seus contatos e fontes na reflexão filosófica, e suas filiações no terreno da medicina e psicologia.

Será mostrado como Frankl possui uma dupla valência para a reflexão psicológica. Em primeiro lugar, ele é uma testemunha que atravessou o século participando ativamente de acontecimentos que o marcaram; em segundo lugar, ele é visto como um interlocutor, que foi ativo em relação a esses mesmos

acontecimentos relevantes - e, consequentemente, da modernidade e de suas aporias -, formulando posição própria[7].

Um **SEGUNDO CAPÍTULO** mostrará como esta posição transcende a pessoa de Frankl, lendo o seu relato sobre o campo de concentração. Além da leitura, considerações adicionais serão tecidas, para tentar formular dois pontos onde sua contribuição aparece como importante para a psicologia. Em primeiro lugar, ver-se-á como o choque da prisão (e a questão da ***Shoah***[8] subjacente a esse choque) obriga-o a repensar a identidade do psicólogo-cientista para além da neutralidade.

Em segundo lugar, com cauta brevidade, dada a gravidade do tema, tratar-se-á da sua contribuição no sentido de colaborar no pensamento do paradigma da psicologia, colocando algumas linhas para redimensionar o tema da repressão à luz da antropologia personalista, como sendo uma repressão da dignidade do ser humano.

No **TERCEIRO CAPÍTULO**, a repressão da dignidade do ser humano será o tema desdobrado a partir do caso-típico que é a tratação do tema da religião em Frankl. Para ele a religião vai aparecer como sendo, juntamente com outras instâncias, um dos lugares onde se podem resgatar os vetores que mostram onde se escondeu a humanidade que o ***Lager*** (caso-típico da violência civilizatória, por sua vez) reprimiu.

Dito em outras palavras, será mostrado que o processo de modernização é também um processo que desenvolveu-se a partir

---

[7] Como Frankl tenha sido visto “de fora”, e não pelos seus colaboradores, ou seja, como o século pensou o sistema de Frankl, é um tema que teve de ser deixado para outra ocasião.

[8] ***Shoah*** significa "extermínio", e é como os judeus viram e vêem o projeto nazista. ***Lager*** é a abreviação de ***Konzentrationslager***, ou seja, Campos de Concentração.

de vetores reducionistas, que em vista do progresso e da eficiência, relegaram ao segundo plano as dimensões da existência humana que não eram muito facilmente classificáveis, ou que poderiam avançar uma pretensão competitiva, em termos de discurso hegemônico. Mas estas últimas, apesar de toda a sua indeterminação, devem ser recuperadas, pois estão ligadas a funções (como a fantasia, a criatividade, a liberdade) que são tipicamente humanas, mas que não são estritamente tabuláveis em todo o seu dinamismo.

O **QUARTO** e o **QUINTO** capítulos esboçarão o modo como Frankl por um lado especifica essa análise e, por outro lado, tenta resgatar as dimensões da dignidade humana que foram sendo reprimidas, negadas ou aniquiladas ao longo da gênese do pensamento moderno:

O quarto capítulo ocupar-se-á do tema do vácuo existencial e da elaboração do sentido em Frankl como base para o seu pensamento da psicologia. O quinto e último capítulo mostrando como Frankl recupera a noção de liberdade na psicologia, porá em evidência a sua versão da dinâmica psicológica humana.

Com este trabalho, assim projetado, tenta-se pensar, em primeiro lugar, a logoterapia como uma abordagem psicológica validada filosoficamente - como resposta pessoal articulada dentro de certos cânones de cientificidade ao problema mais aflitivo do século, o do sentido -, e o exercício da psicologia como sendo uma pedagogia da liberdade - colocando no centro da reflexão psicológica não os seus próprios métodos, mas a dignidade do ser humano, na irrepetibilidade às vezes dramática da sua existência como ter-que-existir diante da dor.

Não se pode dar à logoterapia o nome de "sistema" em psicologia. Em seus livros Frankl é claro a propósito. A sua visão é integradora, e ele advoga sempre para a psicologia uma abordagem interdisciplinar e aberta a outras ciências. Também dentro da clínica deve haver liberdade, e a própria identidade teórica do estudioso ou profissional da psicologia deve ter um espaço aberto para a necessidade do paciente.

O paciente é mais importante que a completude formal da abordagem teórica da qual se parte. Daqui que expor a logoterapia como sistema, como um todo completo e auto-suficiente, é algo que tem um certo perigo. Por isso esta introdução evitou fazê-lo, e o corpo do trabalho também evitará. O uso de Frankl e de suas idéias é um ponto de apoio para uma reflexão pessoal, que ele mesmo quer suscitar. Aliás, parece estar suscitando, considerando o espírito que se nota em livros que tem sido importantes para a formação de logoterapeutas.

A título de exemplo, é ilustrativa a estrutura do compêndio adotado em Viena pelo Instituto de Logoterapia. O livro-base[9] tenta integrar as concepções filosóficas estruturais, a teoria logoterapêutica e a abertura para o contato com outras abordagens. Nem Frankl[10] nem seus seguidores[11] consideram a sua teoria como sendo algo completo, mas um material que pode ser expandido no diálogo interdisciplinar - e que, em última

---

[9] Kurz 1997.

[10] 1969-1988: 158-168. Nesse texto, ***the de-gurufication of Logotherapy***, ele esforça-se por demonstrar que, mesmo sendo sólidos os fundamentos, o edifício deve continuar a ser construído, cf. 159: *"...eu ser o pai ... da logoterapia significa nada mais que ter lançado sua fundação; e uma fundação, por sua vez, significa nada menos que um convite estendido a outros para continuar a construir o edifício, sobre a base da sua fundação"*.

[11] No Brasil, o texto de Rodrigues (1991 e 1995) é um exemplo disso.

análise, já se apresenta como uma tentativa de promover esse diálogo.

Capítulo I

O SENTIDO ATRAVESSA O SÉCULO

Frankl é relevante para a psicologia do século XX por ter sido uma testemunha qualificada e um interlocutor de alguns dos seus principais problemas, o do sentido em primeiro lugar.

É POSSÍVEL VER-SE EM CIRCULAÇÃO uma leitura descontextualizada da *"logoterapia"*, a escola de pensamento fundada por Viktor Frankl. De fato, sua obra é composta na sua maior parte por textos escritos em linguagem acessível a leigos, desprovidos de jargões e em geral bastante simples[12] de um ponto de vista estrutural. Ele pode ser apresentado então como um escritor ingênuo, fascinado com o *"Absoluto"* a tal ponto que sobrevoa vários assuntos teóricos importantes, mascarando com temas religiosos questões que deveriam ser resolvidas em sede teórica ou experimental.

Esta primeira impressão não subsiste, ao se examinar com mais cautela a vida e a obra de Frankl[13]. A obra, além de uma centena de textos entre artigos e conferências, consta de trinta e dois livros escritos no arco de sua existência. Além disso ele recebeu vinte e nove doutorados *honoris causa*, conferidos por

---

[12] Talvez porque muitos dos seus textos mais conhecidos são oriundos de conferências gravadas. E.g. Frankl, 1990, 61-109. Além disso, o trabalho de muitos dos institutos que seguem na linha fundada por Frankl privilegia a vida cotidiana.

[13] Mesmo através do exame de dados de domínio público, que podem-se consultar ou obter, *e.g.*, no *site* do "*Viktor Frankl Institut"* de Viena. Cf. http: //www. exp. univie. ac. at /~ves /vfi /CVENG. HTML.

universidades do mundo todo, e uma série de contatos com autores de enorme importância no campo da medicina, psicologia e filosofia. Estes primeiros dados mostram que, pelo menos, está-se diante de um homem que a comunidade científica internacional reconheceu como sendo digno de um olhar mais atento.

A finalidade deste capítulo é apresentar a figura de Viktor Frankl como um pensador que foi confrontado em carne própria com os principais problemas do século e, ainda, como alguém que tenha tentado dar-lhes uma resposta, pensando os fundamentos de uma abordagem pessoal da psicologia no quadro do personalismo existencialista[14] filosófico e da psiquiatria fenomenológica.

As pretensões de qualquer *"fundador"* são consideravelmente ambiciosas em qualquer campo científico, em psicologia inclusive. Para decidir se ultimamente este fundador é mais um narcisista a ilustrar a galeria dos medalhões ou um original iniciador, pode ser útil relevar os seus contatos e os problemas que ocuparam a sua existência. Como se verá, Frankl tem credenciais que o colocam na posição de uma espécie de interlocutor do século XX. Ou seja, ele visitou teórica e praticamente os seus grandes problemas - e por isso pode avançar as suas reivindicações.

A seguir, apresentando ou lembrando fatos concernentes à sua vida e seus contatos, serão mostrados alguns dos pontos mais relevantes dos seus contatos com a psicologia. Em seguida, a fundamentação destes contatos no terreno da filosofia, para pôr

---

[14] Esta referência ao personalismo, movimento fundado "oficialmente" ao redor do círculo de Emmanuel Mounier, é necessária. Se se faz de Frankl um existencialista apenas, deixa-se na sombra a sua leitura dos textos de Max Scheler, e a sua constante retomada do problema dos valores humanos, ou fautores de uma verdadeira humanidade, é deixada sem referência - especialmente quando a leitura do existencialismo referido for de matriz sartreana.

em claro qual é e até onde vão os matizes que a pergunta filosófica recebeu, nas correntes do século XX, na sua vertente personalista.

Frankl não será adotado como mestre na compreensão da atividade médica ou psicológica, nem como o portador de intuições inéditas. Apenas será apresentado no percurso de uma biografia coextensiva ao seu tempo, ou seja, como alguém que viu e que tomou posição diante das questões que ocupam este trabalho. E por isso pode dar a pensar.

I.1 VIKTOR FRANKL E A PSICOLOGIA

Nascer em Viena, no século XX, é um privilégio. Capital da Áustria e pólo de atração de artistas e intelectuais por todo o século XIX, Viena ainda conservava o seu status de Meca dos intelectuais no início deste século[15]. Frankl nasce num discreto apartamento de cobertura, o número 6 da Czerninstrasse, vizinho do apartamento onde Dr. Alfred Adler também vivera, por algum tempo[16]. Mais adiante, no bairro vizinho, narra ele, Strauss compusera a valsa do Danúbio Azul, reputado pelos austríacos como o seu hino oficioso. No mesmo dia do seu nascimento, 26 de Março de 1905, falecera Beethoven - e um colega de escola observava, unindo os dois eventos, que *"uma desgraça nunca chega sozinha"*[17]. Judeu de família tradicional, Frankl tem mãe (Elsa) continente e profundamente religiosa, e pai (Gabriel) marcado por um profundo sentido do dever. Além deles, sua família é formada por mais um casal de irmãos (Walter e Stella).

---

[15] Pode-se consultar a propósito a introdução do volume de Janik-Toulmin, 1991, 25-191.
[16] Frankl, 1997a, p.27.
[17] Frankl, 1997a, p.19.

Tendo em mente já desde os três anos o sonho de formar-se em medicina, o jovem V. Frankl, nascido e criado no judaísmo, logo vai pôr-se a considerar a questão que vai fazê-lo conhecido. Desde jovem, narra ele que preocupa-se não com o fato de ter que morrer, mas com a questão *"se a natureza transitória da existência pode ou não destruir o seu sentido"*[18]. Desde criança ganha a alcunha de *"pensador"*, por atormentar os parentes com intermináveis questões, e por ter o hábito de passar os primeiros minutos de suas manhãs sentado na cama sozinho com seu café, ocupado com perguntas sobre o sentido da existência. Os seus passatempos são o alpinismo e o cultivo do bom humor. Os amigos recordarão suas freqüentes piadas.

Nascido de uma família de boas relações com o mundo intelectual, Frankl transcorreu seus primeiros anos de estudo entre as guerras mundiais. No tempo que veio depois da primeira, marcado por forte recessão econômica e pelo recrudescimento do movimento anti-semita, tem seus primeiros contatos com a chamada filosofia natural, freqüentando cursos e seminários a propósito da *"psicologia aplicada"* e experimental. Daqui nasceu a sua concepção da psicologia como sendo uma espécie de suporte para a higiene mental[19].

Desta época, da sua adolescência, ele narra[20] um dos seus primeiros *insights* no campo da psicologia, por influência de Fechner: durante uma de suas férias, viajando no Danúbio para Eferding, subitamente veio-lhe à mente a idéia de que por detrás de todas as coisas o mundo possui uma espécie de princípio

---

[18] Frankl, 1997a, p. 29-32.
[19] Ele se considera um dos pioneiros neste campo, ministrando muito cedo um curso especificamente destinado à higiene psicológica, cf. Frankl, 1997a, p. 71.
[20] Frankl, 1997a, p.47.

homeostático, pelo qual deve-se chegar a uma espécie de ponto de repouso. isto é apenas um ponto de partida que será redimensionado mais tarde em sua carreira, como se verá.

Os primeiros anos de formação de Frankl são, assim, marcados por uma estruturação familiar tradicional no mundo intelectual judeu, dedicação à escola, interesse por leituras psicológicas e filosóficas, um forte sentido do religioso e do dever e, como mostra o exemplo, uma presença constante de curiosidade experimental.

Seus anos de estudo na Universidade foram marcados por relações de grande admiração com Freud e, sucessivamente, Adler. Como na Viena do entre-guerras a psicanálise era assunto atual e emergente, Frankl foi introduzido às discussões por discípulos diretos de Freud, como Eduard Hirschmann e Paul Schilder, professores que vinham a Viena ministrar cursos na Clínica Psiquiátrica da Universidade do prof. Wagner von Jauregg, nobel de Medicina em 1927[21].

Na década de vinte, Frankl manteve um período de correspondência com Freud. Ele escreve a Freud sobre suas leituras interdisciplinares, e o mestre *"prontamente respondia cada carta"*[22]. Freud lhe enviava também casos clínicos, da época da sua clínica na Universidade. Infelizmente a Gestapo confiscou e destruiu todo esse material quando Frankl foi deportado para o campo de concentração.

Em 1924, quase que por acaso, Frankl publica o seu primeiro trabalho conhecido, no campo da psicanálise: Trabalhando no Parque Prater em Viena ele anota tudo o que lhe vem à mente

---

[21] Frankl 1977a, p.48.
[22] Frankl, 1977a, p.48.

sobre *"a origem dos movimentos mímicos de afirmação e negação"*. Em uma das cartas a Freud ele envia o manuscrito, que é em seguida publicado na sua *"Revista Internacional de Psicanálise"*. Na verdade, foi o primeiro caso de um autor não-psicanalista publicado nessa revista de Freud.

Ironicamente, o primeiro artigo mediante o qual Frankl começou a ficar conhecido fôra em um jornal de circulação local, contra alguns erros do senso comum: posteriormente, ele será um autor conhecido e estimado pela sua escrita simples e entrecortada por exemplos e anedotas[23].

A relação entre Frankl e Freud parece ter sido marcada por muito respeito, da parte de Frankl, e atenção paternal, da parte de Freud. Para Frankl, os homens com quem teve contato na sua existência e que personificavam a genialidade teriam sido, além de Freud, Adler e o seu distraidíssimo professor de psiquiatria, Otto Pötzl[24].

Freud e Frankl Encontraram-se pessoalmente apenas uma vez durante a vida de ambos, e nesse encontro as primeiras palavras foram do mestre, logo após que Frankl se apresentou: *"Ah, Viktor Frankl - Viena, segundo distrito, Czerningasse 6, apto. 25, certo?"*. A famosa memória de Freud havia registrado o endereço do jovem estudante. Isso foi ainda durante os anos de estudos médicos de Frankl[25]. Kurt Eissler, fundador dos *"Freud Archives"* em New York, gravou uma fita onde Frankl registra as suas impressões com mais detalhes, a respeito do Mestre.

[23] Frankl, 1997a, p.50.
[24] Frankl, 1997a, p.69.
[25] Frankl, 1997a, p.51.

Mas as relações mais estreitas com a psicanálise, Viktor Frankl as manteve com Adler. De fato, escreveu o seu segundo artigo científico em 1925, para a *"Revista Internacional de Psicologia Individual"* deste último.

O tema desse artigo era titulado *"psicoterapia e visão de mundo"*, e versava sobre *"a área de limite entre a psicoterapia e a filosofia, com especial atenção aos problemas do sentido e do valor na psicologia"*[26]. Como se pode ver, já desde aqui, nos seus anos de formação médica, Frankl manifestou uma concentração temática ao redor dos problemas do valor e do sentido, temas que, na verdade, atravessarão toda a sua obra. Sua preocupação principal, que o conduzia à reflexão filosófica era, desde aqueles primeiros anos, a ética. Atormentava-o a visão reducionista e nihilista que seria sempre uma ameaça para a ciência e a filosofia, a partir da virada do século. O seu primeiro ímpeto foi o de reagir a ela.

De fato, no limite entre os séculos dezenove e vinte deve-se anotar a influência da sociologia positivista e biologizante, nas universidades de Viena. Daqui partiu a reação do movimento que se chamou de fenomenologia: Brentano e depois Husserl tentam alargar o campo exploratório da ciência, para fugir ao que Frankl denominará, nos anos vinte, de *"sociologismo"* e *"psicologismo"* que, em poucas notas, significam respectivamente a redução de toda a realidade cognoscível àquilo que pode ser medido e controlado social ou bio-medicamente. Mas antes de alinhar-se entre os advogados dessa posição reativa, Frankl cultivou o interesse pela psicologia individual e foi parte do grupo de Adler.

[26] Frankl, 1997a, p.60.

Nos anos de 1925 e 26 Frankl participou ativamente da Sociedade de Psicologia Individual. Continuou escrevendo para a revista, fez a conferência central do Congresso Internacional de Psicoterapia Individual em Düsseldorf (1925) e, depois, falou a audiências diversas em Frankfurt e Berlim, sempre sobre o sentido da existência e as contribuições da psicoterapia individual a propósito. Dirigiu por algum tempo a revista de psicologia individual *"Der Mensch im Alltag"* (o homem no seu dia-a-dia) e por muito tempo lembrará as amizades de Erwin Wexberg e Rudolf Dreikurs, todos do grupo de Adler.

Em 1927, juntamente com Rudolf Allers e Oswald Schwarz, Frankl foi excluído da Sociedade de Psicologia Individual. Estremecimentos já se haviam iniciado mediante algumas conversas sobre a liberdade com Alexander Neuer debatendo idéias de Max Planck e da psicologia da Gestalt a respeito da liberdade da faculdade da vontade, no Herrenhof, café em Viena onde se reuniam os literatos[27]. Mas a ruptura definitiva aconteceu mais por influência de Allers e Schwarz. Estes haviam se decidido a romper com Adler e, quando anunciaram formalmente seu intento, em uma reunião, Adler virou-se para Frankl e solicitou que ele manifestasse sua posição a respeito do psicologismo. Quando Frankl o fez, foi expelido junto com os outros dois, apesar da atitude de Frankl ter sido, segundo ele, uma tentativa de encontrar um ponto de acordo entre Adler e os dissidentes. Alexandra, a filha de Adler, permanecerá amiga de Frankl.

Com bom humor ele relata em suas anotações autobiográficas que a sua logoterapia é, para uns, apenas um ramo da psicologia individual. Para outros, uma corrente

[27] Frankl, 1997a, p.62.

psicológica em si. Para decidir a questão, evoca a opinião do próprio Adler, melhor qualificado para decidir a questão. *"Foi ele quem insistiu que eu fosse expelido da sociedade. Roma locuta, causa finita"*[28]. Parece que assim, meio pressionada pelos eventos, nasceu a logoterapia.

Como se verá, esta pequena anotação entre outras é um bom motivo para dar suporte à reivindicação de Frankl para que os seus discípulos não transformem a sua visão terapêutica em um sistema que não precisa da colaboração de outros: ele sempre viu a logoterapia como fragmentária e sem pretensões a ser um grande sistema. De qualquer modo, é da escola adleriana que Frankl herdará o seu olhar direcionado mais ao futuro que ao passado do paciente, e a imagem da terapia mais como suporte de uma construção que como empresa arqueológica.

Ao lado de Freud e Adler, Frankl é o terceiro vienense a fundar uma escola de psicoterapia. Na verdade a denominação de *"terceira escola vienense de psicoterapia"* dada à sua abordagem, é uma denominação fortuita dada por um conhecido, Wolfgang Soucek[29], que ganhou fama[30]. A fundação da escola não foi, de fato, independente das contribuições de outros pensadores, sobretudo do grupo da psicanálise e dos círculos vienenses de debate. Logo após a sua exclusão da Sociedade de Psicologia Individual, Frankl funda em Viena, juntamente com Maximilian Silbermann e Fritz Wittels (o primeiro biógrafo de Freud) a *"Sociedade Acadêmica para a Psicologia Médica".* No grupo de estudos dessa sociedade, durante uma conferência nos idos de

---

[28] *sic!,* cf. Frankl, 1997a, p.64.
[29] Frankl 1997a, p.64-5.
[30] *Viktor Frankls "Dritte Wiener Richtung der Psychotherapie"* é a denominação até hoje usada como sub-título da apresentação da logoterapia feita pelo *"Viktor Frankl Institut'* de Viena. Cf. http: //www. exp. univie. ac. at /~ves /vfi

vinte, Frankl usou pela primeira vez o termo *"Logoterapia"*. Em 1933 ele usou também pela primeira vez o termo "*Existenzanalyse*" - que é outro nome utilizado para caracterizar a logoterapia e às vezes também a abordagem de Binswanger[31].

Além dos seus contatos com a psicanálise, Frankl recorda também contatos com a terapia de matriz comportamental. Ao lado desta, ele menciona algumas técnicas da logoterapia que foram desenvolvidas já em 1929 e 1930 e que depois serão patrimônio comum das duas escolas, comportamental e logoterapêutica. Duas delas são a intenção paradoxal (1929) e a técnica do denominador comum. Além disso, menciona também terapias sexuais depois recomendadas por Masters e Johnson, nos anos 70[32].

Ao redor de 1927, após a sua expulsão da Sociedade de Psicologia Individual, Frankl fundou centros de aconselhamento para a juventude, onde trabalhou por longo tempo juntamente com outros voluntários, como August Aichhorn, Erwin Wexberg, Rudolf Dreikurs, Charlotte Bühler[33]. Esses centros fundados em Viena foram imitados em várias cidades da Europa. Foram relevantes para integrar-se a outras iniciativas de reação à onda de suicídios desencadeada pelas guerras, que mostra, em última análise, a perda de orientação na existência experimentada por multidões de jovens de toda a Europa.

---

[31] Ver algumas anotações a propósito em Rollo May, 1976, *Passim.* Frankl usa o termo *"análise existencial"* em um texto clássico, sua tese doutoral. ***The Doctor and the Soul (Ärtzlische Seelsorge)*** *1955-1983,* 23ss. Para evitar que o seu sistema fosse confundido com a escola do Prof. Binswanger, Frankl acabou restringindo-se ao termo *"Logoterapia"*.

[32] Frankl, 1981, p.31. A nota no. 16 é interessante por detalhar esta questão dos contatos com outras técnicas e escolas.

[33] Frankl, 1997a, p.68.

Entrementes, Frankl seguia sua formação médica, auxiliado agora por Otto Pötzl, seu supervisor e *"paternal amigo"*[34]. Trabalhou na clínica daquele como psicoterapeuta sem supervisão, antes mesmo de haver concluído sua formação médica. Nesta clínica ele lembra que tentou *"esquecer o que aprendera... de tal forma que pudesse aprender a ouvir os meus pacientes"*[35]. Esta inflexão denota mais uma esfumatura recebida pela sua maneira de encarar a psicologia. Sempre mais Frankl se inclina no sentido de uma síntese própria, entre existencial e fenomenológica, da psicoterapia. Sua abordagem dos problemas vai sendo determinada aos poucos pela urgência de ouvir o paciente na sua individualidade, enquanto a existência daquele se desenrola vinculada à decisão.

Concluindo o curso de medicina (1930), Frankl passa mais algum tempo com Pötzl, depois mais dois anos com Josef Gertsmann (estudioso da síndrome angular, ou síndrome de Gertsmann). Trabalha então mais quatro anos atendendo o pavilhão para mulheres suicidas no hospital *"Am Steinhof"* para doentes mentais - o que, observa, certamente *"serviu para afiar a minha habilidade em diagnóstico"*[36]. Ali ele tinha sob seus cuidados nada menos que três mil pacientes por ano. Destes anos veio também um interesse no estudo de sintomas de ataques esquizofrênicos violentos.

Destes quatro anos entre os pacientes, Frankl nota que deveria ter escrito um livro para ser lido pela comunidade médica: *"fools tell the truth"*[37]. Daqui saiu um princípio, que ele denominou

---

[34] Frankl, 1997a, p.69.
[35] Frankl, 1997a, p.73.
[36] Frankl, 1997a, p.73.
[37] *"verdades que os loucos dizem"*. Cf. Frankl 1997a, p.74.

de *"logoteoria"*, e que será importante para a sua abordagem psicológica: o doente não está sempre enganado, simplesmente por ser doente. Ou seja, trata-se de uma afirmação da relevância da palavra do paciente a propósito do próprio quadro. Isto não no sentido de material inicial ou relato de trabalho, para o psicoterapeuta possivelmente recompor e remontar a partir de referências médicas mais articuladas. Pelo contrário, o que Frankl afirma é que o paciente pode ter ele mesmo, em determinadas situações, algo importante a dizer sobre seu próprio estado. É o que ele denomina de *"guerra ao patologismo"*[38].

Em 1937 Frankl inicia sua prática clínica independente, como psiquiatra e neurologista, em Viena. Poucos meses após a sua abertura, seu consultório foi fechado - era Março de 1938, enquanto as tropas de Hitler ocupavam a Áustria. Frankl estava então dando uma conferência sobre *"a tensão nervosa como fenômeno de nossos tempos"*, quando os soldados invadiram a sala. Terminar essa conferência encarando o oficial da SS foi, segundo ele, o maior gesto de valentia de toda a sua vida de pacifista. Após o fechamento de seu consultório, Frankl é compelido a trabalhar no Hospital Rotschild, como chefe do departamento de neurologia - onde desenvolverá uma técnica cirúrgica importante para intervenção em pacientes neurológicos, a punção sub-occipital[39]. Ali ele permanecerá de 1940 a 1942.

No ano de 1941, Frankl desposa Tilly Grosser, que tornar-se-á Tilly Frankl. Nove meses após, são ambos enviados para o campo de concentração de Theresienstatd. Em seguida, XXX Auschwitz, Kaufering III e Türkheim, até o fim da segunda guerra mundial,

---

[38] Frankl, 1997a, p.75.
[39] Frankl, 1997a, p.78.

em 1945, num total de mais ou menos três anos[40]. Destes anos passados no campo de concentração, alguns fatos ulteriores merecem ser mencionados.

Um dado interessante é a constatação de que, surpreendentemente, no campo de concentração havia a notar muito poucas perversões sexuais entre os detentos. A última força que ainda resistia era a de lutar pela sobrevivência, e esta luta era em geral bem sucedida quando o prisioneiro tinha alguém com quem sonhava, um trabalho para o qual regressar, ou um absoluto que ajudava a relativizar os horrores da guerra[41]. Isto certamente corroborou as elaborações sobre o sentido e contribuiu para a revisão das teorias sobre a libido que ele estudara até aquele momento. Mas sobretudo deu origem à idéia matriz que seria explorada nos seus livros sobre a religião, de que existe no homem algo mais sendo reprimido do que os instintos: a sua dignidade[42].

Como foi visto até agora, estes anos sofridos dentro de vários campos de concentração serviram mais para validar as teses logoterapêuticas que para elaborá-las: foram o *"experimentum crucis"*, não uma fonte de idéias[43]. É necessário dizer isso, pois o engano é comum. Pode-se facilmente pensar em Frankl como sendo um escritor prolífico mas sem profundidade nem formação teórica, cuja maior contribuição à ciência foi ter registrado a sua própria passagem por um campo de concentração como sendo mais um caso clínico.

Ele mesmo põe em guarda contra esse engano, dizendo que um fato do qual se orgulha foi o de não ter sido tratado de modo

---

[40] Frankl, 1997a, p.98.
[41] Frankl, 1959-1984, p.44.
[42] Frankl, 1959-1984, p.60, trata do tema da despersonalização.
[43] Frankl, 1997a, p.97.

diferente na prisão. Ali ele não fôra um psiquiatra (apenas no último ano ele atuou como médico). Orgulha-se de ter sido por muito tempo apenas o detento número 119, em Auschwitz[44].

Certamente, porém, alguns temas da logoterapia ganharam força dentro do campo: a elaboração da gênese do sentido da existência tornou-se mais fina, e Frankl concebeu ali a sua noção das duas capacidades humanas mais importantes: auto-transcendência e auto-distanciamento[45]. Também a importância reguladora dos valores para a sobrevivência foi testada e aprovada. Retornar-se-á em mais detalhe sobre este tema no corpo do trabalho a seguir, nas suas conexões essenciais liberdade.

A sua própria sobrevivência no campo, Frankl atribui em grande parte ao fato de ter sempre em mente que havia uma obra por escrever. Chegando ao campo, portava costurado em seu sobretudo o manuscrito de uma primeira exposição sistemática da logoterapia. Seria o livro *"Ärtzliche Seelsorge"* (algo como *"pastoral médica"*). Esse livro, junto com *"Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager"* (No Brasil - *sic! - "o homem em busca de sentido"*) foi gestado nos anos de sofrimentos e depois retomado e publicado em Viena com grande sucesso, em 1946.

A ocasião é interessante. Após o final da guerra e a libertação, Frankl foi incentivado por Pötzl a tornar-se professor na universidade, em Viena. Como um dos pré-requisitos era a apresentação de uma dissertação escrita, a pedido do professor Pötzl, Frankl retomou pela terceira vez o trabalho e ditou o livro a três estenógrafos ao mesmo tempo, livro que acabaria tornando-se

---

[44] Frankl, 1959-1984, p.13.
[45] Frankl, 1997a, p.97.

sua tese de doutoramento em filosofia. O outro texto, importante para este trabalho (*"Ein Psychologe..."*) foi ditado de um só golpe, em nove dias[46].

Desde então, tornou-se professor de neurologia e psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena. De 1946 até 1970 foi também ali diretor da Policlínica de Neurologia; foi professor também em Harvard, Pittsburgh, San Diego e Dallas, nos Estados Unidos. Além disso, como conferencista, visitou 209 universidades nos cinco continentes. Publicou 32 livros, que foram traduzidos em œrca de 26 línguas. 151 livros e 154 dissertações foram escritos a seu respeito e de sua obra (até dez/1998). Recebeu 29 doutorados *honoris causa*. Viktor Emil Frankl faleceu no dia 2 de Setembro de 1997[47].

A escola que Frankl fundou denomina-se às vezes logoterapia, às vezes terapia ou análise existencial (diferentemente da psicanálise existencial, de Binswanger). É uma orientação bastante difundida por todo o mundo, popular e, em geral, possui acento interdisciplinar e integrativo. As sociedades de logoterapia estão espalhadas por todos os continentes, em número considerável, e a escola é reconhecida, por exemplo, pela APA (EEUU)[48].

---

[46] Frankl, 1997a, p.104-112.

[47] Cf. o seu *Curriculum Vitae,* publicado pela Universidade de Viena, em http: //www. exp. univie. ac. at /~ves /vf i/CVENG.HTML.

[48] http://logotherapy.univie.ac.at/#Institute. Importante de forma particular por ter sido fundado por Frankl, este instituto reconhece como suas *"colaboradoras"*, respectivamente, sete sociedades na Alemanha, três na Argentina, três no Brasil (Porto Alegre, São Paulo e Campinas), duas na Itália, duas nos Estados Unidos, duas na Tchequia, uma no Canadá, na Colômbia, na Inglaterra, Hungria, Japão, Liechtenstein, México, Polônia, Holanda, Peru, Porto Rico, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça, África do Sul, Uruguai e Paraguai.

I. 2 VIKTOR FRANKL E A FILOSOFIA

A vida de Viktor Frankl foi caracterizada pelo esforço científico, bom humor, esporte e, não em último lugar, pelo confronto interdisciplinar. A leitura dos seus fragmentos autobiográficos assusta pelo número de autores e personalidades com quem ele se correspondeu e por quem foi estimado, de Alport a Mamie Eisenhower, viúva do ex-presidente dos Estados Unidos. Isso o caracteriza mais uma vez como autorizada testemunha do século XX, e aponta a necessidade de se estudar esse aspecto da sua obra.

Uma das suas facetas ou recortes interdisciplinares foi a filosofia. De fato, a sua tese de habilitação como professor terminou em um Ph. D. - mentes mais especializantes poderiam afirmar que um psiquiatra invadiu o campo de trabalho dos filósofos, quem sabe -, e a sua trajetória psicológica foi marcada por incursões ao campo da filosofia, como ainda por sucessivos e importantes contatos com vários autores e correntes do século passado e deste. É interessante examinar os mais evidentes pontos de contato entre o seu pensamento psicológico e a filosofia.

Frankl menciona a leitura de filósofos e cientistas naturais durante a sua formação médica. Lendo seus textos, é possível notar o quanto esta vertente iluminista e positivista o marcou com a obsessão dos dados. Em cada texto há sempre abundante recurso a temas e estudos experimentais, verificações empíricas, teses e projetos que ao menos ilustram os temas que ele aborda. Não que esta menção seja sempre perfeita. Às vezes o contexto parece um tanto forçado, as informações ficam um pouco soltas[49]. Ele não é um experimental puro. Mas ao mesmo tempo, pode-se

[49] Especialmente nas suas conferências. Cf. 1990, p.100-101.

notar a boa-vontade e o espírito de abertura para o dado e para a evidência que caracterizam o cientista experimental. Isso sem descurar a propalada modéstia que desde Bacon caracteriza a abordagem indutiva da ciência: Frankl procura ao menos fundamentar suas observações no campo da psicologia com algum estudo experimental. Fá-lo também com freqüência quando tenta relacionar os dois campos. Um problema que o persegue é a necessidade de fundamentação empírica do problema do sentido da vida.

O clima cultural de Viena na sua infância e adolescência, como já foi enunciado, era o da *Aufklärung*, do iluminismo. Frankl faz referência a constantes leituras dos livros de Wilhelm Ostwald e G. Th. Fechner, no tempo que separou as duas guerras mundiais. Como se sabe, também autores como Darwin, Lamarck, no campo da biologia, e outros característicos desse clima cultural, ajudaram a criar um meio propício à de fermentação e à divulgação das atitudes experimentais e dos laboratórios. Como se verá, uma antítese ao positivismo era o grupo de Brentano e de Husserl. Esse grupo o influênciará juntamente com as discussões sobre a psicanálise.

Outros autores do iluminismo que exerceram influência sobre o pensamento de Frankl durante a adolescência foram Christian Thomasius (1635-1728), empirista inglês que desenvolveu algumas considerações sobre as tendências humanas mais básicas: vida longa, fuga da morte e dor e desejo de possuir e dominar[50]; Christian Wolff (1679-1754) e Alexander Baumgarten (1714-1762) como predecessores de Kant (1724-2804).

[50] Gould, 1993, p.34.

Wolff direcionou o debate na filosofia até o século dezenove, dando forma a temas fundamentais, como a pergunta pelo papel da razão, pela natureza da liberdade e pela veracidade de toda *"filosofia do possível"*. Toda a filosofia, do tempo do iluminismo até o século XX, de Kant a Freud, vai ser elaborada dando pelo menos um pouco de atenção a essa maneira de levantar os problemas. Baumgarten alargou a razão discursiva por meio de uma teoria da estética como lugar de emergência e resgate da sensibilidade do ser humano.

Kant é patrimônio comum da humanidade, mas merece ser mencionado o fato de Frankl tê-lo lido indiretamente, através de Max Scheler que, durante o período dos seus estudos médicos, considerou como sendo a sua *"Bíblia"*[51]. Ou seja, desde estudante de medicina que Frankl é preocupado em temperar com alguma coisa mais que imperativos a moral formalista de Kant[52]. Esta menção a Scheler vai revelar-se preciosa na gestação do sistema da logoterapia.

A não adesão de Frankl às correntes filosóficas naturalista ou iluminista no sentido estrito - isto é, ateu e liberal - ainda é um caso a ser discutido com mais riqueza de dados documentais pelos biógrafos. Mas ao menos uma hipótese é necessária para explicar o fato. Por um lado, o seu contato com o personalismo, através da leitura de Scheler, teve preponderante na crítica a todo tipo de reducionismo naturalizante. De fato, uma das características do pensamento iluminista ou naturalista é a rejeição quase que *in toto*

---

[51] Frankl, 1997a, p.62.

[52] As citações de Kant são freqüentes em Frankl, no sentido de alguém que faz parte das fundações da civilização ocidental, especialmente no que tange à característica mais fundamental do pensamento moderno, o resgate teórico do tema da dignidade humana. Cf. 1990, p.63: *"Desde Kant o pensamento europeu soube pronunciar-se com clareza pela autêntica dignidade do homem:..."*.

da filosofia[53]. Pode-se também dizer que ele decidiu-se por explorar outras correntes filosóficas para atender à expectativa de um alto padrão ético e religioso fornecido pelo seu meio cultural, especialmente caracterizado pelo judaísmo.

A propósito da formação desse padrão, a figura da sua mãe foi determinante para equilibrar o temperamento espartano do pai[54]. É importante mencionar o papel da afetividade e da ética na gênese do seu pensamento porque ela parece até mesmo, ao menos no que Frankl relata, ter sido decisiva para que ele se decidisse pelo trabalho com a psicoterapia: *"...uma única coisa me compeliu a desenvolver e continuar no meu trabalho incansavelmente: a compaixão que sinto pelas vítimas do cinismo que infestou a psicoterapia atual, essa firma podre (sic!)"*[55].

Mais uma observação a propósito das dimensões emocional e ética na gênese do seu pensamento. Como se verá, uma das frentes de batalha de Frankl, literalmente, é o campo do nihilismo. Por isso mencionou-se o suicídio de Weininger. Para Frankl a posição nihilista é mascarada de objetividade (nos métodos), mas ultimamente é comprometida do ponto de vista financeiro (na prática). Ou seja, fazer com que o paciente gire por anos a fio ao redor da inexistência de sentido só pode ter duas causas: uma profunda ausência de sentido na vida do próprio terapeuta, ou as vantagens inegáveis em se ter alguém dependendo de si do ponto

---

[53] A atitude de Freud a propósito ilustra isso. Em Freud as referências filosóficas vêm normalmente postas com muita timidez, pois no seu meio, mais marcado pelo positivismo, a filosofia é conhecida como especulação. Cf. Assoun 1978, p.23 e passim.

[54] Frankl, 1997a, p.19-46.

[55] Cf. Cf. Frankl, 1997a, p.67; também 126: *"...meu modo de ver as coisas, sobre o qual eu me responsabilizo e que eu defendo, ataca o cinismo do qual o nihilismo deve ser culpado, e o nihilismo pelo qual o cinismo é o {*último*} responsável"*.

de vista emotivo, pagando sempre. Isso acontece tanto em tratamentos medicamentosos como em consultórios[56]. Para resumir, a recusa de Frankl ao nihilismo é de base ética. Ser nihilista na clínica é ser ao mesmo tempo cínico e irresponsável (porque impõe ao paciente uma visão de mundo que não precisa ser a dele). Mas também lucrativo (porque criará uma longa trajetória de dependência).

Essa questão contra o nihilismo vem, até onde se pode traçar a sua gênese, das suas raízes na cultura e religião judaicas. Frankl tem em comum com outros judeus importantes para a filosofia do entre-guerras a ênfase sobre o ponto de partida de toda a razão e civilização: é ético, e não apenas conceptual. Assim os inclassificáveis nomes de Gershom Scholem, Emmanuel Lévinas, Franz Rosenzweig, Dietrich Bonhöffer, Martin Buber, Hermann Cohen, Ferdinand Ebner, Walter Benjamin, Abraham J. Heschel, Edith Stein, todos nas fronteiras entre filosofia, teologia e ciência.

Os pensadores judaicos citados são de proveniências diversas e suas abordagens teóricas são diferenciadas. Mas eles têm um elemento em comum: tentam responder com atos e com palavras à *shoah*, aos acontecimentos da segunda guerra mundial e ao extermínio de sua raça e instituições. Desse contexto pode-se dar razão a essa interpretação cruel que eles partilham em relação ao nihilismo[57]. O movimento judaico pensa como um testemunho a partir do nada e para fugir ao nada, ou seja, à negação sistemática que um outro faz, em nome da força ou de uma ideologia, ao meu

---

[56] Frankl, 1988, *passim;* Gould, 1993, p.123.

[57] Ver Penzo-Ghibellini, 1993 (para uma introdução à questão filosófica no judaísmo contemporâneo, a partir do viés do problema de Deus): p.51-64; p.193-204; p.205-216; p.275-296; p.323-334; p.435-446; esp. P.617-630 (especificamente pensando depois de Auschwitz); Delacampagne 1995, p. 69-185.

direito de existir. O que se convencionou chamar de *"pensar Auschwitz",* ou *"pensar depois de Auschwitz"*. É neste registro comprometido com a existência que nasce o pensamento da logoterapia, que nasce a partir do paradigma repressivo peculiar demarcado pelo nome *"Auschwitz"*.

Deve-se supor também que Viktor Frankl tivesse algum tipo de contato com alguns outros autores que caracterizaram as leituras dos jovens dessa época, ou que ao menos fizeram sensação. Um deles merece ser mais uma vez lembrado, Otto Weininger. Um kantiano de segunda geração, Weininger escreveu uma obra que foi muito lida pela juventude vienense e além. Pessoas como Wittgenstein, Hitler, Freud, mostram em algum ponto de sua existência ter tido contato com essa obra, marco característico da atitude trágica do austro-húngaro diante do universo conflitivo[58]. Na verdade Weininger é o ideal do romântico que toma posição agressivamente diante do universo.

No dia 4 de Outubro de 1903, na mesma casa onde Beethoven falecera, na *"Schwarzspanierstrasse"* de Viena, Weininger é encontrado morto. Seu suicídio coroou à bala a escolha de um final trágico como reação ao vazio da existência. O tema será mais tarde um *tópos* existencial, um lugar comum para toda uma juventude desorientada pela pobreza e pela mortandade ocasionadas pela guerra e por um clima político extremamente opressivo, repressor e polarizado pelo *Reich*. Otto Weininger será a marca do estilo romântico e trágico, e a sua decisão suicida será imitada por gerações inteiras[59]. Na verdade, a tendência suicida já presente na juventude européia empobrecida, desempregada e

---

[58] Janik-Toulmin, 1991, p.55-64.
[59] Monk, 1990, p.19.

alienada - ocasião para a filosofia ser compelida a repensar a questão do sentido - foi aumentando em intensidade e circulação a partir do surgimento de figuras típicas, como a dele. E também contra esse tipo de movimento nihilista Frankl se insurgiu, fundando os centros de aconselhamento e verificando com a prática a eficácia da escuta psicológica.

O pensamento de Frankl é ainda fortemente influenciado pelas filosofias existencialista e fenomenológica. Essa filiação será explorada a seguir. Com alguma cautela diante da generalização, pode-se dizer que o pensamento de Frankl é herdeiro do existencialismo pelo que se refere a alguns conteúdos e temáticas (a do sentido, especialmente), e depende da fenomenologia sobretudo quanto ao método de abordar esses problemas[60].

Frankl é influenciado, não convencido: ele se afasta da ortodoxia de ambas as correntes. Nos escritos de Frankl não se encontra nem a coloração lúgubre e revoltada que às vezes caracteriza o grande existencialismo, nem a precisão técnica ou as minúcias descritivas dos grandes textos de Husserl ou Merleau-Ponty. Frankl é um usuário, não um adepto. E o uso que ele faz de elementos dessas correntes é sempre em vista de finalidades concretas, clínicas. E a sua clínica é vista como solidariedade qualificada, não como exercício de *techné.*

Certamente os clássicos fundadores do existencialismo alimentaram as inspirações de sua obra. Mas não se encontram em seus escritos citações de pensadores como Nietzsche ou Schopenhauer com muita frequência. Mesmo assim, as temáticas existencialistas se fazem presentes, especialmente enquanto montam o cenário contra o qual Frankl vai se abater (o nihilismo

[60] seguindo Ransom Giles, 1975, I, p.1-4.

nietzscheano e o pessimismo de Schopenhauer são constantes desafios ao seu esforço intelectual). As preocupações nietzscheanas de criticar a cultura vigente, ou de pensar a realização do homem para além de toda constrição, por exemplo. Em Frankl encontra-se uma estima deliberada da temática da autenticidade, onde com alguma paciência pode-se identificar um ponto de contato entre os dois pensadores.

Talvez seja possível encontrar uma parentela mais estreita em relação às problemáticas levantadas por Nietzsche que às respostas. Por exemplo, relendo os primeiros parágrafos de *"A Gaia Ciência"* nota-se o quanto Nietzsche levantou a voz desafiando os intelectuais, servidores da *"tragédia, da moral e das religiões"*. Seriam eles homens que *"favorecem a vida da espécie favorecendo a fé na vida"*[61].

Em suma, a antropologia de Nietzsche parece um quadro desafiador para quem queira pensar o ser humano ou interferir em seu destino. O homem sem Deus, sem referências, sem tradição, o seguidor de instintos da Gaia Ciência ou a criança que deseja tornar-se o super-homem do Zarathustra ou da Vontade de potência fornecem um quadro panorâmico que caracteriza muito bem o europeu da virada para o século XX. Esse material vai constituir uma das matrizes do pensamento de todos os pensadores da escola personalista, e também de Adler, mestre de Frankl por algum tempo[62]. E vai ser ao menos a referência usada por Frankl quando vai explicar a sua visão da neurose. De

---

[61] Nietzsche, 1886, p.32.

[62] Não se menciona a sua influência no pensamento de Hitler por ela já ter sido bastante explorada. Mas em todo caso, *Mein Kampf* tenta imitar o estilo grandiloqüente de Nietzsche, e o distorce na elaboração dos conceitos relativos à (*sic!*) raça ariana.

componentes amplos, ela se estrutura ao redor da insegurança do homem civilizado.

No seu pessimismo, também Schopenhauer pode ser visto como sendo uma das matrizes que traça o quadro da pergunta à qual a obra de Frankl será uma resposta. Na visão schopenhaueriana o mundo é essencialmente absurdo, *"vontade e representação"*, e o grande filósofo fica um pouco sem palavras diante da questão se a vida afinal merece ou não a pena de ser vivida.

Do outro extremo do existencialismo, o religioso, encontra-se uma outra referência. Na sua autobiografia, Frankl reporta uma citação de Kierkegaard que ele conhecia de cor, e que o ajudou a escolher a profissão de psiquiatra, porque essa profissão está mais próxima do que lhe parece ser a autenticidade. A citação é *"não se desespere ao tentar tornar-se o que é"*[63]. Frankl menciona também *en passant* filósofos como Herder e Espinoza.

Este último é citado como referência quando Frankl situa a busca pelo sentido da existência mais como tarefa passiva do que ativa. É sabido que a *Ethica* de Espinoza era livro altamente valorizado nos campos de concentração[64]. *"Este super-significado* (da existência) *nós não somos capazes de compreender, podemos apenas ter fé nele. Isso foi, em última análise, apenas uma redescoberta do* amor fati *espinoziano"*[65]. De fato, Espinoza compartilha com Montaigne, na sua geração, uma visão que se pode definir como neo-estóica da existência. A vida é vista por eles como um desafio enorme e dilatado em sentido temporal para a aceitação ou não de um destino que está muito além da

[63] Frankl, 1997a, p.52-3.
[64] Frankl, 1949-1984, p.80-82.
[65] Frankl, 1997a, p.56.

capacidade de ação do homem. Ser homem, para eles, é muito mais aceitar que fazer. Aceitar a ordem das coisas, desenvolver um sentimento de reconciliação com o cosmo, imenso demais para ser abarcado em conceitos, compreensível apenas no sentido de uma leve sabedoria operacional, e uma certa paz de espírito em relação a algo que ultrapassa a capacidade de deliberação e plasmação do homem.

Este fundo do pensamento tardo renascentista, cripto-existencialista se se quiser, influenciará o pensamento de Frankl quando a temática fôr a liberdade frustrada por acontecimentos dolorosos ou insuperáveis. A capacidade de avaliar a vida como um todo, *sub specie eternitatis*[66] era, segundo Frankl, uma das atitudes que decidia se alguém sobreviveria ou não ao campo.

A dupla de autores Kierkegaard-Nietzsche influenciou em cheio a formação da visão psiquiátrica de Karl Jaspers, autor cuja influência é inegável no campo da psiquiatria[67]. Elaborando essas noções culturais e apoiado sobre essa visão centrípeta do homem e de sua psique, que pode-se denominar de genealógica ou desconstrutivista, Jaspers re-elaborou as noções de doença (para homem em situação de doença) e de processo terapêutico (para interação terapêutica). Com essa revisão, a psicopatologia ganhou um enfoque totalmente novo em Jaspers[68], que ainda resiste até hoje, obviamente que já mediado por outras contribuições[69].

Mas o pensador existencialista que Frankl parece ter melhor assimilado foi Martin Heidegger. Na sua tarefa acadêmica de lecionar ontologia, Heidegger é o pai de uma revolução

---

[66] Expressão típica de Espinoza.
[67] Jolivet, 1961, p.265-347.
[68] 1959-1997, esp. p.1-50.
[69] Cf. Shorter, 1997.

copernicana, quando situa historicamente a tarefa de a filosofia tematizar a questão do ser. Ao invés de trabalhar com conceitos universais, os válidos para todos os tempos, Heidegger quer atingir o Dasein. O Ser é indeterminado demais, o homem é o ser que está aí. A questão filosófica mais urgente deve ser a identificação do sentido, para ele, da existência, que será substancialmente o que a etimologia já diz que é: sair para fora de si, ek-sistir.

Esta analítica existencial se concentrou na primeira parte da monumental obra *Ser e Tempo* e influenciou enormemente a Binswanger para a criação da sua análise do *Dasein* ou psicanálise existencial, e Frankl na individuação da maior doença do século, a falta de sentido, no dizer do padre vienense Juan Batista Torello[70]. Ambos dependeram de certa forma do contato com o eminente Jaspers, pesquisador e escritor prolífico desde sua clínica de Heidelberg.

A crise moderna é a crise do sentido da existência: sem deuses, tradições ou consciência de si mesmo, o ser humano adoece *"na alma"*. Esta questão foi levantada desde o neo-estoicismo de Espinoza, descrita pelos loucos de Nietzsche, e recomposta numa existência religiosa (absurda) por Kierkegaard. Ainda, descrita com consciência fatal por Schopenhauer e fôlego especulativo por Heidegger, que transformou o tema do sentido em uma questão própria ao ponto de vista filosófico. Frankl, juntamente com Binswanger e Jaspers, levaram esse *Mal-de-Siécle* para a clínica, respondendo com suas abordagens ao eclipse do sentido da existência. Em breve: o existencialismo do início do século sugeriu a Frankl e impostou as suas temáticas.

[70] Frankl, 1997a, p.66.

Mas há ainda outra vertente que merece atenção na individuação da gênese da logoterapia, a atitude fenomenológica. Ela refinou a capacidade de diagnóstico de Frankl, fornecendo-lhe alguns dos seus pressupostos metodológicos -isso sem mencionar o papel preponderante de Scheler na elaboração da temática dos valores.

Aliás, a filosofia de Scheler, será responsável pela tonalidade personalista de fundo dos textos de Frankl. A sua abordagem deve muito também a Husserl e ao mestre de todos eles, Franz Brentano. Aqui se encontra uma articulação possivelmente clara para os pressupostos da logoterapia. Nos limites deste trabalho, baste apenas apontar como Frankl herda a noção de intencionalidade e evidência de Brentano; a junção entre crítica da civilização e valores de Scheler e, enfim, como Frankl retoma de Husserl a noção de Lebenswelt para discutir e enuclear o que chama de sentido último.

Brentano (1838-1917) é o pensador nem sempre seguido e ainda menos estudado, apesar de sua importância[71]. Publicou contra Wundt e no mesmo ano que ele (1874) o livro que será o manifesto de seria uma psicologia científica, emancipada da psicologia. Wundt com seus *"princípios de uma Psicologia Fisiológica"* traça a linha de uma psicologia que buscará a sua cientificidade no desenvolvimento de uma técnica experimental rigorosa, na análise descritiva e na importância da aprendizagem. Nisso será seguido pelos grandes Fechner, Helmholz, G. E. Müller.

[71] Smith, 1996, p.2: *"O eixo central da Filosofia Austríaca, que espero mostrar em seguida, constitui-se a partir do trabalho de Brentano e de sua escola, ainda pouco estudado".*

Brentano está do outro lado, o da descrição fenomenológica e da importância da percepção[72]. A sua psicologia influenciará Freud, Hering, Mach, Husserl, Stumpf e Meinong. Como constituiu um poderoso contraponto à abordagem objetivista da psicologia científica, Brentano é um dos muitos intelectuais na história da psicologia que mereceria atenção especial[73]. A sua obra mais importante é a *"psicologia de um ponto de vista empírico"*.

Como a maior parte dos discípulos do mestre vienense, Frankl cita Brentano desde seus seminários e do movimento cultural que aquele soube criar, sem aparecer o suficiente para ser coberto de estudos. Em todo caso, as noções brentanianas de evidência e de intencionalidade marcaram profundamente toda a vida e as reflexões de Frankl.

A evidência enquanto conceito filosófico-teológico nasce do contexto particular da filosofia de Brentano. Na sua formação filosófica ele dera muita atenção à leitura de Aristóteles, o que lhe abriu o espectro empírico-descritivo, ou seja, fundamentou a sua vertente do realismo. Por outro lado, ele atravessou as revoluções cartesiana, humeana e hermenêutica na filosofia, tendo sido discípulo de Dilthey nos seus anos de estudante de filosofia.

Brentano é fundamentalmente um epistemólogo, no sentido de buscar fundamentação para o conhecimento e, irredutivelmente, uma fundamentação que seja unificadora. Nada de Geisteswissenschaften (posição de Dilthey) concebidas como ciências opostas às naturais. Brentano advoga, pelo contrário, uma sólida fundamentação para a ciência na filosofia e, para a filosofia, um método de ciência natural. Sua habilitação como professor foi

[72] Boring, 1950, p.351 em Brentano 1995, xiv nota 20.
[73] Wertheimer, 1975, p.90-95, sobre o grupo constituído por Brentano, Stumpf e Müller, contraposto à escola de Wundt.

um conjunto de 25 teses, a principal das quais afirmava que *"o método da filosofia não é senão o das ciências naturais"*[74]. É o empirismo austríaco, que deve ser bem diferenciado do britânico.

Há um ponto particular que distingue Brentano daqueles: ele concebe a ciência natural fundamentada sobre a indução, como era de se esperar. Porém, concebe a indução em um quadro cartesiano, como poder sintético e elaborador de conceitos sobre a realidade como um todo. Enquanto isso, a ciência natural dominante concebe a indução no quadro causa-efeito, como tentativa parcimoniosa de prever fatos particulares a partir de outros fatos particulares, como em Bacon[75] ou Hume. Ciência, para Brentano, é tentar estabelecer leis gerais partindo de fatos particulares[76]. Uma espécie de ontologia da realidade, que se fundamenta numa ontologia da mente[77]. Se considerado apenas a partir destas sugestões metodológicas, pode-se já entender a importância de Brentano para a ciência no século XX.

Isso conduz a discussão a alguns pontos cruciais. Em primeiro lugar, Brentano elabora a noção de evidência, que deverá servir para salvaguardar o acesso ao dado empírico, bem como a possibilidade de se generalizar as observações. Brentano, como os seus contemporâneos, é fascinado pelo fato de se afirmar que não

---

[74] Smith, 1996, p.31.

[75] como quando ele distingue entre antecipações e interpretações da natureza. As antecipações, mais rigorosas e baseadas na indução, são mais confiáveis. Cf. Bacon, 1955, p. 467, XXVII-XXXI.

[76] Certo, a vertente dos seguidores de Brentano pecará às vezes por uma certa falta de *"recorte"* na sua estruturação. Os empiristas ingleses e seus seguidores, porém, pecarão por excesso, o que dará no pensamento tecno-pragmático americano (diz-se tecno-pragmático para preservar da pecha empirista a vertente pragmática de C. S. Pierce).

[77] Smith, 1996, p.32. Daqui vai sair a concepção particular de filosofia de Husserl, como ontologia formal ou ciência de rigor, que fundamenta o trabalho das outras ciências, ou ontologias regionais. Também Merleau-Ponty, 1973, p.29-33 e *passim.*

existem conceitos inatos, e que tudo, todo o edifício do saber, deriva da experiência. Assim, a verdade enquanto conceito mesmo formal, deve ser explicada por vias empíricas. Sem a salvaguarda de conceitos inatos, e sem recurso a formas a priori de espaço ou de tempo, Brentano se vê acossado e obrigado a explorar justamente a noção de experiência.

É no concreto, no mundo empírico, que se fundamentam a ciência e a filosofia. Mas é necessário, segundo Brentano, entender melhor o que seja este *"empírico"*[78]. Na verdade, para ele, todo o conhecimento científico deve atravessar a unidade da consciência humana, e esta unidade é a da experimentação. O homem vê o mundo e o reconstrói em si mesmo, e esse mundo passa a funcionar como conceito de mundo. Isto é, o ser humano funciona a partir da experiência, e é necessário fundamentar a construção, ou o pensar originário deste mundo da experiência em algo que seja formalmente mais seguro que a multiplicidade da sucessão tempo-espacial em que os conceitos são pensados.

Daí a necessidade de se pensar o conceito de evidência[79]. A evidência é uma instância gnoseológica que funciona como uma espécie de tribunal de onde o ser humano julga a percepção da realidade e a unifica como um todo, formulando o juízo, ou seja, tomando posição em relação a ela. Em debate com a ausência humeana de um *"eu"* unificador da experiência múltipla dos sentidos, Brentano vê a dialética do uno e do múltiplo como sendo cristalizada ao redor de uma capacidade de colher a essência da percepção e transformá-la em dado *"objetivo"* (porque conforme

[78] Brentano, 1995, x.
[79] Stegmüller, 1977, p.23-57, esp. 30. Brentano não é um empirista nato, mas um culto aristotélico acuado.

ao objeto e conforme à estrutura do cognoscente): a consciência, que trabalha estribada apenas em evidências.

A evidência é a autenticidade da experiência singular, aglutinada ao redor de um juízo. Na evidência do conhecimento que se apresenta à consciência, Brentano resume o ponto de partida para a ciência e para a filosofia. Para a ciência, porque o dado será o que a consciência escolhe; para a filosofia, porque daqui elabora-se com mais clareza o conceito de razão enquanto substancial aderência à realidade das coisas, sem perder o seu caráter de formuladora de posicionamento.

A instância que elabora a evidência como conhecimento, é outro conceito fundamental para Brentano, a intencionalidade da consciência. De uma maneira breve, pode-se resumir um pouco da sua abordagem deste ponto na sentença onde ele afirma que *"...Todo fenômeno mental inclui algo como objeto dentro de si mesmo, ainda que nem todos da mesma forma. Na apresentação algo é apresentado; no julgamento algo é afirmado ou negado; no amor amado; no ódio odiado; no desejo, desejado, e assim por diante"*[80].

Toda consciência é consciência de alguma coisa. Deste simples axioma surge toda a elaboração husserliana ulterior do método fenomenológico. Este axioma também será o ponto de partida de Sartre, na sua tese doutoral. Para a psicologia existencial, a intencionalidade da consciência significará, como se poderá ver, o primado da decisão sobre o condicionamento. O ser humano é definido como sendo, primordialmente, intencionalidade. A sua existência, como urgência ou tarefa de auto-plasmação, de ex-sistência, de ser para fora de si mesmo.

[80] Brentano, 1924, p.24, em Smith, 1996, p.35.

E a intencionalidade pode ser algo de autêntico, enquanto é o fundamento da própria experiência de humanidade. Ser homem é ser-para, ser-diante-de, ser-para-fora a partir de si-mesmo. Daí a posição de Frankl que há um ponto em que se chega ao fundo da consciência do paciente, e esse ponto é a instância de tomada de decisões, antes de descer aos porões do inconsciente[81]. Antes de atravessar o limite a consciência guarda a autenticidade, o que, em psicologia, vai deslocar o acento posto pela psicanálise de Freud no quadro evolutivo para o quadro constitutivo, ou seja, do passado para o futuro.

Edmund Husserl (1859-1938) é outro autor relevante para situar a gênese do pensamento de Frankl[82]. O pensamento de Husserl cobre inúmeros aspectos da filosofia e da psicologia, estendendo-se também à lógica e epistemologia. Para a finalidade deste trabalho, será mais relevante a sua elaboração do conceito de *Lebenswelt,* ou seja, mundo da vida (ou da experiência).

A tematização desse conceito é o que faltou a Brentano, que não conseguiu fundamentar sobre solo suficientemente empírico o seu conceito de evidência. Husserl será uma espécie de corretivo, para redimensionar todo o campo de onde deve partir a investigação intelectual. Ou melhor, pode-se partir da evidência, e Husserl passará grande parte de sua vida trabalhando o conceito de evidência fenomenológica, um dos conceitos mais sofisticados de toda a história do pensamento. Só que este outro vienense desceu mais um degrau na discussão, depositando no solo de onde

---

[81] Ele denomina estas reflexões de logoteoria. Cf. Frankl, 1997a, p.75 e esp. 126: *"o desmascaramento tem que parar em algum lugar, e o lugar onde se deve parar é onde o psicólogo desmascarador se confronta com algo que não pode ser desmascarado pela simples razão que é genuíno"*. Daqui dizer que ele entende genuíno no sentido do essencialmente constitutivo do humano enquanto tal.

[82] Mueller, 1976, p.189-197.

surge toda a ciência e toda a filosofia a questão dos pressupostos do pesquisador. Depositando no solo, porque a questão é um problema insolúvel, uma antinomia no sentido kantiano.

A ciência, como a filosofia, é um discurso especializado. A noção de *Lebenswelt* em Husserl é uma tentativa de chamar a atenção para o fato que todo discurso especializado tem sua fonte originária e indispensável em noções pré-filosóficas e pré-científicas. Isso todos sabem. Mas onde Husserl discute o problema, é quando diz que essas noções são imprescindíveis para a edificação do próprio discurso. Mais um item para acrescentar à modéstia científica: a crítica implacável dos próprios pressupostos[83].

Este tema é muito importante e vasto, atacado em vários lados na epistemologia do século XX: Foucault, Habermas, Popper, Canguillem, as Teorias críticas (Horkheimer-Adorno), Bachelard e mesmo os reelaboradores de Freud (Lacan, Laplanche, Winicott) devem enfrentar este desafio: mostrar como eles transformam uma experiência singular, polissêmica e indeterminada, em um discurso universal que deve gerar modos de procedimento para outras pessoas.

É no seio desta discussão que a elaboração dos conceitos de Frankl sobre a religião, ganham fôlego[84], e não no campo da disputa de clientela entre as diferentes formas cúlticas. Se idéias como as de inconsciente religioso e sentido último forem trabalhadas e suas conseqüências clínicas ao menos esboçadas, tem-se um aparato crítico de considerável valor.

[83] Mueller, 1976, p.190.
[84] Tema a propósito do qual ele escreve o seu *"último livro"* - na verdade não o último mas o último que ele viu reeditado em vida Cf. Frankl, 1997b.

Finalmente deve-se fazer justiça ao mencionar-se o nome de Max Scheler (1874-1928). A sua obra capital, o calhamaço sobre o *"Formalismo na Ética e a Filosofia dos Valores"* foi muito lido por Frankl nos anos de sua formação médica[85]. A partir deste texto e do conjunto de sua obra pode-se notar em Frankl a influência de alguns temas que se tornarão centrais: a noção de valor como crítica cultural, o desenvolvimento de uma ética da vontade como ponte entre psicologia e filosofia, as considerações sobre o valor da pessoa humana e a dignidade da vida como projeto único, baseado na *"ética do coração"* pascaliana[86].

A noção de valor é para Scheler o ponto a partir do qual ele vai repensar toda a ética kantiana e, assim, acrescentar um momento de responsabilidade na elaboração da antropologia para um europeu que está se tornando cada vez mais brutalizado ou, ao menos, burocratizado, pelos problemas da civilização.

Segundo Scheler, em Kant ocorreu uma redução dos valores àqueles da esfera tecnológica. Para Kant ser bom é obedecer, agir de acordo com os imperativos que se apresentam à razão e que são capturados e desenvolvidos na lei objetiva pelos legisladores. É a ética da obediência, mas também do ressentimento. Formal demais para encantar, produz gerações inteiras de homens frustrados, cuja existência vai caindo num repetir-se mecânico e vazio, se bem que obediente, útil ao legislador e lucrativo para o homem dono dos meios de produção (lembrando Marx). A esse tipo de ética, Scheler opõe uma busca pelos princípios, uma axiologia, e desenvolve com minúcia a noção de valor -

[85] Frankl, 1997a, 62, *"cujo* Formalismus in der Ethik *eu carregava comigo como uma Bíblia"*.
[86] Ransom Giles, 1975, I, p.1-75.

elaborando, nesse desenvolvimento, uma visão particular do método fenomenológico.

O homem é visto por ele como em caminho para a realização de finalidades, ou seja, em caminho de personalização, de plasmação no sentido da autenticidade, e é atraído por valores, em seu agir, sendo o amor, o ágape, a coroação deles. Daí que se desenvolve toda uma fenomenologia dos valores, articulados em esferas gravitacionais: dos transcendentes aos técnicos; tipos ideais: do santo ao eficiente; e conceitos ou expectativas de realização, que vão do sentido último à eficiência de uma tarefa bem realizada[87].

Neste sentido, o papel da faculdade da vontade será importante para Scheler, enquanto desejar passa a constituir algo importante para a constituição da existência do homem. O homem deve desejar, e seu desejo deve ser refinado e dirigido para valores de esferas constitutivas do que seja propriamente humano, direcionado a esferas sempre mais totalizantes da existência. Ou seja, deve ser envolvido como um todo, no movimento da busca de realização. E esta realização não é encontrada numa perfeição solitária, mas na doação e na comunicação interpessoal.

Realizar-se é assim personalizar-se, constituir a própria existência como um todo, em um projeto único que gravita em torno da realização de possibilidades humanas que são atualizações de valores sempre maiores e mais provocadores que a opaca cotidianidade e cumprimento de tarefas[88].

[87] Ransom Giles, 1975, p.15.
[88] Scheler movimenta-se na linha de Mounier, mas guarda uma parentela maior ainda com Blondel, outro fundador do personalismo.

A maior diferença entre Scheler e Frankl é que Scheler é até certo ponto herdeiro de Pascal, formulando como alternativa à ética formal dos imperativos de Kant, uma ética que recupera as chamadas razões do coração. Em Frankl a atitude vai ser um pouco mais agressiva, e ele não se confina aos sentimentos. Os valores são capturados na consciência, e funcionam como motores transcendentais para configurar toda a estrutura da psique humana[89]: Frankl pensará como cientista, se bem que como um cientista que trabalha no registro da linguagem comum. Em seu pensamento existe uma nota discreta de pensamento transcendental no sentido kantiano, que lhe permite generalizar algumas noções importantes.

I. 3 POR QUE VIKTOR FRANKL?

Completa-se aqui um panorama para responder à pergunta *"por que Viktor Frankl?"*. Para deixar clara a sua relevância para a história da psicologia no século XX, pode-se retomar algumas considerações para deixar clara a sua figura de testemunha dos eventos do século, e a relevância da sua tentativa teórica. Se a questão é sobre a consistência do seu pensamento, ainda, a resposta é apontar as suas idéias como ponto de cruzamento entre inúmeras tendências teóricas importantes e inexploradas, até certo ponto[90] - e como núcleo possível de onde se podem extrair vários temas fecundos para discussões.

O estilo em que estão escritos os textos de Frankl situa-o em um terreno bastante próximo ao que ele chama de *"homem das*

[89] Gould, 1993, p. 86-89.
[90] Mencione-se, por exemplo, a questão da relação entre Frankl e o judaísmo, cf. Bulka, 1998, esp. P. 61-101.

ruas"[91], o cidadão comum, com uma formação suficiente para ler material de discussão e divulgação científica, mas sem interesse particular por problemas minuciosos ou especializados demais. Isso significa que o seu vocabulário é em geral simples, sem dispensar um termo técnico aqui, outro ali, mas os termos são em seguida explicados, o que faz pensar que ele se refere de preferência à comunidade leiga, e a maior parte dos seus textos foi escrita com a finalidade de divulgar as suas idéias, não de fundar formalmente um pensamento.

Das leituras e correntes que foram mencionadas acima, as que estão mais próximas aos textos de Frankl, especialmente aos discutidos, são, como já se disse, o existencialismo (que resgata o problema do sentido), a fenomenologia (que fornece alguns conteúdos e a atitude geral, descritiva e compreensiva), a sua reivindicação por um lugar na história da psicanálise. Estas correntes são precedidas por um núcleo regulativo que une formação religiosa e indignação ética com a *shoah* (extermínio) do povo judaico.

Em primeiro lugar, nota-se ao longo de todos os textos de Frankl um clima de profunda indignação com a injustiça[92]. A sua obra mais conhecida começa com a indignação contra os campos de extermínio, mas não se detém aí. Ao longo de sua vida, Frankl manifesta também incômodo diante do nihilismo e dos colegas reducionistas. Este ponto deve ser resgatado como sendo a

---

[91] O *"homem das ruas"* é importante porque, justamente por não estar muito informado a respeito das teorias psicológicas, não está também deformado, em sua auto-consciência, pelo seu reducionismo. Cf. Frankl 1997b, p.122. Ele possui uma *"consciência ontológica pré-reflexiva"(pre-reflective ontological self-understanding)* da qual Frankl derivará *"uma inteira axiologia"* (Id. ibid., p.123).

[92] Nos primeiros parágrafos da obra sobre o *Lager* nota-se o clima, quando Frankl anuncia que a obra não é sobre o heroísmo dos já aclamados, mas sobre os inúmeros sofrimentos cotidianos de prisioneiros desconhecidos. Cf. Frankl, 1959-1984, p.17-18.

manifestação de uma tentativa que ele realiza, mesmo inconscientemente, de harmonizar uma formação humanista e religiosa à prática científica.

Como já se mencionou, os filósofos existencialistas forneceram a Frankl o material que o fez conjugar o desafio do sentido à temática da saúde mental e especialmente da neurose. Mas o pensamento filosófico aparece esparso em referências bastante discretas. Frankl parece estar tomando de empréstimo as temáticas, sem tomar partido por uma ou outra escola. É comum que ele cite homens que levantaram os problemas antes de abordá-los. Neste sentido as citações de Nietzsche e Spinoza são freqüentes. Além deles, devem-se mencionar muitos poetas, de Schiller e Goethe a outros menos conhecidos.

De outra parte, quando vai fornecer respostas, pelo número assíduo de citações, Frankl parece depender muito da obra de Max Scheler. A obra deste filósofo parece tê-lo ajudado na sistematização do tema dos valores, mas também em seus discursos sobre o amor humano e a sua especificidade ou irredutibilidade a um fenômeno puramente biológico ou pulsional. As citações de Brentano e Husserl são menos freqüentes, mas manifesta-se na organização textual de Frankl o interesse por uma descrição sensível e proporcionada dos objetos tomados como fenômenos, o que faz supor que ele se identifica também com a corrente fenomenológica.

Em psicologia, as citações mais frequentes são, sem dúvida, as de Freud e Adler[93]. Com razão foi dito que a sua é a terceira escola vienense de psicoterapia. Parece que Frankl autoriza essa

[93] Cf Frankl, 1997a, p. 47-63, etc. À exceção da veia polêmica quando fala da expulsão da Sociedade de Psicologia Individual, de Adler (62), o tom em geral é de respeito pelos mestres.

opinião. Se isto for correto, então infere-se que ele se considera na posição de discutir e talvez redimensionar alguns pontos de partida da psicanálise, relendo as considerações freudianas a partir do que denomina uma antropologia *"dimensional"*, o que se resume em dizer que, além das dimensões instintuais/pulsionais do homem, há camadas caracterizadas pela busca de autenticidade e de sentido, que ajudam a repensar toda a estrutura da psicologia[94].

Postas as credenciais de Frankl, deve-se em seguida passar a considerar a sua elaboração dos vários problemas que constituirão o conjunto que aqui recebe o nome de ponto de partida da psicologia: o *ethos* dinâmico de onde surge a pergunta terapêutica, a relação entre a humanidade do especialista e a sua formação técnica, o seu apreço pelas dimensões constitutivas da existência humana, a sua relação ou situação relativamente à cultura.

[94] Cf. especialmente Frankl, 1997b, p.137 e passim.

Capítulo II

PARA ALÉM DA NEUTRALIDADE: HORIZONTE E POSIÇÃO DE FRANKL

Auschwitz faz repensar a identidade do psicólogo e o paradigma da psicologia: o homem reprimido em sua essência.

PARA SE ENTENDER DE ONDE PARTE o pensamento da ciência psicológica em Viktor Frankl, é necessário remontar ao momento em que se deu a gestação mais imediata de suas teorias psicológicas, a sua estadia de três anos sucessivamente nos campos de concentração de Theresienstatd, Auschwitz, Kaufering III e Türkheim, de 1942 a 1945[95]. Este tempo foi marcado pela revisão de suas idéias, e pela redescoberta de alguns elementos existenciais.

A seguir tratar-se-á do relato de Frankl sobre a sua estadia nos campos de concentração[96], concentrando a atenção sobre dois aspectos. Um primeiro aspecto é a importância que esses anos de experiência tiveram para assentar o horizonte dentro do qual se movimenta o seu olhar para a psicologia. Argumentar-se-á que é nos campos de concentração que Frankl experimentou em primeira mão a questão se tornará para ele a da repressão do sentido[97].

---

[95] Frankl, 1997a, p.76-102.

[96] Viktor Frankl, ***Man´s Search for Meaning. An Introduction to Logotherapy.*** New York: Touchstone, 1959-1984, p. 17-100.

[97] Assim denominado em seus textos mais maduros, e.g., 1997 (***Man´s Search for Ultimate Meaning***) p.72-73. Pode-se falar de paradigma em Psicologia? Se o tema da epistemologia de T. S. Kuhn ainda não perdeu a sua validade, não interessa

O segundo momento deste texto tratará de entender o sentido em que a experiência ajudou-o a elaborar a sua posição relativamente à questão da objetividade do ato científico, ou seja, tanto da sua auto-definição como da sua atuação enquanto terapeuta. Conforme se verá, o terapeuta é para Frankl alguém que abandona a posição de superioridade para pôr-se na situação do paciente. Sem perder as suas qualificações científicas, o terapeuta será delineado na figura de um ouvinte solidário.

II. 1 HORIZONTE DO SENTIDO, O GRANDE REPRIMIDO

Em um livro clássico, ditado entre lágrimas a três secretárias, Frankl tenta resgatar *a "exata natureza"* das suas experiências nos campos de concentração. A narrativa se abre com uma pergunta que a caracteriza como um misto de relato de caso clínico e testemunho que parte de material autobiográfico[98]. A obra é rica de dimensões e, apesar da simplicidade da organização do relato, distingue-se em alguns diferentes planos ou estratos de elaboração.

Uma das intenções manifestas de Frankl é relatar, como se fosse um testemunho, a situação pela qual passaram os judeus nas fases mais agudas do antisemitismo e do próprio movimento

---

diretamente a este texto. Por isso a palavra "paradigma" é evitada, mas usa-se o termo *horizonte* epistemológico. Mas aqui levante-se e deixa-se em aberto a questão se, de Freud (ou seja, da geração dos que enfrentaram a civilização "vitoriana") a Frankl (ou seja, dos marcados pelo absurdo de Auschwitz), pode-se pensar em uma verdadeira mudança ou ampliação do paradigma no pensamento psicológico.

[98] 1959-1984, p.17. O texto merece a completa transcrição: *"Esta narrativa não se ocupa tanto com os grandes horrores, que já foram descritos com frequência suficiente (mesmo tendo recebido crédito menos freqüente), mas com a infinidade de pequenos tormentos. Em outras palavras, tentarei responder a esta questão:* ***como é que a vida cotidiana em um campo de concentração refletia-se na mente de um prisioneiro****? ... Esta história não é sobre o sofrimento e morte de grandes heróis e mártires..., mas sobre os sacrifícios, a crucifixão e as mortes do grande exército de vítimas desconhecidas e não lembradas"* (Tradução e negrito do Autor deste texto). Este caráter de narrativa híbrida aproxima os escritos de Frankl e de Freud, guardando, porém, a simplicidade muito maior do primeiro.

que chamaram de *Shoah*, ou extermínio, durante a Segunda Guerra Mundial. O texto traz descrições mais ou menos completas de aspectos da vida num campo de concentração, sempre lembrando que os campos onde Frankl esteve ainda não foram os piores da Segunda Guerra, e que o tratamento reservado a médicos era muitas vezes privilegiado, em comparação com o que os prisioneiros normais recebiam. Em seguida lembrar-se-ão os aspectos mais destacados destas descrições. Eles são destacados por transcenderem o relato de Frankl para caracterizar, na verdade, de forma típica, a condição de despersonalização a que chegou no século XX o *"sujeito"* moderno.

Em primeiro lugar, a relação do prisioneiro de um campo de concentração com as autoridades nazistas, responsáveis pelas suas condições de vida, saúde, trabalho e subsistência, é descrita por Frankl como altamente estressógena. O prisioneiro encontra-se em um estado de permanente tensão. Os nazistas eram conhecidos pela sua crueldade e pela ironia sistemática no trato com os prisioneiros, especialmente judeus, considerados raça inferior e incômoda[99].

Tudo no campo de concentração fôra pensado no sentido de tornar mais difícil o trabalho para a integridade emocional dos detentos. Pelo contrário, as condições eram tão adversas quanto fosse possível. Os responsáveis pelos prisioneiros tratavam-nos aos berros, espancamentos e outros tipos de punição eram comuns[100]. Era comum que, mediante adulação, alguns prisioneiros subissem de posição, até serem responsabilizados

---

[99] Frankl, 1959-1984, p.91-93.

[100] A violência usava qualquer desculpa. Mesmo as inspeções aos blocos onde os prisioneiros se amontoavam eram pretextos para torturá-los, cf. Frankl, 1959-1984, p.31-73.

pelos nazistas por alguns serviços de organização e distribuição de materiais de trabalho, alimentos, ou outras coisas. Esses eram os "Kapos[101]", temidos por todos e tidos por traidores[102]. A sua simples presença deixava desacreditada a crença na solidariedade humana. Estes dados mostram o quanto um contingente enorme de homens foi submetido à sistemática tentativa de desintegração de todos os tipos de padrões morais e psicológicos.

O detento aparece, ainda, no relato de Frankl, como subnutrido e sobrecarregado de trabalho. A tônica da experiência de trabalho nos campos de concentração foi a alienação[103]. Os prisioneiros foram sistematicamente submetidos ao trabalho escravo, para produzir material para o esforço bélico dos nazistas. Na verdade[104], os campos de concentração foram, sucessivamente, na Segunda Guerra Mundial, campos de prisioneiros, campos de trabalho escravo e, enfim, campos de extermínio e experimentação inescrupulosa.

Nos primeiros anos da guerra, Hitler prometia sucesso muito rápido. Nesta primeira fase, os campos nada mais eram que grandes prisões para os inimigos capturados na guerra. Mas com a organização das forças aliadas, isto é, com a constituição da guerra como realmente uma guerra mundial que, praticamente, dividiu o mundo em dois blocos e aumentou a resistência à expansão nazista, a coisa mudou de figura. Os campos de

---

[101] Frankl, 1959-1984, p.39.
[102] Frankl, 1959-1984, p.18.
[103] O que ele denomina de *"existência provisória"* (*"Provisional Existence"*), no sentido de não saber nada sobre si mesmo, nem se vai haver futuro, ou qual será. Tudo está nas mãos dos nazistas. Cf. Frankl, 1959-1984, p.32-78.
[104] Para estes dados foram consultadas as fontes judaicas de divulgação sobre o Holocausto na Internet. Por exemplo: http://www.wiesenthal.com/resource/36qlist1.htm

concentração, também sob influência do veneno antisemita[105], tornaram-se os campos de extermínio cujas fotografias o Ocidente de vez em quando gosta de admirar para sentir-se menos responsável por elas. Seis milhões de judeus foram mortos em um projeto que chamou-se de varredura, ou de *"solução final"*[106] pelos nazistas.

Resta um paradoxo: por um lado o nazismo queria eliminar os judeus, católicos, poloneses e todos os não-arianos da face da terra. Por outro lado, os aliados cada vez mais organizados cortavam lentamente os canais de suprimentos das forças do Eixo. Daí a necessidade de utilizar os prisioneiros como mão-de-obra escrava[107]. Isso explica a crueldade com os prisioneiros. Ela era motivada pelo fato de, por um lado, os nazistas odiarem os presos. Por outro lado, quanto mais os odiavam, mais precisavam deles para construir ou reparar estradas de ferro, máquinas, cortar e preparar madeira, produzir combustíveis, e assim por diante.

Além de alienado pelas condições de trabalho, o prisioneiro que caía no campo tinha a doença como companheira diária. A situação era de ansiedade constante, até o ponto onde o prisioneiro caía numa espécie de indiferença, ou redução do tônus

---

[105] Instilado no povo alemão por propaganda maciça, que incluía cinema, leituras e música e, sobretudo, as distorções da filosofia de Friedrich Nietzsche reeditadas e espalhadas por sua irmã Elisabeth. É profundamente injusto aliar Nietzsche à pseudofilosofia de Hitler. Essa aliança não é autorizada por sua vida, nem por suas obras. Somente pela má-fé da propaganda ideológica que precisava do símbolo de um "grande germânico" - que por sinal chegou a renegar o próprio passaporte, quando viu o tamanho da farsa.

[106] I. é, limpar o mundo dos judeus. De fato, as fontes contam de seis a nove milhões efetivamente exterminados nos campos.

[107] *e.g.* Frankl, 1959-1984, p.56-61.

da sua atividade psicológica[108], como mecanismo de defesa contra a barbárie.

O espaço de convivência era reduzido. Os detentos amontoavam-se em catres minúsculos, uns por sobre os outros, com roupas imundas[109] e sem muitas chances de trocá-las, em muitos campos. Nos últimos anos da guerra, ou dependendo ca crueldade dos nazistas, novas roupas eram conseguidas roubando os mortos. Os sapatos eram trocados, deterioravam-se com rapidez pelas condições insalubres de trabalho, e a coisa se agravava quando era inverno. Sem meias nem cadarços, com os pés cobertos por edemas e inchados, os prisioneiros eram assim mesmo forçados a trabalhar normalmente.

Se caíam durante o trabalho iam para a enfermaria onde podiam dormir e apenas os mais gravemente enfermos recebiam medicação que consistia em aspirina, basicamente, e morfina para os casos de dor extremamente aguda. Mas o mais comum era os "fracos" serem mortos ou mandados para os campos de extermínio, onde seriam cremados. Os nazistas aproveitariam ainda os metais que constituíam as obturações de seus dentes para fundição de balas, armas ou especulação, no caso de ouro.

A ameaça da morte iminente por ter sido considerado "inútil" ou incapaz para o trabalho, forçava os detentos a tentarem manter a todo custo a aparência de saúde e disposição[110]. A doença mais comum era o tifo exantemático mas a anemia, causada pela subnutrição, minava o organismo que era mais

---

[108] Frankl, 1959-1984, p.35-71. É o tema conhecido da apatia como reação defensiva contra o meio hostil.
[109] Cf. Frankl, 1959-1984, p.37-39.
[110] Frankl, 1959-1984, p. 32: *"Se você quiser ficar vivo, pareça sempre apto para o trabalho"*, foi o conselho que lhe deram ao entrar no campo. Barbear-se diariamente, e nunca ficar pálido, *com cara de muçulmano"* cf. id. ib., 32.

vulnerável a todo tipo de inflamação, que podia vir de qualquer lugar: dos piolhos às feridas abertas pelas pancadas.

Com esse quadro em vista, as resistências dos presos eram mobilizadas em vista da pura e simples resistência à morte. O pensamento de suicídio ameaçava como um fantasma, e era comum ver algum preso correr na direção do arame farpado para morrer eletrocutado, se não fosse atingido antes por rajadas de metralhadora vindos das torres de vigia ou dos soldados em ronda. A propósito, morrer sem ter sido atingido era considerado mais honroso.

Dois sinais mostravam a intenção de alguém pôr fim à sua existência. O primeiro, mais óbvio, era quando o prisioneiro corria na direção do arame. O outro, quando fumava os seus cigarros. No trabalho, eles recebiam vales que poderiam ser trocados por comida ou por cigarros (em casos mais privilegiados, também por remédios, bebida ou roupas). Mas normalmente tudo tinha que ser trocado por comida, para que a vida fosse mantida, a todo custo, consumindo todas as calorias que a sopa rala pudesse fornecer. Quando um prisioneiro resolvia *"curtir um cigarro"*[111], isso era muitas vezes sinal de que ele decidira morrer mas, antes disso, precisava da anestesia do tabaco.

A estratégia para não morrer nos campos de concentração, relata Frankl[112], era manter-se concentrado no futuro, quando tudo aquilo acabasse. O pensamento de sobreviver a todo custo para poder fazer alguma coisa muito importante era, em geral, a única coisa que nutria alguma esperança. As fontes mais normais desse tipo de projeção idealizada eram o trabalho (alguma tarefa

---

[111] Frankl, 1959-1984, p.21.
[112] Frankl, 1959-1984, p.87.

de relevo para a comunidade científica, por exemplo), o amor (a família que hipotéticamente seria reencontrada depois da guerra) ou o Absoluto (pensar que tudo era feito diante de Deus).

Metade desses pensamentos que alimentavam o desejo de sobreviver podiam ser, na verdade, ilusões. A maior parte das famílias dos presos foram mortas e muitas propriedades tomadas ou destruídas. A própria família de Frankl não sobreviveu[113]. Pai, mãe e esposa morreram nos campos. A esposa, Tilly, estava grávida e foi obrigada a abortar já de início. Os que conseguiram resistir à guerra tiveram que enfrentar a típica síndrome pós-traumática que afeta a percepção da própria identidade, quando o espaço vital, as condições de trabalho e os laços afetivos são truncados.

Isso tudo é muito cruel, e o judaísmo responde muito bem quando olha retrospectivamente e diz, sobre a Segunda Guerra Mundial, ***Nitzkor!*** (nós recordaremos!). Isto, como se verá mais tarde, tem um significado especial para o desenvolvimento da visão desenvolvida por Frankl da psicologia.

No final da guerra em Nuremberg[114] foram julgados muitos nazistas e, em sua grande maioria, foram mortos. Mas o significado desses fatos históricos deixa ainda em aberto a pergunta sobre o seu significado. Na verdade, parece que, tendo culpado e devidamente punido os nazistas, o século XX finalmente teria exorcizado o fantasma da culpa, enforcando um punhado de homens como bodes expiatórios. É bom lembrar que muitos nazistas escaparam, e que houve outros campos de concentração

[113] Frankl, 1997a, p.104.
[114] Annas-Grodin, 1992, procura fazer um balanço equilibrado desses fatos na sua relação com a história da medicina.

que nem ficaram tão conhecidos (os japoneses) nem são tão visitados por turistas como o de Dachau ou Auschwitz e Birkenau.

O relato de Frankl deve ser estendido no contexto do século inteiro, para que se possa ver o quanto o campo de concentração é um acontecimento transcendente, e simboliza todo o século para tornar-se, de certo modo, o antítipo de um outro tipo de repressão mais cruel que a praticada pelo superego pequeno-burguês. Trata-se da repressão do que a psicologia precisa aprender a chamar de "dignidade humana".

Condições de trabalho violentas não são novidade desde as vésperas até o desenrolar do século XX. A revolução industrial sabe muito bem que os *Boulevards* de Paris, os monumentos da luxuosa São Petesburgo, os inúmeros automóveis que entopem cada vez mais as cidades, custam vidas[115]. Multidões de pessoas são encaixadas em uma ficção chamada mercado de trabalho, postas para trabalhar e produzir para que um número mais reduzido possa consumir. Os presos dos Campos de concentração são um símbolo, radicalizado *ad absurdum*, deste sofrimento que é a tônica da existência do homem comum.

Também o extermínio em massa é um velho conhecido. A Rússia Ortodoxa matou os seus milhões na virada do século. Contra ela, a geração dos renovadores se insurgiu e, por sua vez um deles, Stálin, criou os Pogrom (a versão russa da matança nazista) ou o ostracismo planejado que detonou vida e carreira de pessoas como Ana Akhmatova ou Bóris Pasternak, e torturou

[115] Berman, 1994, p.85-150 e passim.

outros, como Eisenstein e Prokofiev, para citar apenas figuras de primeira grandeza[116].

Mas o século continua com os seus horrores. No meio dele tem-se a China, matando os seus milhões; no Oriente outros se massacram pela criação do Estado de Israel. Mais recentemente a civilização do bem-estar acalenta o fenômeno das favelas, os frutos da guerra do Vietnã, a guerra da Bósnia. Sem esquecer Pol Pot, os massacres da Praça Vermelha em Pequim e as multidões que caíram sob a égide das guerras de emancipação nacional (enquanto a Índia conseguiu, os curdos ainda estão sendo exterminados). O Brasil em seus anos de ditadura militar também deu sua parcela de contribuição (torturas) para mostrar que um fenômeno característico do século XX é a repressão do homem no que ele tem de próprio, na sua dignidade, nos seus valores, na possibilidade de cultivar as suas idiossincrasias, aquelas que não se encaixam nos standards da modernização.

A intuição de Frankl é transcendente a Auschwitz ou a questiúnculas entre grupos religiosos ou políticos. Na verdade, o campo de concentração é o lugar onde Frankl experimenta e o horizonte a partir de onde registra a condição do homem no século XX: a experiência que ele relata é a da despersonalização, ou seja, a de um poder estranho, cruel, que sistematicamente e sem motivo reprime tudo o que não lhe produza proveito imediato. Este registro deve dar a pensar mais uma vez, no campo da psicologia.

O Frankl maduro refletirá sobre a repressão do sentido como sendo a experiência mais grave e também como sendo uma das

---

[116] Cf. as anotações "malditas" de Isaiah Berlin a propósito: Berlin, 1997, p.525 e passim, e as informações de Ignatieff, 1998, p.109 e psssim.

mais patogênicas da civilização ocidental. Este é o seu horizonte epistemológico, estas as linhas que demarcam a gênese do seu sistema. Em linha com o judaísmo contemporâneo, pode-se afirmar que ele pensa a psicologia enquanto teoria a partir de Auschwitz. E a partir deste ponto, levando em consideração que o século das indústrias é o mesmo século da asfixia do homem pelo desemprego, e o das filas do doente por um atendimento inadequado, mal-humorado e frequentemente mal-remunerado, resulta que, pensando o campo, como prisioneiro, Frankl fala do solo de onde pode partir uma consideração da condição humana como tal, situada historicamente.

Auschwitz representa a metáfora da alienação do homem pelo homem, a cifra do absurdo, a negação do sentido *tout court.* A reação possível a Auschwitz vai caracterizar o esforço sistemático de Frankl na tentativa de plasmar uma abordagem da psicologia como sistema de resistência e de reconstrução. O ser humano vai ser visto e definido a partir de sua nobreza espiritual, constituída sobretudo pelo fato inevitável de ser livre e de poder responsabilizar-se, escolhendo através de pequenas coisas o trajeto da sua existência. E escolhendo, ele se constitui como pessoa, que realiza uma tarefa que o transcende, que se ultrapassa no ato de amar ou que se entrega incondicionalmente a um grande Tu.

O sentido como um todo, como grande conquista não é atingível, mas pode ser buscado em pequenos atos que conferem fragmentos de sentido a uma existência cotidiana. Tem-se aqui o início de uma concepção psicodinâmica onde o material reprimido é representado por tudo o que há de nobre ou digno, onde o repressor é invisível, ou é uma construção social imposta

mediante um discurso aliciador. O que marca o trauma da civilização para Frankl é um conflito socrático: O psicólogo tem que fazer nascer de dentro do ser embrutecido, anestesiado, estressado ou esquecido, o homem refinado que torna-se pessoa mediante seus atos livres.

Freud redescobre a importância do resgate dos instintos no quadro de repressão vitoriana. Para Frankl, mostra-se a urgência do resgate da autenticidade no quadro de repressão como despersonalização ou alienação. Aqui Frankl foi além de Auschwitz e o seu testemunho alcança o século da revolução industrial e dos cartões magnéticos (ou seja, das pessoas reduzidas a números).

O próximo problema que será delineado, a partir do relato dos Campos de Concentração, será o da posição de Frankl. Ou seja, a questão é como ele articula, de maneira singular, a formação teórica com a prática. A finalidade da seção seguinte será mostrar como a experiência de prisioneiro acomodou a concepção de Frankl da relação entre o terapeuta e o seu paciente.

II. 2 POSIÇÃO: TROCA DE LUGAR EPISTEMOLÓGICO

Onde está, e quem pode traçar o limite entre a doença mental e a sanidade? Ou melhor, quem pode avaliar a condição de doença mental ou de neurose de um ser humano? Quão distante a psicologia pode ou consegue estar de seu objeto, a fim de ter elementos que a capacitem a responder a essa pergunta? A prática psicológica se decide no reino das teorias ou das atitudes? Em outras palavras, é melhor falar em método como atitude, como orientação do olhar, ou como treinamento técnico, no sentido de uma série de procedimentos puramente empíricos? E há meio-termo entre as duas tendências?

A história da psicologia já viu o psicólogo encastelar-se para tratar o paciente de uma torre de observação isolada e vitrificada, comparando reações do paciente às de animais para afirmar-se na galeria dos discursos científicos - e perder de vista o conceito de ser humano. Já viu o profissional da escuta meter-se em uma relação virtual de envolvimentos e transferências afetivas com as representações do paciente, até colocar a mão nas suas chagas - e correr o risco de confundi-las com as próprias. Já viu também o terapeuta que se confunde com o mesmo paciente, tornando-se um solidário - ou incompetente.

De um lado, o que se quer é a objetividade absoluta: quem não está fora do problema, não extrai ninguém. Do outro lado, o que se procura é a compaixão, também porque quem não entende, não sabe como agarrar, e fere mais que cura. Sensibilidade ou objetividade, sujeito ou objeto, onde está a linha que divide os confins da busca da verdade, ou que demarca a posição do terapeuta?

Também aqui o relato de Frankl pode ser inspirador, buscando um posicionamento que equilibra a tensão entre objetividade técnica e engajamento solidário. No seu relato Frankl é um psiquiatra tecnicamente bem formado ou um terapeuta que começa a pensar os primeiros elementos do seu sistema. Mas isso tudo só funciona quando ele adquire a sensibilidade que o capacita a compreender o paciente. E essa sensibilidade surge quando participa em primeira pessoa da dor daquele.

Ao invés de dar uma resposta teórica ou escrever sobre a dialética abstrata entre o sujeito e o objeto da psicologia, Frankl troca involuntariamente de lugar, e deixa por algum tempo de ser psiquiatra, para ser apenas um prisioneiro. É necessário mais uma

vez por-se à escuta do relato do campo de concentração para entender onde se fundamenta o posicionamento básico de Frankl como terapeuta. Entre outros[117], cabe aqui a menção de um paralelo possível: o tempo em que Freud se submeteu à análise e o tempo que Frankl passou na guerra em campos de concentração possuem o mesmo valor de fundação. Para ambos houve um tempo de mudança de lugar epistemológico.

A partir da morte de Jacob Freud (1896), seu pai, Freud viu-se obrigado a repensar toda a sua vida e atitude em relação à vida e também ao exercício da atividade científica. Na verdade, ele retomou com mais afinco, a partir da chamada mais forte para a empresa de resolução do complexo edípico, o processo de auto-análise que já andava desenvolvido. A história da psicanálise, como apenas um exemplo entre tantos na história da ciência psicológica, sempre mesclou ciência e autobiografia[118]. Freud afinou o seu lugar epistemológico a partir de acontecimentos de sua vida. A partir da morte de seu pai, ao menos, teve que administrar a chamada "culpa do vencedor" (a culpa de sentir-se vitorioso em relação ao falecido rival putativo, o pai. Rei morto, rei posto).

Mutatis Mutandis, a experiência do campo de concentração é importante para Frankl na constituição do seu sistema. Essa experiência formula o quadro a partir de cujas referências ele vai pensar a sua compreensão do paciente. Ou seja, Frankl não pensa o paciente como alguém desprovido de algo, e a atividade terapêutica como a prestação de um serviço ou o exame de um

---

[117] Um outro paralelo poderia ser traçado com a tentativa de Yalom, 1998. Ali ele explica em primeiro lugar, como um psiquiatra integrou a própria abordagem com uma forma própria de terapia existencial. Sucessivamente, como ele tenta divulgar essas idéias escrevendo literatura.

[118] Gay, 1995, p.95-6 e *passim.*

simples quadro sintomático. Ele vê no paciente a dor e, se tenta aliviá-la, é de certa forma por um tipo de engajamento numa forma de terapia como relação.

Há algumas evidências no seu relato para confirmar este tipo de injunção. Uma delas, é o fato de ele dizer-se, em mais que um lugar, orgulhoso por ter atuado pouco como psiquiatra no tempo da guerra[119]. Com esta fala ele troca de lugar, e põe-se do lado dos prisioneiros que, para sobreviver, têm que buscar arduamente um sentido[120]. Se ele é um psiquiatra, também é um ser humano em busca de sentido para a sua existência. É importantte recordar a relevância terapêutica que o seu trabalho teve para ele próprio, durante o tempo do confinamento. Em vários lugares do seu relato, Frankl afirma que constantemente pensava no futuro como tendo já sido superadas todas as crises daquela experiência, sobretudo a necessidade de sobreviver a todo custo.

Ao discorrer sobre as influências filosóficas sobre ele, afirmou-se que os textos de Espinoza influenciaram os seus dias de prisioneiro. É necessário especificar essa afirmação, dizendo que Espinoza, particularmente na sua ética, ajudou na formulação do conceito de auto-distanciamento. O homem, para poder ultrapassar um obstáculo, deve aprender a redimensionar o seu olhar. Deve ver as coisas como se já estivesse em um estádio definitivo de vida, de onde pudesse avaliar tudo com maior amplitude. Fundamentalmente, deve-se considerar a existência, a angústia do presente, em sua relatividade em relação ao futuro.

---

[119] Frankl, 1959-1985, p.21.

[120] 1959-1984, *passim*, esp. P.18-21, ainda, Frankl, 1997, p.98: *"Estou convencido de que devo a minha sobrevivência, entre outras coisas, à minha resolução de reconstruir aquele manuscrito perdido".*

Em geral pode-se afirmar que no relato de Frankl é muito esfumada a distinção entre o médico e o paciente. Frankl é, ao mesmo tempo, o psiquiatra aprisionado e indignado, e o homem comum, o cidadão que luta contra a loucura, contra a idéia de suicídio ou contra a instalação de um quadro neurótico. O registro em que se movimenta o livro é a linguagem comum, o bom senso, evitando muitas classificações e sem dados exaustivos acerca de quase nada. Mas o sentido global do relato é articulado ao redor da fases que o detento precisa atravessar até o fim da guerra, até a sua liberação ou até a morte.

Estas fases são organizadas de acordo com os períodos da vida no campo: o período que segue a admissão; o período de adaptação à rotina do campo; o período subsequente à libertação[121]. Todo o relato se organiza segundo esta moldura temporal. De certa forma, pode-se dizer com isto, e com muitos outros elementos que oportunamente se podem respigar no texto, que o médico Viktor Frankl tem uma fala, ao longo do relato.

Por outro lado, notam-se textos onde o referencial médico vai ficando esfumaçado até ser abandonada em muitos pontos a persecução da objetividade, ou melhor, a reformulação do quadro onde essa persecução se realiza. O próprio estilo do livro e a sua tonalidade mostram isso, oscilando entre um linguajar técnico e um fundo muito familiar[122], quase de diário. Frankl entra em Theresienstadt como que "acima dos pacientes", com o símbolo de seu poder costurado debaixo do sobretudo, o manuscrito para a primeira exposição sistemática da logoterapia.

[121] 1949-1988, p.22.
[122] 1949-1988, p.60-61, por exemplo, narra algumas estratégias de sobrevivência.

Quando o capote lhe é subtraído, logo à entrada, ele desiste do livro, mas a perspectiva de reescrevê-lo sob nova luz será a força da sua estadia no campo (os capotes de todos os prisioneiros eram amontoados para receber um tratamento contra eventuais parasitas. Na verdade eram também examinados, pertences pessoais arrancados e os capotes nunca mais voltavam aos seus donos originais. Isso era um último golpe no sentido de identidade, aliado à raspagem das cabeças, a fila de seleção, separação das famílias e a nudez do primeiro banho coletivo de desinfecção).

Na medida em que a narrativa progride, nota-se que as experiências, ao mesmo tempo em que arrasam crenças antigas, redimensionam tudo na vida de Frankl. Suas referências vão se distanciando, e ele vai-se envolvendo, por um lado, no processo de brutalização comum a todos os outros prisioneiros; por outro lado, vai também reavaliando a sua posição como médico e, especialmente, como terapeuta[123]. No fundo, os seus sofrimentos vão lhe mostrar - e isso será o seu "sistema" - que uma atitude global de orientação frente à questão da saúde é muito mais coerente que uma teoria bem formulada, talvez presunçosamente costurada sob uma capa qualquer.

Posto em uma situação-limite, Frankl descobre, em primeiro lugar, que está ao lado de outras pessoas que, como ele, não possuem outra preocupação senão manter-se vivas a todo custo. Ainda, movido pela urgência dessa situação, ele vê-se obrigado a desenvolver técnicas para manter a saúde dentro do campo e, depois, para manter a própria motivação para viver.

---

[123] 1949-1988, p.120, é um caso de procedimento iluminado pelo tipo de compaixão que se desenvolveu no campo.

Ele alivia a dor dos outros enquanto e porque examina a própria. Isso especialmente sabendo que muitos prisioneiros voltando para casa não encontrariam nem casa, nem ninguém a esperá-los. Foi o caso do próprio Frankl que, para não terminar com a própria vida[124], teve que carregar-se de trabalho[125] e cuidar da sua obra e de seus pacientes, após as enormes perdas que teve durante a guerra, em comum com os outros.

A distância entre ele e os outros é abolida, e Viktor Frankl toma posição a favor do ser humano e das suas estratégias de existência, desenvolvendo um sistema de sobrevivência no meio de condições extremamente desfavoráveis, até o limite[126]. Na descoberta dessas estratégias, ele vai encontrar de novo o mundo dos valores, da arte, da comunicação com os outros, do esporte e da religião - o material que foi sendo abandonado para construir os campos mas, ao mesmo tempo, em paralelo, o material que o próprio ocidente foi deixando para trás na sua trajetória.

É possível ver aqui uma atitude ao mesmo tempo aberta à realidade como dado experimental, e comprometida com o objeto, bem diferente da distância que um observador clássico assumiria. A psicologia sai do laboratório ou do divã, e todo o seu aparato é posto à prova. Se falhar, morre e com ele (com o especialista) alguns outros detentos que depositam nele sua confiança. Se funcionar, está fundando uma nova abordagem, muito mais voltada à escuta do paciente em sua situação real e em relação

---

[124] As páginas sobre a depressão de Frankl após a libertação do Campo mostram equilíbrio entre sofrimento e busca de um novo motivo para viver. 1997, p.104.
[125] Literalmente, teve que "sepultar-se vivo" debaixo do trabalho.
[126] 1949-1984, p.30 - citando Tolstoi: *"Sim, um homem pode se acostumar a qualquer coisa. Mas não me pergunte como"*.

respeitosa com o seu projeto ou sonho originário que, no fim das contas, é o que alimenta a sua sobrevivência[127].

Os procedimentos de Frankl, pelo menos em boa parte, são testados nele próprio, antes de ser usados em seus futuros pacientes. Isso seria um método heterodoxo do ponto de vista da objetividade do experimento, se Frankl não estivesse mais interessado, em última análise, em fomentar atitudes de sobrevivência. Ou seja, pode-se ver nesse relato a assunção compulsória de uma variação da técnica denominada observação participante. Mais que de observação participante aqui, porém, pode-se falar de uma espécie de desconstrução das fronteiras entre o sujeito e o objeto na psicologia. Se os psicólogos hoje podem falar de objeto/sujeito na psicologia, por respeito ao ser humano irredutível, isso se deve em parte a testemunhos como o de Frankl.

II. 3 *Nitzkor!*

Algo precisa ser dito no sentido de articular esta atitude "metodológica" de Frankl - se é que se pode dizer isso de uma atitude tão premida pela urgência das circunstâncias - e a sua formação cultural judaica[128]. O judaísmo da Segunda Guerra mundial não é um movimento perplexo. A história do anti-semitismo começou bem antes de Hitler, e já em meados do século XIX os judeus vienenses reclamavam da dureza das condições de vida.

Daí que se formou com sempre maior força, entre os judeus, um movimento de resistência que veio crescendo, até a guerra.

---

[127] Um dos motivos que levam Frankl a avaliar positivamente a religião, por exemplo, é a intenção de fazer com que o paciente possa *"beber de suas próprias fontes"*.

[128] Tema abordado expressamente por Bulka, 1998, mas sem pensar Auschwitz com radicalidade.

Uma das características desse movimento é a preservação da memória na narração da própria identidade, cifrada sob vários produtos culturais. No meio de condições adversas, provações e pulverização cultural, o judeu conta as suas histórias, preserva as suas festas, e assim fazendo, preserva-se a si mesmo e à sua "tarefa" em relação aos outros povos[129].

É possível identificar uma ligação profunda entre a atitude de resistência tipicamente judaica e a abordagem terapêutica de Frankl, e é aí que se pode encontrar a chave para entender até que ponto ele pode matizar as noções de sujeito e de objeto, sem perder de vista a ciência, nem violentando o objeto, nem comprometendo a sua observação a partir dos próprios pressupostos.

No judaísmo uma parte importante é a discussão sobre a interpretação de textos. Sejam esses os textos bíblicos (para os judeus, o TaNaK, ou seja, a lei, os profetas e os escritos) ou não, o judaísmo vive da discussão e se estrutura ao redor da palavra, como uma tradição de argumentação. Ora, aqui é importante lembrar o quanto a discussão é interminável, e não existe a obsessão para se encontrar a interpretação "correta". Mais importante do que o conteúdo formalmente correto e fechado de uma interpretação, é o processo em que ela é construída. O outro, a outra pessoa é vista, então, num quadro de extrema valorização da inter-subjetividade, como alguém que deve ter a palavra[130]. O processo de discussão e de mútua fecundação em busca do texto -

---

[129] Como já foi dito, o ***Nitzkor!*** acomuna as diversas tendências da atual pluriforme comunidade judaica. Eles todos recordam para reviver o passado, mas também para reelaborar os valores dos quais ele é documento.

[130] as filosofias de Ebner e Buber serão chamadas de filosofias da comunhão e do diálogo, por exemplo. Cf. Penzo-Ghibellini, 1998, p.193 e passim.

ou em busca da própria identidade apoiado no texto - tem muito valor, para o judaísmo.

Esta visão, esboçada muito rapidamente, ajuda a entender o sentido em que se move a atenção de Frankl ao doente e à sua palavra, ao seu relato. O doente tem uma palavra importante a dizer a respeito de si mesmo porque, apesar de tudo, ele possui ainda, mesmo depauperado, o poder de auto-conhecimento e de auto-determinação. Mesmo os doentes dizem a verdade: um elemento que possivelmente foi verificado no campo, e que já vinha preparado pela pertença a uma tradição de discussão. A consulta vai tomar, por vezes, a forma de um verdadeiro diálogo cuja matéria prima será dada pelo texto do "como eu me sinto" ("de onde eu venho", "qual o meu sonho mais genuíno", etc) do paciente, mas que ultrapassará esses dados, por causa da intuição aliada à formação médico-técnica do terapeuta.

Resumindo em poucas palavras o que foi dito até este ponto, pode-se afirmar que há duas alternativas para a psicologia, exemplificadas no relato de Frankl. A primeira, é baseada numa espécie de petição de princípio, e ronda todo especialista: trata-se de ter um sistema pronto e conferir nos pacientes a sua acuidade, correndo o risco de usá-los como se fossem cobaias. Nenhum terapeuta assume esta alternativa abertamente, mas ela ronda as clínicas e as salas de aula como um fantasma. O seu exemplo mais drástico é cristalizado ao redor do exemplo típico: a experimentação dos médicos nazistas com as vidas dos detentos[131].

---

[131] Uma análise dos dados ao redor do célebre acontecimento de Nüremberg, cf. Annas-Grodin, 1992, seria oportuna, mas ultrapassa os limites deste texto: os médicos nazistas exemplificam bem o que é ter um sistema pronto para o validar, nos pacientes.

Trata-se, grosso modo, de validar as próprias idéias brincando com a vida alheia e fazendo com que seres humanos corram riscos para satisfazer a uma sede de reconhecimento justificável apenas por um motivo: o dogma da onipotência do cientista diante dos outros saberes. Frankl escreve na sua primeira obra que tem orgulho de não ter exercitado a psiquiatria no campo. Desta psiquiatria, ele não precisa se orgulhar, de fato.

A segunda alternativa é usar todo o próprio aparato teórico como uma propedêutica ou como um suporte técnico do processo de terapia, que é sempre único enquanto um processo de busca da saúde junto com um interlocutor, o paciente[132]. Esta visão, que faz ecoar as teorias de Jaspers e de Minkowsky neste texto, é na verdade uma das muitas formulações ideais do exercício da psicologia. Por incrível que pareça, a maior dificuldade desta ciência é "ouvir o paciente", obnubilada como às vezes fica por seu arsenal de hipóteses[133]. Na verdade, esse arsenal é, pela sua própria natureza um recorte que, se indevidamente generalizado, pode ser extremamente deletério.

II. 4 SÍNTESE

Neste capítulo foram dados dois passos para encontrar o ponto de partida da psicologia no relato em que Frankl registra e repensa a sua passagem pelos campos de concentração e trabalhos forçados.

Num primeiro momento tentou-se elaborar o horizonte do pensamento dentro do qual toda a atividade terapêutica pode ser pensada. Esse horizonte é o da resistência criativa ao processo de

[132] Mueller, 1976, I, p.193.
[133] O que é uma anotação que vai requerer a tratação posterior do tema do reducionismo.

despersonalização. A psicologia será para Frankl o suporte qualificado da articulação de uma atitude que se cristalizará, para o paciente, na assunção de responsabilidade por tarefas que facilitam a percepção do sentido da existência.

Foi avançada também a hipótese de que o relato de Frankl, na verdade, ultrapassa os seus próprios limites e oferece elementos para descrever tipologicamente a condição em que se encontra o homem que atravessou as revoluções científica, tecnológica e comunicacional: trata-se de um homem cuja própria condição encontra-se ameaçada em sua riqueza. Mas o que exatamente a ameaça deve ser procurado na gênese da sua idéia do "vácuo existencial", tema que será retomado mais adiante.

Em segundo lugar, esboçou-se a distinção entre a atitude fundamental do cientista-terapeuta, entendida como atitude engajada, e a sua utilização do instrumental técnico. Em outras palavras, tratou-se da questão do posicionamento epistemológico do terapeuta, arrastando-o até os confins da ética. Em Frankl esse posicionamento é a favor do paciente, tentando sensibilizar-se ao máximo pelo seu sofrimento. Ele preconiza uma espécie de troca de lugar epistemológico, uma inversão de papéis com os pacientes[134]. Variando de lugar, de perspectiva ou de olhar, diante da existência, Frankl plasma e refina a posição de onde irá pensar e agir a clínica.

Ele se mostra orgulhoso no seu texto por ter podido ver a realidade com os olhos de detento. Depois serão os olhos do paciente confinado entre os muros de uma doença mental ou

---

[134] Se isso aconteceu por sua nobreza de caráter ou se por força das circunstâncias, não vem absolutamente ao caso. Na verdade, quanto mais a história da psicologia "canoniza" a figura de Frankl, mais se corre o risco de fazer dele um esquisito, nobre mas inimitável.

problema psicológico. Sua atitude fenomenológica de compaixão (sofrer-com, *Mit-leiden*) ou de compreensão (apreender-com, aprender em companhia de). Não nega, antes valoriza e redimensiona a sua formação teórica. Oposta a esta é a atitude típica do experimentalismo nazista, definida a partir da formação puramente técnica, sem referências éticas, aliada a uma descontrolada vontade de potência sem consideração pela humanidade.

O relato de Frankl sobre os campos de concentração é rico, e este texto não pode, naturalmente, esgotar as dimensões em que ele pode ainda ser explorado. Há outros elementos valiosos a ser resgatados, e que podem alimentar discussões no terreno da ética ou no da epistemologia. O seu valor principal é deixar claro que distinguir entre sujeito e objeto é uma questão que passa muito mais pela atitude de vida do pesquisador do que pela sua formação teórica[135]. A propósito, a formação teórica de Josef

---

[135] Coisa que ainda não é evidente para alguns. Por exemplo, uma das recensões ao livro em questão, no *Site* de uma grande livraria virtual, reclama da "imprecisão" científica do livro. A recensão é transcrita integralmente por testemunhar a dificuldade de diálogo que ainda grassa entre os diversos "backgrounds" científicos. Enquanto isso, os pacientes sofrem. *Intellegentibus, pauca...* Cf. http://www.amazon.com/exec/obidos/ts/book-customer-reviews/0671023373/qid=919809779/sr=1-1/002-6824792-7183836: *This book was not quite what I expected. I do not mean to doubt Mr. Frankl's character or value or theories, or the atrocity of concentration camps, or anything else. In this book I expected to find a presentation and discussion of a theory. However, the first part was a description of camp life and consisted of "plain" facts. Of course, I do not doubt that they have certain things to say, but I did not see any theory coming through from these facts (at least up to the point that I had the patience to read). In my case, the first part did not attract my interest, but rather worked as a deterrent, because of very different expectations I had from this book. In describing a theory that wants to be called "scientific," it is necessary to mention certain facts to prove ones point; in my opinion the first part did not serve such a prupose. Appealing to the emotions of the reader does not help him judge objectively a theory and certainly *doesn't* validate a theory! I do not suffer from any kind of loss and I've had little to do with physchology (**my background is in physics and computer science...** :-). I expected a logical and "matter-of-fact" description of a theory and (at least as far as I got in this book), I didn't see that. The beginning of the second part did not seem very "promising" either, so I gave this book up completely. To sum up, I'm *not* rejecting Mr. Frankl's theories*

Mengele era impecável. Que isto seja sempre lembrado, e que a lembrança previna futuras reedições do erro.

É necessário, em seguida, mostrar quais os materiais e fragmentos que mostram em que consiste a dignidade que foi e está sendo "reprimida". Isto é: como sobretudo a religião testemunha que a psique humana possui um sótão, além de um porão.

(I still don't know what they are, after all!) but if you think in a manner similar to mine, maybe you should seek to learn about them from another book (possibly by the same author).

Capítulo III

O INDISPONÍVEL E A PSICOLOGIA

Psicologia e religião são artes de "religar" o homem às próprias fontes. "Fontes de salvação" para a religião tornam-se em Frankl o paralelo das "fontes de saúde" para a psicologia.

Uma resposta ao menos satisfatória à questão existencial do sentido, em sede psicológica, será uma empresa viável apenas quando a ciência[136] tiver a coragem de admitir que precisa entrar em diálogo com as instâncias produtoras do sentido da vida humana. Essas instâncias fogem à verificação e ao controle sonhados pelos grandes constructos teóricos denominados como sistemas psicológicos, mas são determinantes para a existência real dos pacientes.

Com curiosidade e humildade, mas com maravilha[137], a ciência deve promover o diálogo com essas áreas da psique, deixando-se fecundar por elas e iluminando-as com suas ferramentas teóricas. Ambas áreas de saber, o que pode e o que não pode ser tabulado, ambos âmbitos de discurso só têm a

---

[136] **Como tal**, não apenas em algumas das suas especializações (Cf. Frankl , 1997b, p.109. É o próprio conceito de especialização que está em jogo. Cf. Foucault , 1995, esp. P. 361 e passim, que mostra o quanto os saberes modernos dependem do subjetivo mascarado como objetivo, ou é ao menos frágil, produto humano, e não pode reivindicar para si nenhuma função supra-humana.

[137] A Maravilha, o estupor ou o maravilhamento corresponde ao momento de onde nasce a filosofia. Ao mesmo tempo, o homem está diante do seu objeto, mas não pode separar-se dele, pois ambos são uma unidade. Daí que o método para estudar a realidade deve ter ao mesmo tempo um passo para fora, ou o estranhamento, e um passo para dentro, que é o resgate da própria condição histórica do pensador. Cf. Heidegger, 1997, p. 27-60.

ganhar se aprenderem a entabular esse tipo de contato de mútuo respeito em mútua escuta.

Tendo elaborado uma idéia do que tenha sido o horizonte epistemológico e o posicionamento de Frankl em relação à psicologia, delineou-se a fisionomia que o tema da repressão recebe em sua obra, e o papel da religião aparece como determinante para o enquadramento desse tema.

O tema da religião em Frankl constitui, juntamente com a arte[138], o esporte[139] o humor[140] e o sexo, encarado a partir de um contexto de comunicação no amor[141], um dos lugares onde se podem resgatar os vetores que mostram onde se escondeu a humanidade que o processo de modernização, simbolizado pelo *Lager*, reprimiu ou abandonou.

Essas dimensões se recolhem ao silêncio todas as vezes em que um saber se instaura de forma hegemônica e tenta qualificá-los e assinalar-lhes um lugar mais restrito do que aquele que reivindicam para si. Elas devem ser recuperadas e mostradas,

---

[138] A arte, no quadro referencial do romantismo, é arraigada nas profundezas de um espírito que resgata o encantamento e a intensidade da vida mediante a intuição do belo. A vida é encarada como uma espécie de dança nos limites da exploração do absurdo, do abismo do real. A influência de Nietzsche é importante para esta consideração em Frankl. Cf. Bayer, 1979, p. 327; Frankl, 1959-1984, p. 50 e passim, exatamente nesse sentido: *"Na medida em que o prisioneiro intensificava a sua vida interior (como mecanismo de defesa contra os tormentos), ele também experimentava a beleza da arte e da natureza como nunca antes"*. A conjunção entre o estético, o ético e o religioso é feita por Frankl, 1997 b, p. 43, unindo esses aspectos a partir da sua visão do inconsciente espiritual.

[139] Na mística católica desenvolveu-se o tema do "ascetismo" como temática de suporte à vontade do fiel de educar-se no exercício da virtude. Num pequeno texto, Frankl, 1978, p. 55-61, denomina o esporte de *"uma ascese secular, moderna"* p. 58.

[140] Cf. Frankl, 1959-84, p. 54, onde afirma que o humor é *"uma outra das armas de que a alma dispõe na luta pela auto-preservação"*.

[141] Frankl, 1955-1983, p. 132 e passim esboça uma completa antropologia da sexualidade à luz de uma definição personalista do amor como encantamento, enamoramento e mútua entrega.

segundo Frankl, e é também tarefa da psicologia resgatá-las[142], pois constituem elementos importantes para a constituição complexiva de uma vida humana dotada de um mínimo de dignidade - e, portanto, geradora de condições ótimas de "saúde" mental.

A seguir será esboçada a trama mediante a qual, na constituição histórica do Ocidente, ocorreu a repressão ou abandono das dimensões estética (além da fruitiva), sexual (além da instintual) e religiosa (além da institucional). Em seguida, com base em uma rápida síntese do conceito "dimensional" de antropologia que regula os escritos de Frankl, dar-se-á uma avaliação do papel da religião para a psicologia e do seu papel crítico, enquanto representante daquilo que no homem é testemunha das profundezas da sua autenticidade[143].

III. 1 A AUTOFAGIA MODERNA E OS *RELIQUIA HUMANITATIS*

A repressão do que há de humano no homem começou antes do lager. Seres humanos sendo exterminados ou utilizados como meios para outros fins, à revelia de todo o iluminismo antropocêntrico[144], concentram-se nos campos de concentração em

---

[142] O que para ele significa "reumanização" - Cf. 1955-1983, p. 285 e passim. A cifra da condição de possibilidade do mal mental é a neurose do homem estranhado de si mesmo e perdido no vácuo. A psicologia deve recuperar o espaço que a história perdeu, nas suas dobras mecanicistas ou ideológicas.

[143] A crítica moderna da religião nem sequer considerou a possibilidade de existir algo de autêntico no ato de fé. Encontra-se com mais frequência uma crítica (freqüentemente razoável, passadas as polêmicas) a formas institucionais de devoção sem relevância histórica, de Feuerbach a Freud. Talvez a crítica de Nietzsche seja a que melhor exemplifique esta proposição. Ele, criticando a religião cristã como obra de senhores para dominar escravos, na verdade golpeia toda a estruturação ideológica do ocidente. Cf. Penzo-Ghibellini, 1998, e *passim.*

[144] A humanidade leu em 1783 no texto de Kant sobre *"o que é o Esclarecimento"*1974, p. 100e passim, frases como *"Que porém um público se esclareça a si mesmo é perfeitamente possível; mais que isso, se lhe for dada a liberdade, é quase inevitável".* O que faltou ao projeto? Essa liberdade, certamente que não.

número nunca visto, ou pelo menos recebem divulgação nunca antes conferida a eventos de crueldade.

Mas do que se trata, exatamente, quando se criticam os campos de concentração? Abuso de poder estatal? Pessoas trabalhando como escravas, sem perspectivas de crescimento? Uso de mão de obra escrava? Manipulação de opinião pública? Poucos médicos mal-aparelhados e sem medicamentos suficientes, tentando dar assistência paliativa a doentes irrecuperáveis pela subnutrição, e não pelas doenças; pelo stress, e não por disfunções orgânicas, químicas ou o que quer que seja? Outros, pseudocientistas usando pessoas para provar pontos de vista? Um grupo que se impõe pela força, e se arvora em super-raça, cometendo atos de monopólio, discriminação, violência e asfixia contra outros, que são menos capazes de se defender nas circunstâncias?

Há um paralelo muito estreito entre o que aconteceu nos *Läger* e o que cada vez mais assalta o habitante do contexto que no século XX se chama de "moderno". O que significa que as reflexões que testemunham a crueldade e a desumanização do homem pelo homem, de um lado, e a resistência do mais fraco que nunca se torna um vencido, por outro, o que Frankl denomina de "antagonismo psiconoético"[145], são na verdade estruturas que interessam ao núcleo da própria noção de quem seja o homem a quem se dirige o tratamento psicológico, e qual é uma das componentes importantes do núcleo gerador do seu problema. Na verdade o acesso a essas estruturas está comprometido, às vezes, por falhas na utilização do método científico, ou mesmo pela gênese do mesmo método.

[145] Frankl, 1959-1984, p. 18 e passim, cf. Rodrigues, 1991, p. 72-77.

Isto conduz a discussão às noções que Frankl caracterizará como os "flagelos da psicologia", e que são frutos de uma tecnologização errônea do trabalho do profissional do campo da saúde. São especialmente as noções de "homunculismo" e de "nihilismo".

Ele formula a questão da falta do propriamente humano na psicologia, em primeiro lugar afirmando que, se a ciência atinge com o seu trabalho apenas aquilo que pode mensurar, então não atinge o homem, mas apenas um "homúnculo", uma ficção a partir do que se enquadra em seus esquemas. E a ciência que tratará de um homem assim mutilado só pode ser mutilante, isto é, reducionista.

No pequeno relato da sua estadia nos campos de concentração na Segunda Guerra Mundial, Frankl abre fogo contra essas duas ameaças à atividade terapêutica. A noção de homunculismo nasce a partir da visão de seres humanos sendo tratados como objetos, embora com rigor experimental. O nihilismo terapêutico também nasce da mesma experiência, corroborada pelo vácuo singular que especialistas formados em escolas reducionistas experimentam na própria vida e impõem à dos pacientes.

Desde os primeiros exercícios de afirmação da psicologia enquanto ciência que os seus pioneiros, imigrantes oriundos de vários outros terrenos, como da filosofia, fisiologia ou medicina, deveram realizar uma operação simplificadora. Esta operação foi feita tanto com vistas à obtenção de uma maior capacidade de incidência sobre o material de seu trabalho, quanto com o objetivo de obter reconhecimento como comunidade científica. Isso, posto

assim simplesmente, foi sendo com o tempo e com boa vontade denominado de reducionismo metodológico da psicologia.

O reducionismo consiste na circunscrição do campo de estudo ao que pode ser observado e quantificado, objetivando os resultados numa precisa tradução em símbolos, escalas e conceitos de valor acessíveis a ciências que a modernidade fundada sobre Newton por um lado e Descartes do outro tradicionalmente acreditou como estruturadoras do pensamento, e tomados de empréstimo a elas. Seguindo o ideal de maior objetividade possível, a psicologia foi desconsiderando várias outras formas de exploração da psique, outras formas de saber, especialmente as que não ofereciam os cobiçados frutos de "*évidence*" e "*distinction*": o que não é concreto ou recortado, não é tido por relevante.

Este reducionismo não deve ser descartado como inútil, mas também não pode ser abraçado como um dogma, ou como sendo a resposta para todos os problemas relacionados ao conhecimento. Como todo produto histórico, o método da psicologia científica deve abrir-se à crítica, isto é, ao seu exame rigoroso - o que pode significar desconstrução. A crítica de Frankl, premido pela urgência de preservar ou salvar vidas depauperadas, aprendida no campo de concentração, aparece diferenciada. Ela põe em evidência o fato que existem realidades humanas típicas que não podem ser objetivadas.

Por um lado, ele revela apreço pela psicologia científica, especialmente na sua maneira focal, diferencial, de abordar os problemas, nas suas descrições e na necessidade de encontrar confirmação experimental para quase tudo que vai afirmando ao longo do caminho. Mas há uma falha que, exacerbada no campo de

concentração, chama a atenção para o seu perigo: a transformação do homem em objeto, ou o homunculismo[146]. Essa crítica à ciência experimental seria a formulação clara de um perigo: o de generalizar para a existência do homem como um todo os aspectos observados experimentalmente.

A falha de base apontada por Frankl é o resultado da transformação de um reducionismo metodológico em uma atitude sistemática. O cientista que lida com dados abstraídos do todo que é o ser humano deve estar consciente que, se ele formar a partir da soma desses dados a sua imagem de homem, o que ele estará elaborando, com testes e bisturis, não é um homem, mas uma abstração mutilante, imagem deformada não pelo recorte, ou seja, pela exclusão operacional de aspectos irrelevantes, mas por uma generalização prematura dos resultados de um método. Uma imagem global, elaborada a partir de um método particular. Uma caricatura muito precisa. Mas seja como for, uma caricatura.

Quando se fala em "homúnculo", acena-se, na verdade, a um reducionismo que transcende os puros problemas de método. Quando afirma que a ciência médica ou a psicologia científica, reduzindo o seu campo de trabalho ao quantificável, não trabalha mais com o homem, mas com um homúnculo, na verdade o que Frankl está realizando é a denúncia de uma falácia lógica, na base da atividade psicológica, uma falácia de relevância.

Se não tiver consciência dos limites da própria atividade, e se essa consciência não for tematizada criticamente, o cientista ataca uma área com dados retirados de outra. Ataca o existencial, o dinâmico, o espiritual, o existencial, com dados retirados do fisiológico, biológico, neurológico que seja, e assim por diante.

[146] Frankl, 1978, p. 51 e *passim.*

Transforma o seu recorte em visão de mundo. Aqui a denúncia de Frankl é útil e pode representar tanto um passo de auto-crítica para o cientista experimental[147], como uma ponte para desenvolver a teoria da logoterapia - que vai nascer como uma tentativa mais existencial que sistemática de "não ser assim", isto é, não tratar o homem a partir do reducionismo.

Frankl enfatiza, no seu texto[148], que a observação experimental deixa, na verdade, de considerar elementos fundamentais para a psique humana. Esses dados serão aqui denominados os *reliquia humanitatis* (fragmentos de humanidade), dados que não se deixam quantificar: Neste caso, o velho axioma que afirma que o todo é de natureza diferente da soma das partes[149] resume bem as intenções de Frankl: explorar um campo novo. Campo que pode ser derriso, mas não refutado.

Mas o que Frankl denominou de homunculismo, aparece mesclado com outra atitude catastrófica para as ciências da saúde, o nihilismo aplicado à terapia. Aqui também se trata de projeções interiores do especialista para o mundo do paciente[150].

Frankl vê essa forma de nihilismo como tendo origem numa atitude interior do profissional, que não acredita em um sentido para a existência, em sentidos em geral ou em valores éticos e, sentindo-se talvez impotente em relação ao todo da existência, simplesmente subjuga os pacientes a esse seu pensamento, por abuso de poder. Como o médico SS não acha sentido para a vida,

---

[147] Que tem uma certa correspondência nas críticas da escola de Frankfurt ao interesse ideológico subjacente a toda produção científica.
[148] Frankl, 1997 b, p. 36.
[149] Sempre um axioma fundamental no horizonte da psicologia existencial, cf. Yalom, 1980, p. 18, primeiro axioma de James Bugenthal, 1963.
[150] Cf. Frankl, 1997b, p. 134, sobre a possibilidade de uma origem iatrogênica das neuroses.

ele destrói as dos outros. Assim dito, de forma crua, o nihilismo perde um pouco de seu romantismo, ao menos daquele com o qual vai ser apresentado pelos autores do grande existencialismo, que virá alguns anos mais tarde. Mas ali trata-se de outro tipo de nihilismo.

Obviamente esta apresentação do perigo de a ciência transformar seu método em visão de mundo, é estilizada. A sua finalidade, porém, é fazer notar, com Frankl, que o processo de seleção de objetos analisáveis cientificamente, foi paulatinamente deixando de lado da linguagem, do saber científico e, logo, do campo do sabível, ou do válido (produtivo), vários tipos de elementos, cada um com um tipo de ligação comprometido com o não-manipulável. Especialmente três deles aparecem com freqüência nos textos de Frankl, e constituem uma espécie de documentação dinâmica do que há de propriamente humano no homem. Excluindo-os do seu objeto de estudo, a ciência devora a própria essência, num movimento autofágico.

Em primeiro lugar, entre os elementos abandonados no processo de modernização, menciona-se o religioso. Ligado demais ao noumênico, foi um tipo de saber atacado pela modernidade por vários ângulos, mas sobreviveu em algumas das suas vertentes. Individualista no pietismo alemão, subserviente à razão moderna no lado católico, ou difuso e aforístico, nas sabedorias orientalizantes (budista, hindu, etc.).

Muito cedo neste século, como é sabido, a ortodoxia da psicologia atacou a dimensão religiosa da existência humana. Por um lado o aspecto religioso não interessava como variável, por ser considerado indutor de fenômenos mentais patológicos, como a histeria (James). Por outro lado, o religioso era analisado como

sendo, ou tendo sido, uma ilusão, o sinal neurótico de uma época passada que, felizmente, estaria passando (Freud).

Morreram os arautos da sua passagem, mas ela não passou. Só que ainda não cabe, não se adequa a nenhum sistema psicológico "sério". A dimensão religiosa da existência humana, extravasados os aspectos neuróticos e tomada apenas em sua dimensão (hipoteticamente) autêntica, qual seja, o ato de fé legítimo e iluminado por boas evidências racionais (as mesmas que fundamentam os limites dos sistemas atuais da matemática, da física ou de outras áreas de conhecimento[151]), nem assim deixa-se esgotar por uma análise exaustiva. Pode-se apenas descrever uma tal dimensão da existência humana.

O fato é, que com todos os esforços modernos de erradicar a religião, primeiramente pechada como intolerante, depois como ignorante, em seguida como repressora, indutora de estados neuróticos, e enfim como alienante (para citar apenas alguns lugares-comuns), ela sobreviveu. A religião encontra-se atualmente, no mundo moderno, como *persona non grata*. Sobrevive em privado, e o homem contemporâneo "iluminado" pelos saberes modernos e desmistificadores vê-se obrigado a uma prática religiosa às escondidas.

A religião é um primeiro *relictum humanitatis*, em primeira mão. Alguma coisa de autêntico ficou, das práticas, rituais e mitos com que se transmitiam discursos que o saber moderno, condicionado pelas exigências da produção e da reprodutibilidade industrial não soube entender, e por isso anatematizou.

---

[151] Como demonstrado pela assombrosa obra de B. Lonergan, 1978, (Insight), quem tem como primeira finalidade a exploração dos limites do saber científico.

Não há provas da autenticidade do discurso religioso. Muito menos de que toda atitude religiosa seja sinal de neuroses latentes. Há, no entanto, evidência de que o que aconteceu em relação à religião foi correlativo ao que aconteceu com a sexualidade na época vitoriana. A prática religiosa, em nome da hegemonia do discurso científico, foi reprimida e proibida em várias formas. Mas ressurge no final do século em movimentos onde os elementos da experiência religiosa e de seu discurso vêm desconjuntados, desequilibrados, mas nem por isso ignoráveis.

O que aconteceu com outra dimensão importante da existência humana foi muito semelhante. A dimensão estética não encontrou lugar nas escalas mecânicas ou organísmicas que serviram de base para a fundação do pensamento moderno. Um grande número de artistas, normalmente "indisciplinados", denunciadores do fato que nem sempre é possível encaixar o homem e sua liberdade em esquemas produtivos e apriorísticos, eles mesmos eternamente *"déplacés",* terminaram dando ao ocidente um festival sui-generis de mortes anestesiadas pelas drogas e pela adição ao álcool. A lista poderia começar onde nasce o artista indisciplinado, com produtores censurando-o e ele protagonizando pequenos e divertidos escândalos pelas ruas, morrendo depois só e excluído do sistema: Mozart? Chet Baker? Noel Rosa?

Mais uma vez a questão aqui é o que as revoluções modernizadoras deixaram de fora para realizar com clareza as suas definições de homem. O que é o homem? Um autômato? Mozart compõe obras-primas alcoolizado para provar que não é apenas isso. Mais uma vez, o que é o homem? Um animal super-desenvolvido? Mas que animal super-desenvolvido poderia compor,

surdo, a nona sinfonia, ou conceber uma estranha alegoria da vida como a "sagração da primavera"? Em outras palavras, muito da criatividade e de categorais estéticas, puramente fruitivas e não pragmáticas, foram deixadas de lado na gênese do mundo ocidental.

Um terceiro mundo foi deixado de lado, o estranho mundo ético[152]. A idade média passava de geração em geração os seus valores sem dificuldades porque ela podia se fundamentar em uma narração originária, criacional, onde um Deus benévolo dividia os homens, suas criaturas, em lugares, postos, funções, e cada um desses homens, adotados como filhos por um processo especial de internalização de referenciais culturais, religiosas e existenciais, aos poucos ia encontrando o seu lugar num cosmos claramente delimitado por uma firme tradição.

Mas com a explosão de técnicas, métodos, instrumentos e produtos que caracterizou a idade moderna o mundo tornou-se um canteiro de obras, e o desenvolvimento não prometeu bem-estar para todos. As guerras se intensificaram (e trouxeram consigo um enorme progresso nas estratégias de guerra, que tornaram-se cada vez mais "produtos", convém lembrar), a luta pelos mercados produziu novas e acirradas inimizades internacionais. O que vale para uma situação não vale mais para outra; o que vale para um país não conta mais para o outro - posto que são abertamente competidores.

Há uma avalanche de sistemas éticos que determina um colapso nos valores, tudo fundamentado por uma razão concebida de forma técnico-científica, que deve ser ela mesma o seu fundamento. E que, exatamente por ser atemporal e desprovida de

[152] Cf. a leitura de Macintyre, 1985, 1991, 1998.

referências verticais ou horizontais, perde também a calma de saber exatamente a que veio.

O ocidente cai no subjetivismo e no convencionalismo éticos por falta de uma tradição, por falta de fundamentação suficiente, ou por falta de mais liberdade para a investigação científica? Não se sabe. De qualquer forma, as justiças diferentes geradas pelas racionalidades modernas[153], antagônicas entre si - e quem sabe, agonizantes, geraram para o homem moderno um espaço existencial percebido como profunda crise ética[154]. Crise de identidade, de valores, de sentido, que o espera no início de sua vida, acompanha o seu desenrolar e não acena esperançosa com uma resposta no seu desfecho[155].

Neste quadro de deflação nos referenciais, a razão decomposta ou desacreditada abre espaço para um clima de experimentação pura, que gera o *boom* de progresso científico que o mundo assistirá como se fosse uma brincadeira, e que vai acelerar-se no século XX.

A medicina riu-se das autoridades que cobravam razões suficientes para que os primeiros estudos em massa de anatomia pudessem realizar-se, na dissecação de cadáveres (o que algumas autoridades consideravam uma profanação). E calou-se no fórum

---

[153] Cf. MacIntyre, 1988, p. 1-11, demonstrando a importância do conceito de tradição para a gênese da idéia de racionalidade.

[154] Berman, nas primeiras páginas do seu ensaio, 1986, caracteriza como preocupações especificamente atuais (que ele chama de *"modernas"*) o ser movido *"... pelo desejo de mudança... e pelo terror da desorienteção e da desintegração, o terror da vida que se desfaz em pedaços. Todos conhecem a vertigem e o terror de um mundo no qual tudo o que é sólido desmancha no ar"* p. 13.

[155] Zygmunt Bauman, 1997, p. 15, afirma que a modernidade não conseguiu entender que a incapacidade de manobrar as próprias tradições em conflito seria o seu fim: *"...é a própria modernidade que vai demonstrar, ... além de qualquer dúvida, sua impossibilidade, a vaidade de suas esperanças e o desperdício de seus trabalhos".*

de Nüremberg, quando viu que o progresso sem ética poderia levar a desastre.

Calou-se mais uma vez, diante do assustadoramente belo espetáculo da rosa de Hiroshima. Pelo menos esse tipo de espetáculo vem continuamente sido considerado belo pelo público consumidor de *divertissements* (a matriz pascaliana é importante aqui) do estilo catástrofe[156].

Estético, ético e religioso são apenas exemplos dos grandes reprimidos da era das classificações e do lucro. Frankl dá importância a temas como a religião e, em menor escala, ao bom humor associado ao esporte (ludus), à arte e à concepção personalística do sexo, enquanto testemunhas de que há no Homem dimensões inegáveis, que testemunham a sua dignidade última, mas que - talvez por isso mesmo - não podem ser literalmente "objetivadas" por nenhum discurso ou método científico. É tarefa da psicologia religar o homem a essas dimensões assintóticas de si mesmo - doutro modo, ela corre o risco de não tratar do homem, mas de uma escala (diferencial) ou de um pré-conceito (psicodinâmica).

Religar, re-ligio: esta tarefa é tradicionalmente "religiosa". Daqui a constatação de que, na religião, existe um aspecto "crítico". Resumindo, pode-se dizer que há no ser humano dores, sofrimentos íntimos, que não cabem na análise do que é tradicionalmente o objeto da ciência psicológica. Mas que fazem parte da essência do que é o homem (indefinível por natureza). Diante desta aporia, ou a psicologia se resigna à função de lacaia

---

[156] Este trabalho está sendo redigido enquanto Steven Spielberg mantém um *site* na rede (WWW), para divulgar dados e nomes sobre a *Shoah*. Cf. http://www.bh.org.il/links.htm (a página de "related links" da organização Beth Hatefutsoth).

da medicina, sociologia ou biologia, suplementando apenas os aspectos demonstráveis, mais aparentes do comportamento mensurável do homem, ou ela abaixa a guarda e admite que seus métodos são históricos, e que isso é um problema que condiciona a sua abordagem da dor do seu sujeito/objeto o que, em última análise, ela se propõe a aliviar.

A contribuição de Frankl neste arco histórico, brevemente esboçado, é mostrar como dimensões como essas, que escapam ao imediato, ao imediatamente interessante para os processos de desenvolvimento, foram reprimidas. É de repressão[157], não apenas de esquecimento, que ele fala. Isso significa que, se suas palavras foram levadas a sério, tem-se aqui a proposta de bases interessantes para se pensar um tipo de psicodinâmica que parte do ser humano concebido, em princípio, como pluriapto e portador de uma dignidade intocável e de habilidades a desenvolver. O grande rival desse homem será o medo, o medo de ser, que na vertente frankliana do pensamento existencial será personificado no vácuo existencial, que se traduz na fuga à responsabilidade e em várias formas de busca de anestesia para a reclusão para longe do problema.

III. 2 ANTROPOLOGIA DIMENSIONAL

Este conceito de homem, que parte do que é inesgotável e o deixa sem "de-finição" (ou seja, deixa-o sem circunscrição exata, não o reificando) é o que será tratado a seguir, apoiado no conceito de antropologia "dimensional". Essa sua visão da

---

[157] A primeira elaboração desta idéia em Frankl foi escrita no texto de 1955-1983,p. 135 e passim, tentando variar ou ampliar a visão freudiana, e situar a repressão como a inibição da superação de saltos qualitativos ao longo da existência. No seu texto de 1997b, ele vai afirmar que a dimensão religiosa está presente no homem como um inconsciente, verdadeiro e próprio p. 14. Cf. tb. a formulação do tema em 1997b, p. 53 e passim.

antropologia não é nova. Novidade, porém, é que essa visão seja apresentada por um psiquiatra, com a finalidade específica de trazer o campo "espiritual" do homem para o campo de atuação das terapias[158].

É enganosa a suposição de que Frankl deseje substituir abordagens clássicas, mais antigas, da psicologia ou psiquiatria. A sua questão não é sobre a validade daquelas, mas sobre a possibilidade de se abarcar, com as análises psicodinâmicas clássicas ou com as concepções diferenciais mais empíricas, a totalidade do homem enquanto fenômeno (fenômeno é a palavra aqui. Pois apesar de todas as tentativas de reprimir e de tirar as bases de certos comportamentos "sem sentido", eles permanecem e se manifestam).

É na direção de uma classificação de competência na abordagem de seus objetos que se dirige a reflexão frankliana. Tudo isso corre o risco de passar desapercebido, por ter sido publicado em artigos de estilo simples e tornado "público". Mas a falta de jargão especializado não disfarça a intenção epistemológica do seu autor. Assim, Frankl propõe uma antropologia dimensional, na base do pensamento, ou do assentamento das categorias para se pensar a psicologia.

Há várias formas de representar o homem que se destacam, em seus textos, mas duas são as mais comuns[159]. Na primeira forma, ele pensa o ser humano com uma metáfora tomada da

---

[158] Frankl, herdou esta visão de Heidegger, mediante os escritos de Jaspers Cf. Frankl, 1955-1985, p. 276. *"A Análise Existencial ...deve contentar-se, juntamente com todas as formas de serviço médico, conduzindo o paciente a uma experiência profunda de sua própria responsabilidade"*.

[159] Ver Frankl, 1969-1988, p. 56 e passim; 1997b, p. 137-154.

geometria; na segunda, baseando-se em uma classificação de estratos, ou graus da gênese dos valores, em Scheler.

Sobre a imagem geométrica da antropologia Frankl começou a refletir muito cedo, e a imagem é simples, mas abalizada por entrelinhas dos textos dos grandes pensadores da ciência. Ele vê o homem como sendo uma totalidade que pode ser representada pelo encontro de dois eixos perpendiculares, um de coordenadas, outro de abcissas. Um eixo é constituído pelo que é empiricamente observável e demonstrável. Nele se manifestam instintos, condicionamentos, reações a estímulos.

O outro eixo é mais complicado, e representa realidades complexas e genéticas, como a de motivações, intencionalidade, amor, entrega de si mesmo a um projeto global; enfim, é a dimensão espiritual[160], governada pela idéia de que o homem é uma liberdade que se articula para enfrentar o desafio que é existir.

O primeiro eixo, o das realidades conferíveis, é objeto das ciências empíricas e naturais. O segundo, foi sendo relegado a segundo plano, ou a um tipo de plasmação pessoal, tipo "laissez-faire". Por não poder movimentar-se com segurança no discurso que engloba amor, motivação, dignidade e, enfim, liberdade, a mentalidade "clássica" vetou o acesso a essa dimensão da definição do homem, tachando-a de a-científica.

Mas Frankl argumenta que ela deve ser incluída no objeto de estudo, não por ser claramente enucleável, analisável. Por ser determinante, é que o eixo das dimensões "espirituais" do homem deve ser levado a sério ou, ao menos, tomado em consideração -

[160] Cf. Frankl, 1997b, p. 31 e passim.

isto é, respeitado[161]. A psicologia deve, segundo Frankl, tomar consciência de que existe no homem uma dimensão à qual ela não tem completo acesso e que, nem por isso, é menos importante do que as outras. É o que ele denomina de a dimensão espiritual ou, às vezes, pessoal.

A segunda imagem espelha a primeira. O homem é visto como uma série de círculos concêntricos, que se projetam em dois planos. A ciência tem acesso a um desses planos, onde as realidades e as imagens são decodificáveis. Mas há outro plano, mais difícil de se ver e que é tão importante quanto o outro.

Este tipo de representação antropológica é comum na filosofia de matiz personalista e em algumas variantes do existencialismo. Karl Rahner, por exemplo, para dar uma definição do homem[162], avança e detém-se a meio caminho, como para demonstrar a delicadeza dessa empresa, afirmando que o homem é um *"ser racional indefinível"*[163]. Para citar alguém da área psicológica, pode-se ver um reflexo deste tipo de concepção antropológica na concepção jasperiana das psicoses (uma forma de ser no mundo[164]).

A importância, neste ponto, da concepção da antropologia em Frankl como sendo dimensional, é relativa à definição mais clara

---

[161] Frankl, 1997b, p. 145: *"è perfeitamente legítimo que os cientistas se restrinjam a uma secção recortada da realidade ...Mas eles devem ter consciência que outras secções são possíveis"*.

[162] Rahner, 1989. O título da sua tese doutoral em filosofia é emblemático: ***Geist im Welt***, ou seja, "Espírito-no-Mundo" 1989, esp. P. 406-408. À p. 406, ele afirma que *"...Falando propriamente, o* primum cognitum*, a primeira coisa que encontra o homem, não é jamais o mundo em uma existência 'desespitirualizada', mas o mundo, enquanto já propriamente transformado pela luz do espírito, o mundo no qual o homem vê-se a si próprio"*.). Cf. tb. Oliveira, 1984, p. 109 e passim.

[163] Cf. Oliveira, 1984, p. 109 e passim.

[164] Jaspers 1997, p. 11 e passim; (esp.) p. 325-329: *Viver implica luta, impacto, criação. Significa abater-se contra o mundo, adaptar-se a ele, aprender a conhecê-lo"* p. 325.

do que seja realmente o objeto da ciência psicológica. À luz destas considerações, aparece claro que existe sempre, e o estudioso deve levar isso em consideração a cada momento, uma dimensão de espiritualidade no indivíduo singular[165]. Essa dimensão nada tem de místico, mas refere-se à possibilidade de reação que, ultimamente, diz respeito a estratos pessoais que estão acima dos parâmetros puramente biológicos, e que podem mudar o curso de uma terapia.

O ser humano possui um núcleo que é refratário a todo tipo de abordagem de tipo puramente explicativo. A intuição de Frankl aqui, é que a ciência explicativa deve ser completada por uma visão compreensiva e existencialmente engajada.

À luz dessas considerações, aparece a importância que a abordagem da dimensão explicitamente religiosa (ou espiritual) do paciente vai ganhando para a psicologia[166]. A seguir, serão examinados dois modelos que aparecem em Frankl. O primeiro, da religião como visão de mundo, regulando os pressupostos existenciais. O segundo, da importância da religião nas definições existenciais do paciente, elaborando noções que gravitam ao redor da de inconsciente religioso.

III. 3 A NOÇÃO DE *WELTANSCHAUUNG*

Como a religião pode ser crítica, em relação à psicologia? E como essa crítica pode ser integradora do patrimônio já elaborado por séculos de árdua pesquisa experimental e intuições de várias proveniências estranhas à ela?

---

165 Formulado em Frankl, 1997b, explícitamente como segue: *"Existe, em verdade, um sentido religioso profundamente enraizado na profundidade do inconsciente de todo homem e de cada homem"* p. 14.

166 É conveniente notar que, além da religião, outras dimensões do que seja o humano aparecem nos seus textos, e aguardam um igual resgate: o passado e a velhice, o esporte, o amor, a tensão produtiva, a beleza e assim por diante.

Na verdade, Frankl não preconiza uma volta, apenas situa o pensamento religioso em um campo anterior ao da razão científica. Estando mais perto da experiência pré-científica do mundo feita pelo homem, ela pode ajudar a situar a crítica dos pressupostos, no trabalho do psicólogo[167].

Antes de prosseguir com esta linha de reflexão convém, no entanto, esclarecer que não é de instituições religiosas que se trata, aqui. Falando de religião, o que Frankl tem em vista não é a prática do culto, mas especificamente o ato autêntico de fé (como entrega total e consciente no amor), uma atitude de engajamento profundo em uma busca de diálogo pessoal com o todo da experiência humana[168]. Se há um sentido para a existência, deve haver um sentido último. A religião representa, no caminho para esse sentido, aquela gama de opções e valores que proporcionam ao homem um engajamento autêntico que encerra a totalidade de sua existência em uma *Gestalt* dotada de razoabilidade.

Três coisas precisam ser levadas em consideração, quando se estudam as opiniões de Frankl relacionadas à religião. A primeira, é que ele pressupõe ser possível a autenticidade nas ações humanas (isto é, que há um limite para todo pensamento ou inquisição desconstrucionista da psique). Em segundo lugar, a questão da existência ou não de um Deus, é deixada para o crente ou não-crente resolver. O fato é que as idéias regulativas em relação à existência e ação de Deus podem conferir ao homem (ou

---

[167] Frankl, 1997b, p. 122-126 (*"Até onde posso ver, é tarefa da fenomenologia traduzir esta sabedoria do coração em termos científicos"*); p. 146-148.

[168] Isto é, um ato profundamente pessoal. Frankl não aceita nem a dissolução arquetipizante do religioso intentada por Jung, 1997b, p. 71 e passim, nem uma volta a formas institucionais ortodoxas, se forem impostas p. 149, o ato religioso deve ser a expressão de algo que vem das profundezas do homem, mas que atravessa e é "humanizado" por todo o processo consciente-volitivo. Cf. também Frankl, 1997b, 72.

ao paciente) uma experiência de autêntica auto-posse como totalidade.

Em terceiro lugar, o discurso de Frankl aparece por inúmeras vezes como avesso à pregação confessional. É bom lembrar este aspecto. Ele encontra-se num terreno onde não pode haver proselitismo, caso em que ferir-se-ia a ética profissional. "Converter o paciente" está fora de questão. Se a religião existe, ela pode ajudar na integração dos dados, pode afinar a capacidade do paciente de entregar-se de forma totalizante a uma existência autêntica. Apenas isto.

O terreno onde estão situadas as concepções religiosas é prévio a toda formulação racional e científica, e está mais próximo do simbólico. Mas de qualquer modo, faz parte de um núcleo difícil de definir e articular[169]. Sendo prévio às formulações racional e científica, ele é parte do que se pode, com Husserl, chamar de *Lebenswelt.* Ou seja, faz parte daquela experiência prévia onde se encaixam todas as outras, e que tem valência de horizonte de totalidade, pressuposto para a organização dos dados da experiência em sua situação de dados, ao invés de dispersão na fragmentariedade.

Como as experiências estética, ética, lúdica (simbolizada em Frankl pela associação entre esporte e bom humor como ascese), e assim por diante, a experiência religiosa constitui uma espécie de núcleo prévio e, até certo ponto, regulativo, enquanto provê com narrativas originárias e não-justificadas os momentos últimos da gênese dos referenciais éticos e de sentido na existência do

---

[169] Frankl 1997b, p. 144-147 observando que, por um lado, o simbólico atesta uma defasagem imensa entre o que é simbolizado e a própria capacidade de simbolizar que o homem possui. Mas por outro lado, simbolizar não é uma tarefa renunciável, faz parte da estrutura do homem enquanto tal.

indivíduo. Lá onde não chega o pensamento racional, o discurso religioso preserva a inviolabilidade do ser, intuído (mas indemonstrável) como dignidade.

Daí que se pode esboçar esta contribuição de Frankl como sendo uma espécie de reavaliação do sentimento religioso presente no homem como sendo uma chance crítica da atividade científica, ajudando-a a se integrar na percepção da totalidade da existência humana. Isso aconteceria mais ou menos como segue.

Na atividade científica como um todo, os dados serão sempre pré-condicionados pelos critérios do pesquisador ou, pelo menos, dos seus financiadores. Este ponto, quando se visita a prática das ciências da saúde, parece ainda largamente ignorado.

Os critérios dos pesquisadores estão freqüentemente implícitos, não vêm à luz senão mediante a observação meticulosa de especialistas em epistemologia. Mas esta só é acessível nos grandes centros de estudo e pesquisa. No Brasil, pelo menos, a grande parte dos pacientes pode ficar reduzida ao flagelo da denominada omnipotência médica (enquanto grande parte dos médicos estão por sua vez abandonados a vários tipos de sobrecarga, diga-se de passagem), que desde Husserl se critica comumente nas ciências humanas sob o nome de psicologismo e, depois, de sociologismo.

É a atitude mediante a qual o especialista, que fragmentou a sua experiência de mundo em muitos cacos para poder esquadrinhar apenas um deles, de repente trata a experiência humana de outros, caracterizada por uma complexidade muito maior do que o caquinho que ele possui nas mãos, como se fosse

exatamente proporcional à área de conhecimento que ele supostamente domina[170].

São dois, então, os maiores perigos que a religião considerada de forma estilizada ajuda a ver e prevenir: a incompetência disfarçada e generalização indevida[171]. Incompetência técnica não existe em cientistas experimentais. Mas Frankl aponta a ausência de reconhecimento de uma dimensão que é presente de forma qualificada na experiência humana, e se chama como espiritualidade, mas outras correntes que também a detectam podem denominá-la dimensão pessoal, "existenciais", dimensões históricas ou mesmo a parte de homem que ainda não se conhece.

Via de regra, o pensamento experimental é marcado pelo recorte. Aqui, nada a dizer, segundo Frankl. O problema é que, nas experiências, não há a produção dos princípios éticos, da filosofia, de cultura, beleza ou do humanismo necessários para a existência humana de todos os dias. Em outras palavras, o recorte é legítimo, é legítima e necessária uma certa "reificação" operacional da realizade, seccionando dela aspectos mais domináveis.

O problema nasce quando o cientista "seccionador" se esquece do fato que o que se tem nas mãos é um recorte, e muito comumente o resultado de experiências é elevado à categoria de visão de mundo, e se produzem generalizações que, no fim das contas, vão condicionar o comportamento das pessoas na direção

---

[170] Na sua definição de reducionismo Frankl, 1997b, é claro: trata-se de um procedimento pseudocientífico, que *"ou reduz os fenômenos humanos ou os deduz, partindo de fenômenos sub-humanos"*.

[171] Frankl, 1969-1988, p. 20: *"O desafio é como obter, manter e restaurar um conceito unificado do ser humano, diante dos dados, fatos e descobertas pulverizados fornecidos por uma ciência do homem por demais compartimentalizada".* Além p. 21 *"Estamos familiarizados com o tipo* terrible simplificateur*. Agora, temos a que ver com os* terrible généralisateurs*".*

conveniente, mas não vai atingir questões profundas da existência delas[172].

Neste sentido, como que parafraseando Freud, Frankl observa que, também aqui, e não apenas nos casos de conteúdos pulsionais, o que foi reprimido reivindica o seu espaço, e faz pressão. Isso pode acontecer de várias formas: o conteúdo experiencial reprimido volta através de sonhos a fazer parte da psique do homem. Ou ainda, pode haver um deslocamento da busca religiosa para a dimensão estética ou lúdica, e aí tem-se pessoas de sensibilidade extraordinária. talvez tão extraordinária, que acabem buscando nas drogas o alargamento de consciência interditado oficialmente. Mas há outra possibilidade: a sede de religião, de Deus, ou de sentido último pode retornar em formas anômalas, na verdade em deformações e caricaturas, das quais as mais comuns seriam o fanatismo, religioso ou não[173].

A dimensão religiosa presente na vida dos pacientes, é um indicativo da existência de várias realidades que não são muito precisáveis, mas que são importantes na compreensão do homem e de sua psique. Esta primeira formulação crítica da atividade científica apresentou o problema sobretudo em relação ao terapeuta ou pensador da psicologia. A sua atividade pode ser mais rica se considerar apropriadamente os elementos "incomensuráveis" representados pela religião - da mesma forma que pode ser mais pobre ou até mesmo comprometida seriamente se não avaliá-los em si mesmos, como testemunhas da dignidade

---

[172] Frankl, 1997b, p.36.

[173] O que não passa de uma regressão violente. O fanatismo é a regressão a um estágio infantil do ato de fé, que foi impedido de amadurecer. Cf. Frankl, 1997b, p. 72-75 (relacionando o tema com a tecnologia).

do ser humano, mas a partir da perspectiva míope das próprias generalizações[174].

Se a consideração da dimensão religiosa implica uma reavaliação da atitude ou do ponto de partida do terapeuta, por outro lado também deve ajudar em relação ao paciente. É o que se verá a seguir.

III. 4 BEBER DAS PRÓPRIAS FONTES[175]

Em poucas palavras, do próprio Viktor Frankl, considerar positivamente a religião é dar suporte ao paciente para que ele seja capaz de "beber das suas próprias fontes"[176]. Na verdade ele trabalha em várias linhas, quando considera o problema religioso do homem contemporâneo. Faz reflexões de fundamentação e sustenta que, à luz de uma antropologia mais compreensiva, podem-se produzir bons resultados terapêuticos, aliados a um respeito mais concreto pelo paciente. Além disso entra em vários textos que se podem chamar de "casuísticos" onde mostra como esse tipo de visão se suporta através de casos e exemplos da clínica.

Mas o aspecto que mais interessa a este estudo, por ser menos evidente em seus textos, é a continuação na linha da explicitação de experiências atemáticas, e no seu reflexo para o paciente. Em grandes linhas, o seu alvo é uma ampliação do espaço terapêutico para conseguir transformar-se em um amplo sistema de suporte ao equilíbrio nas atitudes e nos atos livres ou

---

[174] O que Frankl visa é uma atitude de respeito fenomenológico, cf. Frankl, 1998b, p. 80.

[175] A expressão foi usada pela primeira vez em Frankl, 1959-1984, p. 122. *"...quando o paciente apóia-se no chão firme da fé religiosa, não pode haver objeção a que se faça uso do efeito terapêutico das suas convicções religiosas e, assim, explorar as suas próprias fontes".*

[176] Isto é, ser capaz de viver autêntica e espontaneamente, cf. Frankl, 1997b, p. 44.

deliberações do paciente. Trata-se de iluminar o centro, para que a periferia também ganhe.

A consideração psicológica da religião em Frankl relaciona-se com uma avaliação positiva do ato de fé. O ato de fé, tanto no judaísmo como na teologia cristã contemporânea de matriz existencial, é visto como o momento em que o homem se possui enquanto totalidade, simbolizando a totalidade de sua existência em algumas metáforas significativas, e dando-lhe dessa forma uma orientação global. É o que se pode resumir como auto-posse em liberdade, e auto-disposição como resposta a uma missão[177].

Este tipo de concepção global e globalizante da existência humana funciona como catalisador de um tipo de psicoterapia dirigido por uma visão ativa do homem em relação com o seu meio social e com seu patrimônio biológico. Em simples palavras, a explicitação do núcleo produtor do horizonte último de sentido na existência humana contribui para uma melhor situação dos seus problemas particulares.

Explicitar uma dimensão religiosa na existência do paciente significa, em Frankl, abordar o psiquismo humano a partir da tentativa de explicitar um âmbito epistêmico de conceitos antropológicos fundamentalmente atemáticos, mas também dinâmicos, reguladores e provocativos, para o todo da existência. É o que ele significa quando afirma ser tarefa da psicologia estudar os conteúdos "do sótão" e não apenas "dos porões"[178].

Existe um horizonte de conteúdos fundamentalmente indisponíveis para a manipulação consciente, mas que servem ao

---

[177] Cf. as observações de Lonergan a respeito da liberdade e vontade humanas no sentido existencial-cognitivo 1978, p. 612 e passim.

[178] Frankl, 1997b, p. 37. *"O espírito não é inconsciente apenas lá onde ele se origina, nas suas profundezas, como também nas suas alturas".*

psiquismo na função de um horizonte ideal de conteúdos metafóricos, que coordenam a totalidade da experiência de mundo, dos outros e de si mesmo, no homem. Este horizonte recebeu a primeira articulação na linguagem mitológica e, em seguida, na história da humanidade, a linguagem religiosa articulou em uma série de narrações de fundação estas coordenadas complexas da experiência humana.

A ciência natural recusa-se a manipular este tipo de conteúdos porque eles são, em sua essência, inobjetiváveis, não-reificáveis. Sua natureza é refratária, suas conexões são ideais e não seguem lógicas muito precisas, e seu funcionamento é normalmente determinante para a orientação global da vida do paciente. Para trabalhar com este tipo de conceitos ou vivências, faz-se necessária uma abordagem essencialmente compreensiva e fenomenológica, ou seja, que descreve sem interferir, até onde seja possível. Na medida em que o terapeuta se põe à escuta do paciente em seu relato fundador, suposto como autêntico até prova em contrário, descortina-se diante dele o horizonte existencial, cifrado na experiência religiosa.

O material pode ser variado: concepções de fé como confiança em Deus, sonhos ou impressões fortes de que algo deve ser feito, alguma atitude está faltando, persecução de valores ou apoio em narrativas exemplificadoras de comportamentos ideais. Mas o que mais constitui o material do aspecto propriamente religioso do comportamento humano tomará, em Frankl, a forma de uma confiança no sentido mais global da existência humana, o que ele denomina ora de "sentido último", ora de "super-sentido", cunhando um neologismo.

Este tipo de conteúdos gravita no quadro existencial, foi dito. Na verdade, esta busca de um horizonte para pavimentar o esforço de auto-plasmação realizado mediante a auto-percepção como liberdade responsorial adquire um sentido próprio ao se analisar a psicodinâmica do ser humano como sendo uma existência, conforme se verá.

Os conteúdos religiosos presentes ao psiquismo humano são também dinâmicos, no sentido em que, potencializados, funcionam como mobilizadores do que é o motor principal do processo de crescimento ou "cura" em qualquer psicoterapia: a capacidade humana de resistir à despersonalização e de criar, posicionando-se. Toda a existência do ser humano é vista como resistência a condicionamentos, por um lado, e como mobilização de forças construtivas, por outro.

Enfim, tomados em sua característica necessariamente formal, os conteúdos religiosos presentes à consciência do homem são reguladores de sua linguagem e provocativos, em relação ao todo de seu comportamento.

São reguladores, por funcionarem como vetores ou grandes linhas de orientação ao redor das quais se podem aglutinar explicitamente as formações de padrões éticos e comportamentais. Em breve, trata-se de alguns pontos-limite que auxiliam na organização da percepção do mundo e de seu sentido.

Provocativos significa, para Frankl, que os conteúdos religiosos, ou as experiências religiosas, funcionam como matrizes que orientam no sentido da plasmação das esferas de valores que regularão as escolhas individuais da pessoa. Pro-vocar significa

chamar-para-diante-de[179]. Conteúdos e experiências religiosas incomodam o indivíduo e geram uma inclinação para a busca de experiências de realização de atos de sentido.

As articulações deste capítulos foram apresentadas em seus aspectos mais formais, na intenção de mostrar que a concepção da religião em Frankl não é apenas a demonstração do caráter virtuoso ou profundamente religioso dele mesmo, enquanto pessoa humana. Mais do que isso - e sem negar essa possibilidade - o que se tem em vista é afirmar que uma reavaliação da dimensão religiosa presente na existência humana afeta a consideração do ponto de partida da psicologia como tal.

A possibilidade de uma dimensão religiosa e a sua avaliação empática têm a ver mais com o homem como ele é, do que com o homem como os sistemas desejariam que ele fosse. O homem das ruas que Frankl registrou é meio óbvio e meio heróico; meio medíocre e meio brilhante; meio pobre e meio rico. Enfim, heterodoxo, irregular, sexuado e, freqüentemente, religioso. A obra de Frankl foi tomar isto em consideração, sem condenar antecipadamente.

Se levada em consideração, do lado do terapeuta, a religião é uma cifra do desconhecido, do suporte, do fundamento sem fundamentos. Um testemunho que, além do fragmento de realidade iluminado pela sua ciência, existem milhares de outros fragmentos, que devem ser levados em consideração - ou ao menos respeitados, se excluídos por razoáveis motivos metodológicos. A religião e a psicologia têm em comum a intenção

[179] Frankl, 1997b, p. 59 e passim.

de religar o homem. A religião, a Deus; a psicologia, a si mesmo e às suas fontes mais genuínas[180].

Do lado do paciente, a dimensão religiosa da existência manifesta-se como uma fonte de material potente do ponto de vista da terapia e do equilíbrio da personalidade, por mobilizar e articular categorias que, de outra forma, seriam inacessíveis e que, deixadas a si, poderiam ser facilmente manipuladas ou deformadas[181].

Estas considerações devem ser suplementadas ainda por considerações ulteriores sobre o sentido e sobre a percepção do homem como liberdade.

---

[180] O respeito mútuo e a mútua independência entre a psicologia e a teologia são também uma condição importante, cf. Frankl, 1997b, p. 81.

[181] *"Ninguém pode me fazer acreditar que o homem é um animal sublimado, se eu posso mostrar que dentro dele mora um anjo reprimido"*: Frankl, 1997b, p. 65.

Capítulo IV

O SENTIDO COMO EIXO TEÓRICO

Se o "mal-du-siécle" é o vácuo existencial, o resgate da questão do sentido é o início de uma socio-profilaxia psicológica.

Tanto na vida em geral como na ciência em particular está implicada, para Frankl, uma tomada de posição. Fazer ciência significa, em primeiro lugar, tomar posição, articular posições, diante de problemas que afetam direta ou indiretamente a vida de outros seres humanos. Viver significa, por sua vez, tomar posição diante de desafios a resolver.

Esse quadro referencial ético aparece, para Frankl, na gênese do pensamento psicológico. Ele será alargado pela observação, coleta e tentativa de resgate de elementos que a existência humana possui e que a tornam única. É o que se vê na sua análise da religião.

Em seguida é necessário um passo ulterior para dentro do seu pensamento, colocando em evidência como se articula esta experiência ou este núcleo de pressupostos antropológicos com a atividade psicológica. Este capítulo tentará mostrar como o sentido - mal do século - se articula em Frankl com a psicologia - a medicina da alma[182].

[182] Cf. Frankl, 1969-1988, p. 125.

A questão do sentido merece atenção, para se entender o ponto de partida da psicologia em Frankl. Primeiramente, é a grande questão do sentido da existência, aguçada pelas condições modernas, do sujeito jogado a si mesmo, que vai ser o seu referencial na elaboração da noção de "vácuo existencial". Em segundo lugar, para responder a esse desafio, ele vai cunhar o tema da neurose noógena[183]. Isto, argumentar-se-á, é uma contribuição interessante no diálogo da psicologia com as bases da experiência humana, e situa a consideração dos problemas de que se ocupa a psicologia em um quadro mais amplo.

IV. 1 FRANKL E O PROBLEMA DO SENTIDO

A vontade de Sentido nasce em 1969, e é uma tentativa que Frankl realiza de colocar em ordem as dívidas e organizar um pouco melhor a própria abordagem teórica, ressaltando que mesmo o efeito da terapia pode ser comprometido por uma abordagem excessivamente tecnológica[184].

Ele inicia descrevendo em grandes linhas as suas dívidas para com Heidegger e Scheler. Em seguida[185] situa a sua abordagem em linha de continuidade com a psicanálise, escrevendo uma singular página de elogio a Freud. Ele o compara ao Rabino Loew de Praga, famosíssimo (seu tio distante, não por acaso). Novos rabinos, isto é, novas abordagens na psicologia deverão surgir. Mas a cadeira central, a do Rabino Loew, deverá permanecer vazia. Os outros serão sempre anões nos ombros do mesmo gigante.

---

[183] Que a neurose tem a ver com a diminuição do sentido da própria dignidade, foi um tema que Frankl entreviu já desde o seu relato sobre os *Läger*, cf. Frankl, 1959-1984, p. 60.
[184] 1969-1988, p. 6.
[185] 1969-1988, p. 10-12.

Interpolando-se com o tema da vontade de sentido, na obra citada, aparece a caracterização do mal do século, o eclipse do sentido - ou seja, o vácuo existencial. Vários autores concordam em dizer que, por debaixo de todo o complexo de neuroses e problemas enfrentados pelo homem do século XX, paira o fantasma da ausência de sentido, minando todo o sistema e a capacidade de resistência à neurose e á doença. Assim Rollo May, Erich Fromm, Ludwig Binswanger, Gordon Allport, Medard Boss e outros. Frankl vai em seguida desenvolver o tema cunhando o termo "neurose noógena"[186].

A seguir, apresentar-se-á a caracterização do problema do sentido como a doença do século que, em Frankl, toma a forma da noção de vácuo existencial. Essa noção será caracterizada primeiramente a partir de algumas referências literárias e psicológicas. Em seguida, mostrar-se-á a sua circunscrição do espaço noético e a sua relevância para a psicologia.

IV. 2 A NOÇÃO DE VÁCUO EXISTENCIAL: TESTEMUNHOS

O Ocidente conhece muito bem a noção de vácuo existencial. Trata-se de uma condição que ronda todo homem ocidental como um fantasma; um clima cultural, histórico, criado na gestação da própria chamada idade moderna. A época moderna foi uma renúncia sistemática a tudo o que não tivesse em si mesmo o seu fundamento. Na prática, o homem renunciou ao mistério e à polissemia cultural, a favor da técnica e da organização.

Antes de abordar-se o problema segundo Frankl, é útil interpôr algumas citações para ilustrar acerca da universalidade da

---

186 *"Noögenic Neuroses"*, cf. Frankl, 1959-1984, p. 106 e passim são, nesta primeira conceituação, as neuroses que afetam o nível do especificamente humano. Uma outra definição mais tardia, em 1969-1988, p. 89, vai dizer da neurose noogênica que ela é *"uma neurose causada por um problema espiritual..."*.

problemática no Ocidente. Alguns autores da sua literatura demonstram, traçando perfis de personagens determinados, como essa questão se articula com urgência.

Jean Baudrillard, pensando de forma típica (isto é, anárquica) o tema da pós-modernidade, caracteriza a idade atual como sendo a da "pós-orgia"[187]. A sua pergunta inicial, é se há o que fazer após a orgia, e o que seja isto. O Ocidente, liberou as suas tendências até a negação do conceito de natural[188]. Nada é dado, tudo é convenção. Efetuou sucessivas revoluções, todas no sentido de uma maior automatização da existência, de uma maior praticidade, de um aumento de conforto para os cidadãos (do centro, exatamente como a Grécia antiga, onde quem não era cidadão era o que Orwell num de seus romances chamará curiosamente de "impessoa").

Depois desse frenesi desenvolvimentista, o ocidente acorda de ressaca. Descobre-se em uma situação apática[189], onde não somente não foram resolvidos os problemas que fizeram surgir as grandes revoluções, como também apareceram outros, mais graves. O conceito de natural não existindo, retorna cada vez mais ao subsolo do mundo científico a conversa ingrata sobre o preço ético das experiências e, sobretudo, sobre a utilização delas para fins explicitamente lucrativos.

---

[187] Jean Baudrillard, 1997, p. 9: *"Hoje tudo está liberado, o jogo está feito e encontramo-nos coletivamente diante da pergunta crucial: o que fazer após a orgia?"*.

[188] Domingues, 1991, p. 378: *"Ora - dizia Ladrière -, onde o fundamento está ausente, o solo vacila e o espírito vê-se acometido de uma vertigem ante a ameaça de uma queda infinita - é o abismo".* Um pouco além, continua: *"...o homem e o devir são agora a medida de todas as coisas".*

[189] Apatia, *"Boredom", "Noia", "tédio",* caracterizam bem o ponto de partida da condição de estranhamento de onde Frankl vai desenvolver o tema do vácuo. Cf. Frankl, 1969-1988, p. 64-85 (: *"As manifestações principais da frustração existencial {*são*} o tédio e a apatia..."*).

Depois de séculos depondo reis e guilhotinando monarquistas, a república atual vê-se freada pela apatia dos cidadãos que simplesmente não acreditam no voto, isto é, na participação, na construção do espaço democrático. Os estados tornam-se cada vez mais leves, para não ter sobre os ombros o peso de uma civilização onde a desigualdade social é cada vez mais normal. A tecnologia não somente não resolveu as questões relativas ao aprendizado humano, como ainda criou mais um problema, a sobrecarga de informações. Esta sobrecarga se manifesta como infestação viral nos organismos e nas estruturas de comunicação[190].

Essa análise pode ser aproveitada na psicologia e, na verdade, o é. Para citar apenas dois autores significativos, Rollo May[191] e Erich Fromm[192] trataram do problema colocando o sentido no centro de suas análises.

É uma epopéia a de que se trata. O homem deixa a sua casa em busca de lucro desmedido e encontra o nada. Talvez pela sua natureza épica, seja útil mostrar algumas ressonâncias culturais do tema do sentido e de sua busca (ou não) de parte do homem. Muitas epopéias podem ser escritas, aqui. Esta vai de Dom Quixote a Macunaíma[193].

---

[190] Termo feliz de Baudrillard, 1992, p. 48.

[191] 1995. ***O homem em busca de si mesmo*** é por si só um título bastante expressivo do conteúdo do livro.

[192] 1961. Representa bem um culturalismo que teve considerável impacto sobre a psicanálise nos Estados Unidos - e que, apesar de seus limites, deveria receber mais atenção.

[193] As citações que seguem a propósito da literatura são propositalmente aleatórias. Os grandes autores citados são postos lado a lado apenas com o fito de mostrar que o problema posto pelas clássicas perguntas da filosofia antropológica "quem somos, de onde viemos e para onde vamos?" é obsessivamente presente na história da cultura ocidental. O que ajuda a suportar a tese da relevância das contribuições de Frankl para além da sua escola.

O homem dos séculos dezesseis a vinte começa a sua epopéia como o Dom Quixote de Cervantes[194], do qual se diz, não que fosse muito nobre ou corajoso e por isso teria iniciado as suas aventuras. Todo o romance relata a história de um fidalgo que meteu-se a correr mundo cavalgando um pangaré, porque simplesmente leu tantos livros de cavalaria que narravam aventuras incríveis, que achou-se autorizado a conquistar o mundo.

O que seria exatamente o "quixotesco" na gênese do pensamento e dos projetos modernos, *auctores disputant.* Mas Baudrillard fornece ainda uma colaboração importante. É o conceito de "prótese"[195]. O espetáculo ao qual se assiste na virada do terceiro milênio, é o de um homem em profunda crise de identidade, confundindo-se com as máquinas que inventou[196], todo esticado e repuxado por cirurgias que lhe prometem uma volta à juventude que nada mais é que um testemunho do fato que a sua existência não tem sentido, apenas devota-se à conformação a padrões inquestionados e sempre mais gratuitos[197]. Quixote, de tanto pensar em cavalaria, acaba se metendo a conquistar o nada, ridiculamente. O homem moderno, de tanto lidar com máquinas, termina negando-se a si próprio e reduzido a alguns poucos códigos numéricos.

---

[194] Cervantes, 1978, p. 30: *"E assentou-se-lhe de tal modo na imaginação ser verdade toda aquela máquina de sonhadas invenções que lia, que para ele não havia história mais certa no mundo".*

[195] Baudrillard, 1992, p. 27.

[196] *"O Homem Telemático está consignado ao aparelho como o aparelho lhe está consignado, pela involução de um no outro, pela refração de um pelo outro. A máquina faz o que o homem quer que ela faça mas, em compensação, ele só executa o que a máquina está programada para fazer".* Cf. Baudrillard, 1992, p. 64. E mais adiante, Id.: p.65: *"Sou um homem ou uma máquina? Já não há mais resposta para essa questão antropológica".* 5.

[197] 'Somos todos replicantes?" perguntará o protagonista do *Blade Runner* de Ridley Scott.

O Fausto de Goethe[198] é outro personagem ilustrativo para a epopéia do vácuo. Entrega tudo o que possui e é a Mefistófeles, em troca de um sonho (delírio, se posto em paralelo com Dom Quixote) de domínio de todas as coisas. No seu projeto de domínio de toda a natureza e sujeição dela a um mundo ordenado e progressista, vê-se obrigado a exterminar sorrateiramente os inocentes velhinhos Filemão e Báucia[199], que viviam bem em uma casa humilde e natural, e não acreditavam em seu projeto.

Ainda, para mostrar o quanto seu delírio absurdo não é privado de perigos, depois de aviltada e abandonada por causa de Fausto, uma jovem, Gretchen, morre vendo despencar sobre si o teto de uma igreja gótica. Rui o mundo gótico aos pés de Fausto[200]. Funda-se uma era fáustica, pseudo-fáustica[201] ou o que se quiser. O preço dos mitos desenvolvimentistas não é pequeno. Do preço social muito se tem falado[202]. Frankl põe em evidência o preço clínico: o que isto tudo cobra à saúde mental do homem contemporâneo.

O estrangeiro de Camus[203] é uma outra figura importante, na demonstração da relevância do tema do sentido para a cultura contemporânea. Mersault, o anti-herói do romance, aparece como

---

[198] Berman, 1986, p.39-84.
[199] Berman, 1986, p. 66 e passim.
[200] Berman, 1986, p. 57.
[201] Berman, 1986, p. 71 e passim: Fausto é a representação metafórica da tragédia da modernidade, que deve pagar um preço alto para poder desenvolver as próprias possibilidades sem referências. Mas o que se vê, ainda, não é nem isso: é um pastiche, uma série de farsas brutais, que nem tragédia são.
[202] Berman, 1986, p. 74: *"... O processo de desenvolvimento que os espíritos criativos do século XIX conceberam como uma grande aventura humana tornou-se, em nossa era, uma necessidade de vida ou morte para todas as nações e todos os sistemas sociais do mundo. Em consequência disso, autoridadeds fomentadoras, em toda parte, acumularam em suas próprias mãos poderes imensos, fora de controle e frequentemente letais".*
[203] Camus, 1957.

primeiro herói sem causa, anestesiado pelo tabaco, julgado e morto sem razões nem dor, posto que já vivia sem perspectivas[204].

O estrangeiro é um romance que foi lido e relido ao longo do século, e estabelece uma ligação preciosa com outro texto, o romance *Homo Faber,* do alemão Max Frisch. *O estrangeiro* de Camus é o texto que Sabeth estava lendo no convés[205] quando Faber, anti-personagem principal do romance a encontra, vestida com um *"pullover preto com gola rolê, existencialista... tudo bastante barato"*[206].

O protagonista de Max Frisch é uma anti-personagem. Seu romance é um relatório, frio e tomado de empréstimo a um diário. Faber é engenheiro, e sabe o necessário para viver com os dois pés no chão. Ironiza as utopias comunistas de Hannah, sua ex-mulher e a tacha de histérica, quando ouve suas idéias sobre a mística[207]. Considera-se ele, o engenheiro bem-sucedido, preciso demais para pôr em questão a vida, os seus valores, algo que vá além da sobrevivência material.

E no entanto termina apaixonando-se por Sabeth que, depois vem a saber, era a filha que quis abortar para poder seguir carreira. A sua namorada não abortara. Tem-se aqui a literatura refletindo um caso em que a recusa a experimentar os limites da própria existência, e a necessária fraqueza na busca de sentido, termina em tragédia.

---

[204] *"...compreendia muito bem que as pessoas me esquecessem depois da minha morte. Já não tinham nada a fazer comigo. Nem sequer podia dizer que me custava pensar nisso".* Cf. Camus, 1957, p. 115.
[205] Frisch, 1977. p.70.
[206] Frisch, 1977. p.70.
[207] Frisch, 1977. p.47: *"Hanna tinha por um lado uma queda para o comunismo que eu nunca engoli, e por outro lado uma atração pelo misticismo, para não dizer, pela histeria ("zum Mystischen, um nicht zu sagen: zum Hysterischen") Eu sou apenas o tipo que se mantém no chão com ambos os pés".*

Na mesma direção vai E. M. Cioran[208], entre a poesia e a filosofia, quando escreve uma série de pequenos textos onde condena não só o sentido, como também a sua busca. O homem seria uma espécie de broto do nada, vítima de um destino implacável, que o obriga a existir, ou de um *"demiurgo maldito"* (o Deus de Camus) que lhe dá de presente uma liberdade que a morte torna inútil e mutilada. A obra de Cioran defende mesmo a rejeição da possibilidade da existência. Essa proposta anárquica ecoa uma espécie de volta ao gnosticismo emanacionista do tipo defendido por Valentino (Séc. II). E neste ponto, a sua importância para o tema que ocupa estas reflexões: ele reflete uma concepção nihilista da vida que é sustentada por muitos, mas que é dura demais para ser admitida em público.

Macunaíma de Mário de Andrade (levado ao cinema por Joaquim Pedro[209]) é uma entre as possíveis contribuições brasileiras a esta galeria patética que testemunha o vácuo contemporâneo. Herói sem caráter, a personagem de Mário de Andrade testemunha o problema da urbanização, da pobreza, do conflito entre diversas concepções de mundo na gênese do Brasil. Isso numa roupagem bem-humorada, onde coexiste o absurdo com a miséria, para testemunhar o quanto é *bufa* a civilização ocidental, no seu lado "dependente".

Outros autores documentaram a questão e, por serem mais discutidos, são deixados de lado. Mas basta correr os olhos pelas listas de *best-sellers* para perceber o quanto a questão antropológica incomoda. E no centro dela, a questão do sentido.

[208] Delacampagne, 1995, p.233.
[209] Cf. Xavier, 1993 p.140-158. Cf. 150: *"Macunaíma, personificação da preguiça, se desenha então como o paradigma da inclinação para o consumo indiscriminado".*

As últimas frases do livro de Frankl sobre o campo de concentração mostram o quanto para ele o sentido é um problema importante, não somente porque essa seja a sua opinião, mas porque esse problema aparece claramente ao longo da história do ocidente, e é um problema de sobrevivência. Após duas guerras mundiais o homem vê-se como uma liberdade nua e ausente, jogada a uma existência artificial (como a vocação de D. Quixote), sem poder se consolar com um imaginário transcendente, em um clima de total indiferença, anestesiado por vícios, entre o sentimento de estranheza total (Camus) e a relativização do próprio conceito de vida (Cioran): *"Assim, estejamos alertas, em dois sentidos: desde Auschwitz sabemos do que o homem é capaz. Desde Hiroshima, sabemos o que está em jogo"*[210].

Ele vê a resolução da questão do sentido como algo que, se não for atendido, poderá comprometer a história, como um todo. Não são conceitos que estão em jogo, mas a própria subsistência da raça humana que, por não saber para que existe, agride-se sem limites. Mas enquanto não é resolvida, o homem está no vácuo.

IV. 3 A NOÇÃO DE VÁCUO EXISTENCIAL EM FRANKL

Frankl elabora o tema do "vácuo" sucessivamente através da perda de referências em relação ao passado, e ao futuro[211].

O homem que perdeu a referência do passado perdeu, na verdade, o contato com a tradição. Mas isso não é questão que afeta apenas um número limitado de pessoas. A modernidade como visão de mundo, nasceu e se afirmou, em vista do espírito científico, como ruptura com a segurança e o conforto do passado. Descartes abre o discurso do Método afirmando ser necessário

---

[210] Frankl, 1959-1984, p.154.
[211] Cf. Frankl, 1969-1988, p.83-98.

desviar o olhar para edifícios construídos por mestres já falecidos, para construir um novo monumento à clareza, à funcionalidade, à autonomia da razão em relação a todos os escombros que perturbam o seu pleno desabrochar.

Se isso, por um lado, trouxe uma espetacular focalização em novos problemas e refinamento do método experimental, por outra parte gerou uma insegurança epocal que desenvolveu-se ao redor do namoro com a idéia de desproporção entre o homem e o universo, nascida nos modernos (desde Pico della Mirandola), até culminar com as abertas apologias do suicídio (Camus, Weininger, Cioran, Sartre). Abandonado o sistema ancorado na concepção de uma natureza firme e normativa, desapareceu o interesse pela tradição ptolomaico-aristotélica.

Mortas as seguranças e os pontos de apoio de toda uma visão de mundo, o homem rodopiou em volta de si mesmo, escavando e revirando o *cogito* até o seu esgotamento. Até descobrir na abertura deste século que poderia destruir o mundo, e que isso, apenas isso, teria sido o fruto de tantos séculos de pesquisa. Cria-se um vazio existencial, o vácuo sem sentido de onde pode nascer na verdade um espectro de neuroses que são variações do mesmo tema: a perda de sentido. O cenário é lúgubre e pessimista, mas monta muito bem o quadro para o sumiço de toda referência para se encontrar um motivo que justifique uma existência como dor (Cioran), como vontade e representação (Schopenhauer), ou como paixão inútil (Sartre).

Mas não só o passado foi perdido com o processo civilizatório e tecnológico, que caracterizou a modernidade. Também o futuro foi abandonado. O homem matou Deus (Nietzsche) e, de certa forma, morreu junto (M. Foucault) - isto é, inaugurou uma era

onde os fundamentos eram a lógica aliada à vontade de poder mitigada para disciplinar a própria autonomia em relação à dos outros. Em outras palavras, uma era sem referências "objetivas"[212].

Com a perda de referência no sentido de um para-além-de", não um idílio que justificasse apenas a opressão por parte de patrões injustos, mas um sentido de integração em relação a um todo maior que ele próprio, que lhe dá esperança no sentido de relativizar seus problemas em vista de uma causa maior, o homem vê-se subitamente "desumanizado". Seu corpo é transformado em produto, seu prazer ganha um preço, uma etiqueta, sua vida tem um valor de troca, e todo o seu mundo se transforma em mercadoria. É todo o seu sistema de referências que é sacrificado, em vista de nada, talvez de uma utopia coletivista ou positivista.

O que é o sentido? É difícil encontrar definições precisas, nos seus textos. Quando toca explicitamente no tema diz coisas como: *"...o sentido do sentido (**sic**!) é ritmar a existência".; "ser humano significa ser diante de sentidos a preencher e valores a realizar"*[213]. Estas citações dão uma idéia da complexidade do tema em Frankl, e podem abrir espaço para a compreensão do que significa o vácuo existencial.

Em primeiro lugar, o sentido da existência é situado por Frankl sempre num quadro concreto. Ele não fala jamais em sentido em si, ou seja, não faz reflexão propriamente filosófica, metafísica, mas trata o tema a partir de sua relevância existencial, como que proclamando a sua fé em uma presença do sentido,

[212] Esta era é identificada, por exemplo, na eclosão do pensamento sem sujeito que deu origem aos estruturalismos (Delacampagne, 1995, p. 233 e passim).
[213] Frankl, 1959-1984, p.51-2.

enquanto questão, em todas as dimensões e momentos da existência humana.

O que ele realiza é uma fuga do debate estéril sobre a pergunta se a vida como tal tem ou não um sentido. É uma pergunta complicada demais para um clínico, deve ser deixada para os filósofos, diz, em primeira análise. Pouco a pouco o seu discurso se torna mais específico. Sendo a sua tratação empírica, é de casos isolados, de contingências e situações do concreto do "homem das ruas" que se trata. Aqui não se pode fazer um discurso sobre a metafísica do sentido. Mas Frankl vê-se autorizado a afirmar que cada momento da existência individual implica uma situação em que há decisões a tomar, e ademais, que esta decisão possui um valor transcendente a si mesma, ou seja, que os atos singulares são providos de sentido, e que cada ato humano constrói ou destrói uma possível produção de sentido[214].

Produzir sentido, aqui entrando em jogo o vocabulário personalista tomado em herança a Max Scheler, significa construir uma existência na qual se manifesta a edificação de uma série de esferas de valores, que vão confluir na formação de tipos-ideais[215] ou figuras prototípicas. Os tipos ideais são construções em que se aglutinam o maior número possível de determinada gama de valores, do técnico ao "santo".

É conveniente recordar que esta concepção de sentido pulverizada em pequenos atos cotidianos que dão orientação à existência primeiro em termos atômicos para, só depois, construir-

---

[214] Cf. Frankl, 1969-1988, p. 69-145.
[215] Scheler, 1955, p. 582 e passim.

se em grandes projetos[216], supõe uma visão antropológica condicionada pelo predomínio do conceito de liberdade, sobre o dos condicionamentos. Ou seja, para pensar o homem como realizador de sentido (singular) em ações cotidianas produtoras de sentido (plural!), é necessário salvaguardar a sua experiência da liberdade, e o seu valor fundante.

O maior inimigo do sentido é o vácuo existencial[217]. Ele se constitui, na sua gênese histórico-social, através de um processo global onde problemas como o nihilismo e o homunculismo vão gerar o quadro de despersonalização que mina a capacidade de escolhas justas e de formação da consciência moral e mesmo psicológica do indivíduo.

Esse processo global se manifesta para o indivíduo como perda de referências. A metáfora de Frankl é espacial: o indivíduo perde as referências, perde-se e cai em um vácuo que manifesta uma série de sinais indicativos da sua presença. Um deles é o sentimento (impressão ou sensação global) de vazio. Além disso, as idéias suicidas. Ainda, outro sinal de que se está presente ao vácuo existencial, é a perda de consciência, a brutalização decorrente de todo o processo deformante que faz dos indivíduos verdadeiros autômatos, prontos para competirem por pedaços de osso na arena que atualmente se denomina como mercado de trabalho.

---

[216] Frankl, 1969-1988, p.61 e passim. A unidade desses atos é dada se se preservam as noções relacionadas à consciência, desde a sua capacidade unificadora na percepção, até a sua qualidade última transcendental.

[217] Frankl, 1959-1984, p.83 e passim. O título do capítulo é modesto, representando menos do que o tema representa na obra de Frankl, na verdade: *"O Vácuo Existencial: **Um** desafio para a psiquiatria".* Na verdade, seria a bem dizer **o** desafio gerador de outros desafios.

As referências do indivíduo são perdidas, em primeiro lugar, em relação ao passado, como perda de aderência a uma tradição. Em seguida, Frankl tratará das referências relacionadas ao futuro, ou seja, a perda de atração dos valores. Como o seu ponto de partida, a sua experiência mais profunda, foi o campo de concentração, o tom de suas elaborações parece freqüentemente trágico. Mas ele tenta temperar o todo com bom humor.

O passado deixa de ser fonte no sentido em que as tradições perdem a sua capacidade de fornecer ao indivíduo a segurança na internalização dos parâmetros de percepção que lhe abririam caminho para uma vida social sadia. Além disso, sem referências na tradição, o indivíduo balança mesmo na fundamentação do processo mediante o qual a sua noção de identidade pessoal vai sendo trabalhada. Enfim, o passado aparece como o grande esquecido, quando Frankl menciona a necessidade de salvaguardar no e com o passado dimensões da experiência humana que são resgatáveis apenas como memória.

Mas o oblívio do passado é um outro fruto da civilização tecnológica. Frankl faz esta relação de forma quase imperceptível, sobretudo mencionando o ritmo frenético da existência e a necessidade de movimentação sem descanso. De qualquer forma, é necessário lembrar aqui, que o defeito da generalização indevida faz as suas vítimas na gênese da psique típica do século XX. O cidadão, da segunda metade do século XX ao menos, é cada vez mais vítima de uma sobrecarga de informações que obnubila a sua capacidade de se orientar.

Responsabilizar a idade moderna ou a revolução científico-tecnológica sem mais seria uma saída fácil. Há outras variáveis que determinam esta perda de aderência das tradições. Mesmo a

sua incapacidade adaptativa tem um papel importante nesse sentido. Mas é inegável que, historicamente, uma das bandeiras desfraldadas com mais orgulho pelos pensadores da mentalidade cientificizante, pragmática e individualista atual, foi o fim da referência ao passado, e a abertura do livro da natureza.

Não é necessário nem possível responsabilizar correntes ou pensadores, como se remover uma causa fosse amenizar o problema. Frankl denuncia que, perdendo as referências de passado, as pessoas perdem segurança no seu desenvolvimento, e os seus parâmetros tornam-se fluidos ou aleatórios. É a primeira componente de um vácuo existencial que ainda não está resolvido.

Outra componente importante a que Frankl concede espaço, é a relação do futuro com a gênese do vácuo existencial. O futuro tem relação direta com os valores que o indivíduo deveria realizar[218]. Quando a civilização perde clareza em relação aos valores que a orientam, ou quando os valores são encobertos pela fina camada de discurso ideológico que os transforma em um ideal a ser disputado por um círculo fechado, tem-se a perda de referências.

Os valores são o para-onde, que funciona como incentivo para as decisões individuais. Cada ser humano, na pluralidade de suas ações cotidianas, vê-las-ia unificadas e, portanto, elas ganhariam assim sentido, quanto mais essas ações fossem articuladas em torno de valores.

Neste ponto Frankl depende francamente do pensamento de Scheler, emprestando dele a conceituação e o seu quadro de

[218] A relação entre sistemas psicológicos que abordam o homem a partir do passado (genéticos) e a partir do futuro (prolépticos) é um tema que ainda espera uma sistematização adequada. Ensaios em Yalom 1980: 346-349; Rodrigues 1991: 21-36.

desenvolvimento. No quadro de reação ao pensamento formalista kantiano, que fundamenta a ação individual na percepção de imperativos, Scheler substitui os imperativos por valores. Estes seriam configurações de estados ou de horizontes ideais, inatos ou projetuais, percebidos mediante a atividade intuitiva, e que orientariam a existência do indivíduo, configurando-a globalmente.

Valor é aquilo que pode ser perseguido por si mesmo, e que é um fator gerador de matrizes de comportamento. A esfera dos valores não coincide exatamente com a noção de substrato cultural, ou superego, se se quiser, porque é uma esfera pré-científica e pré-filosófica, mas consciente[219]. O homem pode ser considerado como sendo um ser cultural. Isto pode ser posto desde a sua definição histórica moderna mercantilista, ou seja, como um ser transformador da natureza, ou a partir de outras visões, como um animal simbólico ou um tecelão de redes de significações. Em qualquer caso, ele será um ser orientado por valores, ou perseguidor deles. A contribuição de Frankl é especialmente elaborar uma abordagem dos problemas psicológicos a partir dos valores e da esfera da sua elaboração.

Scheler pensa em esferas de valores, que dominam e, na verdade, regulam desde a experiência cotidiana (lealdade, justiça, beleza), até a globalidade da experiência histórica do ser humano (felicidade, santidade, paz, repouso). Regulam, diz-se, porque estão subjacentes a toda ação, por mais simples que seja, e porque atraem como esferas concêntricas e progressivas, a orientação de conjunto da existência[220].

Mas por mais inatos que sejam estes valores, a sua configuração histórica dá-se mediante a transmissão recebida e

[219] Cf. Frankl, 1997b, p.67 e passim; 1969-1988, p. 19.
[220] Scheler, 1955, p. 250 e passim: o homem se define, enquanto tal, como visagem, como auto-projeção conceitual e, ao mesmo tempo, intencional.

internalizada no processo normal de uma cultura[221]. Isto significa que os centros gravitacionais da existência singular serão assimilados mediante um processo de internalização no qual o indivíduo entra em contato com padrões, costumes, personagens ideais, que servem de modelo para a apropriação dos valores do grupo, que ao final são trabalhados pela consciência e apropriados, recebendo uma fisionomia própria, uma configuração geral.

O que acontece, é que aqui a falta de passado gesta a falta de futuro. As gerações em formação, principalmente, aturdidas pelo excesso de informações e falta de parâmetros (passado), terminam por perder a referência aos valores constitutivos da existência (futuro). Por mais crítico que o indivíduo possa ser em referência aos parâmetros que orientaram a formação do seu grupo social até a sua interferência, por mais que a plasmação individual do mundo dos valores transmitido seja conflitual, ela ainda é melhor que a evitação sistemática de confronto com valores.

Na iconoclastia que se abateu sobre tudo o que não é, em última análise, verificável, lucrativo ou prazeroso, a questão dos valores foi substituída por uma pseudo-ética da conveniência temperada pela convenção social. Os valores deixam de ser referência, para o modelo de sociedade que cultua a deusa técnica. Daqui a gênese da noção de vácuo existencial.

---

[221] Daí a relevância da insistência de MacIntyre no dizer ser impossível pensar a racionalidade fora de qualquer contexto histórico. Ser racional é ser dialogante. Para o diálogo, para a plasmação de uma tradição argumentativa, é necessário um acordo de fundo sobre qual seja o assunto relevante sobre o qual se discorre, quais os elementos que se tenciona preservar ou reformar. Cf. MacIntyre, 1985, p. 204 e passim.

Heidegger[222] falara em *Gefallenheit*. É uma noção parecida à que Frankl tem em vista com o seu "vácuo". O ser humano, posto em uma situação de esquecimento do Ser, caindo na mesmidade das coisas que são simplesmente presentes, não têm densidade nem essas coisas podem ajudá-lo a envolver-se com questões que mobilizem a totalidade de seu ser. Sle pode acostumar-se. Habitua-se à mediocridade de uma existência "decaída", onde suas expectativas são reduzidas ao mínimo, para evitar problemas ou complicações[223]. Só que o vácuo é um sentimento que assalta o homem, acomodado e alienado. Isso porque nele há algo que se movimenta quando abandonado. Seja porque dá sinais de vida, seja porque mostra-se adoecendo.

IV. 4 ADOECER NA ALMA?

Em um texto clássico, Frankl advoga a distinção entre somato, psico e noogênese[224]. Para situar com clareza o seu espaço epistemológico, a sua discípula Elisabeth Lukas[225] estabelece uma metáfora interessante[226], que reportaria de outra forma a temática da antropologia dimensional. A psicanálise, segundo ela, representaria a base de uma espécie de pirâmide imaginária. É a base, por tratar dos instintos (ou pulsões), que reúne o homem aos outros seres vivos, como ser “ab-reagente”[227].

---

[222] Heidegger, 1997, p. 227 e passim, vê o homem como que aprisionado pela cotidianidade, qua pode ou não ser resgatada. Ele está exposto aos perigos do vácuo na modalitade da dispersão existencial.
[223] Cf. Frankl, 1969-1984, p. 18.
[224] Frankl, 1978, p.31 e *passim.*
[225] Lukas, 1989, p. 22 e passim
[226] Retomada e especificada em inúmeros detalhes por Rodrigues 1991. A apresentação de Lukas é seguida por ser mais estilizada. Mas Roberto Rodrigues estende-se em ricos detalhes, o que pode ser útil como leitura introdutória ao tema.
[227] Lukas, 1989, p. 21.

Para além dessa base estão, sucessivamente, a psicologia comportamental e a logoterapia. Ser comportamental é ser "agente"[228], ou proceder segundo cânones científicos estabelecidos por sólidos embates com a biologia. Isso significa tratar dos instintos já elaborados, ou manifestos como associações e condicionamentos. Isto é interessante e, na verdade, tanto uma como outra abordagens têm muito a dizer sobre o comportamento humano.

Mas acima de ambas, no topo da pirâmide, deve estar uma abordagem que estabeleça o seu ponto de partida nas faculdades humanas superiores. O motivo disto é Frankl pensa o homem como um ser “agente” de um modo mais complexo, no sentido de uma autogênese. Plasmar o mundo é uma tarefa eminentemente humana. Só o homem é capaz disso, e neste ponto ele não se iguala a nenhuma outra espécie animal, mesmo partilhando da condição instintual ou pulsional.

No homem, segundo Frankl, mesmo as necessidades mais básicas são reguladas por um sentido, uma percepção de mundo e uma administração dessa percepção, em um terreno que fôra evidenciado pelo seu mestre Brentano, mas que caiu no esquecimento dentro da psicologia, por não ser muito mensurável.

Para Frankl trata-se do reino do *nous*, do espírito. Ou seja, a esfera noética da existência humana, coberta por faculdades de elaboração de respostas às perguntas últimas sobre a existência. Os elementos que ele denomina “noéticos” são relacionados diretamente à estruturação ou tradução comportamental de toda a visão de mundo da pessoa. Iluminada pelas reflexões de Max Scheler, esta região articula os componentes da psiquê humana ao redor dos conceitos de sentido e de valor.

[228] Lukas, 1989, p. 21.

Quando Viktor Frankl fala em noogênese, chama a atenção para o centro organizador de toda a experiência humana, o sentido ou a razão de se viver. Dito de outro modo, isso é o mesmo que considerar o homem como sendo também um ser ativo na organização do seu mundo. E a sua vida transcorre também elaborando significados e plasmando tradições e projetos.

Quando se frustra essa possibilidade, dá-se ocasião para que se instale não uma patologia ou outra, mas a própria sede de muitas possíveis problemáticas psíquicas. Quando a região do sentido, da razão e da articulação da vida com os valores pelos quais o homem pensa valer a pena gastar-se é negada, frustrada, violentada ou reprimida, o homem pode entrar em processo auto-destrutivo, um processo que é apenas contido, freado aqui e remendado ali, por terapias paliativas. E o pensamento de Frankl documenta o fato que a psicologia não tem obrigação de ficar acuada nesse campo puramente defensivo, se toma consciência de que há no homem dimensões mais compreensivas, mesmo se a identificação destas formas e o trabalho com elas a obrigue a romper sutilmente com as formas dominantes do discurso científico.

Um ponto onde o humanismo peculiar de Viktor Frankl pode ajudar a discutir algumas questões, é na própria definição de doença mental. Aqui o conceito de neurose noógena possui um papel preponderante[229].

Entre as tendências do ser humano, e com um papel central, articulador de todas elas, encontra-se a vontade de sentido. Ela seria expressa da seguinte forma: a consciência é a primeira instância onde o homem articula os porquês da sua experiência existencial ou, dito em breves palavras, a consciência é uma espécie de órgão perceptor e

[229] Rodrigues, 1995, II, p. 19 e *passim* ; Frankl, 1994, p. 93.

articulador do sentido existencial[230]. Orientada por uma tradição, iluminada pelos conceitos racionais e escolhendo entre valores, ela determinaria uma meta para onde orientar o indivíduo nas suas escolhas existenciais e na determinação dos mecanismos particulares da sua existência.

É a própria civilização que se tornou neurógena: muito mais que em uma substância ou elemento isolado, as causas da doença abarcam toda uma forma de organização da existência do ser humano que nasce defasada, e gera desestruturação. Em Freud esse problema aparece como a dialética entre a civilização e os seus descontentamentos, ou (para trazer à tona a temática scheleriana) entre o dever e o ressentimento instituído e canonizado. O mal do século é o eclipse do sentido, que vem revestido da busca de um ponto de ataque arquimediano, dentro do movimento psicanalítico.

O tema da vontade de sentido pode ser visto como a resposta de Frankl à vontade de prazer, de Freud, e à vontade de poder, de Adler. Mais especificamente, no seu livro sobre a vontade de sentido (1969), Frankl parece tentar estabelecer um paralelo com a obra de Freud *Além do Princípio do Prazer*[231]*.* Ali Freud avança uma elaboração bastante clara do que entende por "princípio do Prazer", e estabelece uma tensão entre este princípio, que se constituiria na busca da gratificação ou no alívio de um desprazer, e o princípio de realidade, que parece ter mais a ver com a reposição em causa do problema do sofrimento, na gênese do ego.

---

[230] E. Lukas, 1989, p. 41.
[231] 1920.

A tensão não é resolvida em dialética, e o livro vai passar para a história da psicanálise como controverso[232]. Homens do cacife de Max Schurr e Sándor Ferenczy vão ficar um tanto quanto perplexos com alguns aspectos da obra, mas em geral ela documenta muito adequadamente aquilo a que Frankl se refere quando fala em "Princípio do Prazer". O próprio Freud se acusa de minimalismo na introdução do escrito. Frankl acrescenta a este minimalismo a sua contribuição, individuando um núcleo mais compreensivo para o entendimento dos movimentos da psique, o núcleo do sentido.

Desta forma, a vontade de sentido é vista como um postulado básico da logoterapia, e é situada em linha com outros temas da psicologia, especialmente da psicanálise. E a sua articulação necessária começa através da individuação da capacidade de agir, a partir de um lado mais "clínico", e na definição da liberdade como ponto de partida para decidir ultimamente sobre a dignidade ou não e, por extensão, sobre a neurose ou não.

Não que o indivíduo tenha em suas mãos a própria saúde mental. Mas Frankl insiste em dizer que o indivíduo pode posicionar-se diante do problema que ela suscita. A logoterapia aborda o indivíduo a partir da sua intencionalidade, ou seja, explorando o nível de decisão de que ele dispõe, qualquer que seja esse nível. Mesmo em casos agudos de neurose ou mesmo de doenças mais profundas, que lesam o nível de consciência de si e da própria identidade, é possível uma abordagem que trate da posição que o paciente assume, em relação à própria doença.

Assim estar-se-á tratando do paciente como uma pessoa, isto é, como sendo eminentemente uma liberdade que o profissional

[232] Cf. Alonso e Leal, 1997, p. 247 e passim.

ajuda a pôr em movimento. Que essa não é a única abordagem possível em psicologia (e é necessário integrá-la a outras), é uma observação óbvia e quase desnecessária. Mas que é uma abordagem possível, é o argumento de Frankl. E esse é o seu ponto de partida para a clínica, se a ética e o sentido o são para a teoria.

A definição de significado de Frankl desilude, à primeira vista. Em seus textos ele define o significado adiando a discussão para o conceito de auto-transcendência, como quando escreve que "ser humano é ser dirigido (ontologicamente) a algo que é outro, em relação a si mesmo"[233]. Mas olhando com rigor, aparece um pouco mais a sofisticação do tema. Frankl, por um lado, usa demasiado a terminologia do campo semântico "sentido": sentido, significado, transcendência, ultrapassagem, e assim por diante. Por outro lado, as definições que ele dá são, em geral, fugazes e mais próximas a metáforas e historietas de casos clínicos ou mesmo piadas.

O significado disso é que o sentido está sendo usado, ao longo de sua obra, como uma espécie de postulado, ou seja, uma daquelas realidades que são uma constatação a que a prática compele o pesquisador, sem que ele consiga jamais se safar da tarefa de defini-la exaustivamente. Assim o sentido é ilustrado conceitualmente de várias formas, mas não "de-finido" com precisão, como aquilo para que tende a existência humana. Conforme se verá, o mesmo pode ser dito do conceito de liberdade.

O sentido é percebido por um "órgão" adequado, a consciência. Uma definição de consciência, que situa numa

[233] Frankl, 1969-1988, p.25.

perspectiva bastante próxima da existencial-personalista o ponto de partida teórico de Frankl, é *"...a capacidade de procurar e descobrir o sentido único e exclusivo oculto em cada situação"*[234]. Por um lado partir do homem como "consciência" é afirmar um lugar epistemológico diferenciado em relação ao das ciências da natureza. Mas "cada situação" afirma a destinação concreta que Frankl deseja preservar, no exercício da ciência.

Cada momento da existência possui um sentido. O sentido é algo que não pode ser conceptualizado com precisão, mas que pertence à demarcação do núcleo da realização da existência humana enquanto tal. Por um lado, no pensamento de Frankl, encontra-se uma consideração do sentido enquanto orientação total da existência humana, o que está situado mais no campo da filosofia existencial, onde aparece o conceito de supra-sentido, ou de sentido último da existência, da arquitetura da experiência humana, como horizonte máximo de realização com o qual o homem pode sonhar.

Ao mesmo tempo porém, existe uma consideração ou um nível mais próximo da realidade cotidiana, que temporaliza o sentido em ações cotidianas portadoras de sentido, ou seja, de realização, que está acima da linha do prazer, mas não significa necessariamente uma atitude religiosa ou mágica diante da vida[235].

Em síntese, o pensamento de Frankl funciona a partir de uma instância que intui a existência de um sentido, a consciência (uma concepção que ecoa a brentaniana). Nessa sede o homem percebe que a vida possui um horizonte último, mas esse horizonte se cristaliza em diversas e fragmentárias ações portadoras de

[234] Frankl, 1992, p. 68-70.
[235] E o desafio do qual a terapia não pode fugir é o de tentar unificar a multiplicidade vertiginosa desses atos de sentido. cf. Frankl, 1969-1988, p. 22 e passim.

sentido, que vão montando, uma a uma, uma psique sadia, ou não. O sentido, enquanto possível, é capturado pela consciência, e é em seguida posto em movimento pela liberdade como um projeto, em passos articulados.

Esses passos são feitos através de fragmentárias e titubeantes tomadas de decisões do dia-a-dia, dentro de um mundo onde os valores andam em eclipse e as tradições, pontos de referência da juventude, exauridas. Aqui, numa região fronteiriça entre a psicologia e a filosofia, movimenta-se a clínica do psiquiatra vienense. A sua concepção da clínica dá a pensar por ser uma clínica do suporte à capacidade de decisão do ser humano, uma tentativa de facilitação da liberdade - é o que se verá em seguida.

Capítulo V

POR UMA PEDAGOGIA DA LIBERDADE

> ***Um paciente é uma liberdade a acordar, na descompactação do* proprium *humano reprimido, e uma responsabilidade a desenvolver, no fomento e promoção de um ser humano novo e desalienado.***

A abordagem da psicologia pensada por Frankl é personalista. Como tal, compreensiva e integrativa. A finalidade deste capítulo é mostrar como Frankl pode pensar a clínica a partir do conceito de liberdade, e como este tipo de pensamento pode contribuir para ampliar o espaço de atuação da atividade psicológica em geral. Em outras palavras, o assunto que ocupará este capítulo é entender como a visão personalista do ser humano pode contribuir para gerar uma abordagem particularmente ativa da atuação clínica do psicólogo.

Em um texto Frankl é interrogado sobre a aplicação da logoterapia mesmo em casos de perturbação psicótica da personalidade. Muitos sustentam que, quando se tem uma perturbação de vulto no nível da consciência, ou quando a visão da realidade é perturbada indelevelmente, a única abordagem possível para aliviar a situação do paciente é a medicação. Frankl contesta esta visão, por resolutiva que seja para disciplinar o

estado mental do paciente[236], por causa da sua grande intrusividade.

Segundo a logoterapia, por mais perturbada que a consciência do paciente esteja a respeito da realidade das coisas, é possível encontrar algum lapso de onde ele ao menos tente uma ponte de contato com o mundo exterior. Mesmo através de uma linguagem extremamente cifrada e de difícil decodificação, devido ao seu estado de debilidade ou perturbação, o paciente ainda sabe que é um ser humano, um *Dasein*, e manifesta isso de alguma forma.

Obviamente não se deve absolutizar esta possibilidade, mas deve-se sempre procurar este ponto de contato com a consciência do paciente[237]. Existindo, ele tem condições de administrar a sua liberdade, por mínima que seja a sua percepção dela. Não que a logoterapia seja aplicável como cura para toda espécie de doença mental. O que Frankl frisa, e por isso essa citação é importante no início deste capítulo, é que a liberdade do paciente é um ponto irrenunciável para o processo terapêutico. Mas cumpre detalhar essa maneira de ver a liberdade.

Na elaboração da noção de liberdade, observe-se que a aproximação à linguagem comum não afeta a pertinência filosófica. Essa pertinência se manifesta especialmente na forma de uma

---

[236] Frankl, 1990, p.85 e passim. A doença não implica necessariamente em perda de sentido. Sem dúvida estas elaborações ecoam os grandes professores Jaspers e Binswanger. Mesmo a esquizofrenia possui algum elemento, por mínimo que seja, de escolha, um "modo-de-estar-no-mundo'.

[237] Frankl, 1955-1983, p.207-216, esp. P.216: *"...mesmo para o esquizofrênico resta aquele resíduo de liberdade diante do destino e diante da doença que o homem possui, não importa o quão doente estaja, em todas as situações e em cada momento da vida, até o último".*

ambigüidade[238]. Ele defende constantemente essa noção, mas evita dar dela uma demonstração filosófica clara. Ao invés, quando evoca o conceito, aduz em seu favor trabalhos experimentais.

Disso, com apoio nos seus textos, pode-se depreender uma conclusão interessante: A liberdade é, por um lado, um dado imediato acessível à consciência; por outro, um postulado de um cientista experimental, necessária para a atuação clínica. Não é uma definição apodítica ou uma demonstração matemática. Se assim fosse, Frankl estaria cruzando os campos da filosofia e da psicologia, aplicando um procedimento de demonstração por via argumentativa. Uma ou outra vez é possível ver em seus textos como que uma argumentação filosófica em favor do conceito, dizendo que a liberdade é do reino do qualitativo no ser humano, e não pode ser decifrada em termos de questionários ou relatórios[239].

Mas ao dizer que ele usa a liberdade como postulado para a prática clínica, na verdade afirma-se apenas que ele partiu da experiência de seus casos clínicos e da sua própria vivência em busca de sentido, para apontar no caminho da formulação de uma teoria. Dito de outra forma, a prática sugeriu a teoria, ao invés da teoria estar gerando atitudes e procedimentos científicos[240]. Aliás, com Frankl o procedimento primeiramente é tentado, depois formulado teoricamente. Isso explica também o fato de muitos dos seus procedimentos terem posteriormente recebido tratações

---

[238] 1989: 39-78; 1978 e *Passim,* especialmente p.67-182, as "lições metaclínicas" sobre o *"homem incondicionado".*

[239] Qualitativo seria o adjetivo mais próximo de uma tradução semanticamente relevante de "metaclínico". Cf. 1955-1983, p.285 e passim.

[240] Isto deve ser verificado com uma leitura da sua obra a partir do relato do Campo. A experiência de vida vai progressivamente compelindo Frankl a rever suas posições, desde os centros de aconselhamento da juventude até as comprovações forçadas na guerra.

parecidas, mas revestidas de mais técnica, em outras abordagens psicológicas, como é o caso da sua famosa técnica da intenção paradoxal ou da derreflexão, usadas com mais acuidade pela psicologia cognitiva[241].

A liberdade em Frankl é um postulado, um princípio regulador da atividade e disciplinador dos procedimentos terapêuticos. Mas faz parte de uma série de pressupostos filosóficos. Ela subsiste porque faz parte da definição de homem, não porque resista aos condicionamentos. Pelo contrário, apesar dos condicionamentos deve resistir, enquanto conceito - mesmo como sendo a condição de possibilidade de todos os condicionamentos enquanto tais, porquanto ela lhes é anterior.

Se a consciência é concebida como fazendo parte da definição do ser humano, e se esta consciência é vista a partir de sua posição no mundo inter-subjetivo, ou melhor, se esta consciência é em si uma possibilidade hipostatizada de tomar posições no mundo inter-subjetivo (ou seja, um órgão do sentido[242]!), então a liberdade faz parte da definição mesma do ser humano. Este não funcionaria a partir de outro princípio que a atividade da consciência transformada em atos particulares, que explicitam a sua densidade última.

Assim a liberdade aparece, na leitura dos textos de Frankl, como um conceito-limite, que marca atravessando a fronteira entre a teoria epistemológica e a atividade do clínico. Nesse registro fronteiriço Frankl formula uma verdadeira fenomenologia da liberdade.

---

[241] Kurz, 1997, p.663-702.
[242] Frankl, 1997b, p. 39 e passim.

V. 1 LIBERDADE COMO PODER PARA DECIDIR[243]

A liberdade manifesta-se como poder de decisão, próxima ao livre-arbítrio, quando o homem está na privilegiada situação de liberdade-de, preservado de condicionamentos. Neste caso, trata-se de indivíduos que conseguiram equilibrar bem o patrimônio recebido na formação da própria personalidade, e estão em uma situação existencial onde não há nada pressionando demais, a ponto de comprometer a sua capacidade de avaliar, escolher entre os diferentes objetos possíveis o melhor, elaborar um julgamento e tomar posição[244]. Estão livres de condicionamentos ou, ao menos, estão acima de constrições.

Neste caso, estabelece-se a dialética entre a liberdade e o valor, e Frankl recorre às esferas de valor formuladas por Scheler[245]. A consciência humana percebe na sua própria constituição esferas ideais de valores, que são objetos desejáveis em si e por si mesmos, e dificilmente se podem demonstrar ou verificar exaustivamente. São experiências, mais que conceitos, e justificam o esforço de toda uma vida. A fenomenologia do valor formulada por Scheler é muito complexa para caber nos limites deste escrito, mas Frankl fornece uma elaboração particular dela, adaptada à sua finalidade mais prática de orientar globalmente a existência de indivíduos comuns.

Frankl formula muito cedo[246] a sua própria noção de esferas de valor. Há três esferas, segundo ele. A primeira é a esfera do

---

[243] Cf. Fabry, 1984, p.33 e passim, para observações a propósito do uso da liberdade quando as constrições não subtraem completamente o poder de decisão.
[244] Cf. Frankl, 1969-1988, p.16 e passim. Mesmo quando o discurso é no sentido da liberdade como plasmadora de opções, como criação de quadros referenciais da existência, para Frankl a definição é sempre conexa com a de responsabilidade: *"tomar posição diante de-"*.
[245] 1955, p.260 e passim.
[246] Frankl, 1959-1984, p.115.

grupo de valores relativos à criatividade ou ao trabalho: há uma gama de valores que realizam o ser humano e que são derivados de atos que se praticam e edificam atitudes em relação à vida, ou que são derivados do trabalho que é criado mobilizando a totalidade da força criativa do homem.

A segunda esfera de valores que confere significado à existência é a esfera da experiência da intersubjetividade. A perspectiva de encontrar-se com outros seres humanos e comunicar-se com eles, ou melhor, de entrar em um processo de comunicação com eles; a perspectiva de uma existência em intercâmbio de entrega com um grande amor (alguém que espera ou que é esperado depois de um longo confinamento num campo de concentração, quem sabe) também realiza a existência humana.

Nos dois casos acima, a realização pelo trabalho (poiética) ou pela comunhão (erótica[247]), a atitude do homem é ativa em relação ao mundo, ao destino. Há um terceiro grupo de valores, que obriga o homem a tomar posição ativa, mas que não nega a existência da sua liberdade: a experiência de algo imutável cria uma terceira esfera de valor.

Neste caso, Frankl fala em uma habilidade, a de transformar o fracasso da busca na possibilidade de sucesso através da descoberta da mudança de atitude. Mas seguir-se-á detalhando esta possibilidade mais abaixo.

Quando a liberdade de decisão ou de plasmação da própria existência é mais determinante para a conduta que o complexo de condicionamentos, pode-se falar, então, de uma dialética entre liberdade e valor. A consciência detecta a existência de uma gama

[247] Frankl, 1955-1983, p.132 e passim, esp. P.143.

de valores, articula um sentido e o persegue, orientando a tomada de decisões. Quando os condicionamentos obscurecem ou impossibilitam a liberdade como tomada de decisões, ou quando as decisões são impostas de fora, é necessário um passo ulterior no sentido de defesa da dignidade humana, a liberdade como mudança da atitude.

V. 2 LIBERDADE COMO POSICIONAMENTO[248]

Quando os condicionamentos são maiores do que a liberdade[249], podem produzir-se, em primeiro lugar, situações de repressão. Neste caso, a liberdade deve ser fomentada ou deve receber suporte como poder de construção de alternativas[250]. É o caso mais comum, quando pessoas normais encontram-se diante de encruzilhadas, decisões complicadas mas que detêm o poder de configuração de toda a trajetória existencial e, por isso mesmo, são ansiógenas[251]. A decisão pode estar comprometida ainda por pequenos bloqueios de percepção, a visão da realidade pré-condicionada por traumas, a auto-imagem perturbada por experiências negativas. Neste caso, a logoterapia tentará remover os bloqueios reforçando a capacidade de tomar e manter posições.

Quando os condicionamentos significam inibição do poder decisório, a liberdade tem livre apenas o espaço de articular-se como poder de resistência[252]. É o caso de pacientes que encontram-se limitados por experiências que limitam a sua

---

[248] Cf. Frankl, 1959-1984, p.85: *"O que realmente era necessário era uma mudança fundamental em nossa atitude em relação à vida".*

[249] Ou seja, quando sobrevém o sofrimento intransponível por perda, dor ou culpa: 1959-1984: p.117.

[250] Elisabeth Lukas 1989, p.158 e passim.

[251] No relato Frankl aborda temas como o da neurose antecipatória, hiperintenção e hiper-reflexão, sempre em relação ao futuro, cf. 1959-1984, p.125 e passim.

[252] Frankl 1955-1983, p.97 e passim. A liberdade *"não é algo que temos: é o que nós somos"* (97, nota.) Aqui a liberdade aparece em sua formulação mais rica, como capacidade de resistir aos condicionamentos e de dar-lhes uma fisionomia humana.

atividade ou as suas condições de sobrevivência. Pacientes lesados gravemente por enfermidades, em recuperação, com seqüelas, sofrendo por separações dolorosas, atravessando a experiência do luto como perda de uma figura de referência importante, devem ser apoiadas no sentido de reorganizar suas forças morais e psíquicas no sentido de reestruturar todo o seu espectro de possibilidades de existência, no sentido do possível.

Ainda, quando ocorre a fatal supressão do poder decisório, resta apenas administrar a liberdade como faculdade de aceitação/adaptação a uma situação mais ou menos intransponível. Pacientes com diagnóstico de doença fatal e irreversível, na prisão, estados de patologia insuperável, perda considerável de controle sobre o próprio estado mental. Aqui a logoterapia pode mostrar apenas o núcleo da dignidade de ser humano, e manter a esperança de descobrir o sentido de mudar a atitude diante da irreversibilidade da situação. Ao invés de "esperar algo da existência", há apenas espaço para descobrir "o que a existência espera" do paciente e, neste aspecto, a logoterapia pode ainda dar suporte a ele, sustentando a sua liberdade como poder de dizer "sim"[253].

O conceito de liberdade é pensável como postulado de um sistema terapêutico. Mas ele só existe em vista do conceito de auto-transcendência, que afirma que o homem possui uma natureza muito próxima à situação de perene metamorfose, de devir, de ser-aí.

[253] Cf. Frankl, 1955-1983, p.74 e passim, esp. 75: *"Devemos aceitar o destino como sendo o chão onde estamos - chão que é a plataforma de lançamento da nossa liberdade".*

Também a partir do conceito de auto-distanciamento[254], a situação que se torna possível quando o homem tem um outro lugar de onde olhar o eu. Isso prepara à consideração dos pressupostos, como interpretação da atitude teórica de Frankl em relação ao tema da religião.

Pensando o homem como criador da própria existência, concebida como um ensaio de resposta a desafios muito concretos, mas articulados; restaurando, assim, a possibilidade de pensá-lo como ser digno e, portanto, destinatário da escuta psicológica, suporte educacional e assistência, quando necessário, em todos os sentidos: assim pode comportar-se uma abordagem da psicologia que assuma o papel de ser uma facilitadora de humanidades, uma pedagogia da liberdade.

V. 3 DA PSICODINÂMICA: SEM DESCULPAS

Irvin Yalom, tentando dar uma fundamentação ao mesmo tempo empírica e filosófica ao arsenal considerável de técnicas utilizadas com o nome de "abordagem existencial" por muitos terapeutas, inicia um longo tratado com uma noção de psicodinâmica existencial[255]. Essa noção, adaptada, pode ser útil para dar melhor a entender qual seja o ponto de partida da psicologia em Frankl, desta vez de um modo mais formal ou, pelo menos, estilizado, ao mesmo tempo mostrando que a logoterapia é um sistema particular (talvez nem um sistema), e que - mesmo na sua particularidade - ajuda a pensar questões que são do interesse de todos os que tentam pensar a psicologia e a sua prática.

[254] Ou seja, auto-transcendência. Cf. Frankl, 1969-1988, p.50. p.108-109 (ligado ao tema do humor).
[255] Yalom, 1980, p.3-26.

A abordagem psicológica que queira caracterizar-se como uma psicodinâmica deve apresentar, segundo Yalom, uma visão onde as estruturas mentais do indivíduo são percebidas tendo em vista os conflitos de forças subjacentes aos seus comportamentos particulares. Certamente, desde Freud a psicologia possui esta alternativa. Mas o que distingue a psicoterapia de matriz existencial (logoterapia inclusive) das abordagens psicanalíticas, é exatamente o que está em jogo, ou quais são as forças em disputa[256].

Em Freud as forças que disputam o controle da mente consciente são, por um lado, a exterioridade animal, representada pela força pulsional que tende a liberar-se com potência incontrolável, e por outro lado, a exterioridade social, representada por tudo o que é internalizado, assimilado, apropriado no desenvolvimento do indivíduo. A psicodinâmica desenvolvida sob a luz da psicanálise freudiana vê o desenvolvimento do ser humano como administração de um conflito, individuado ao redor das noções de desenvolvimento e da sexualidade, que se torna assim uma metáfora de todo o desenvolvimento da psique[257].

O que se deve observar aqui é o predomínio do quadro do desenvolvimento, e a importância de se realizarem "escavações" no passado dos pacientes, a fim de descobrir as deformações do trajeto percorrido, corrigindo o que for possível. O que não for, será administrado na descoberta de uma sabedoria de aceitação das coisas "como elas são", sem ilusões, nem expectativas.

[256] Yalom, 1980, p.6.
[257] Yalom, 1980, p.7. a idéia é a de negociação entre uma *"pressão interior para a satisfação individual e o princípio de realidade, que exige o atraso de tal satisfação".*

Os sucessores de Freud fizeram diversas adaptações neste modelo. Uma delas, a da escola interpessoal americana, desloca o conflito para o trato social. O homem seria visto como alguém cheio de possibilidades individuais mas desprotegido, que teria de submeter-se a várias séries de compromissos com o grupo a fim de poder encontrar um ponto de equilíbrio entre o poder de desenvolver-se e a necessidade de ser aceito e assimilado pelo grupo. Aqui, a tensão é entre criatividade e segurança[258], e este modelo explicaria de forma válida especialmente a angústia, no seu aspecto de auto-aceitação. A localização da maior parte dos problemas seriam as qualidades que foram deixadas para trás, e o papel da terapia seria trazê-las de volta, sem destruir a estrutura da convivência.

Estes dois modelos de psicodinâmica, Yalom observa, vêem o homem como ser relacionado ao seu passado e às categorias dele, e são pensamentos de estilo arqueológico. As correntes existenciais de psicoterapia, porém, modelam-se a partir da elaboração de uma psicodinâmica, mas as forças antagônicas estão projetadas para o futuro. Seriam escolas prolépticas de estudo da psique.

Interessa-lhes o ser humano enquanto ser-no-mundo, definido como um ente histórico. Ou seja, aquilo que melhor define o ser humano é o fato de ele, dispondo de uma consciência que se articula em tomada de decisões, modelar a sua própria existência no sentido de dar-se uma fisionomia inconfundível, subjetiva.

O conflito originário mediante o qual a psique é elaborada, é deslocado para a região onde o indivíduo se confronta com os "dados" da sua existência (os existenciais, no sentido de

[258] Está-se mais próximo do modelo adleriano. Cf. Yalom, 1980, p.7e passim.

Heidegger). Este confronto é despertado mediante uma tomada de consciência de si mesmo enquanto tarefa. Esta tomada de consciência é sempre possível porque catalisada pelo encontro com situações que demandam decisões, tomadas de posição, que configuram a existência do indivíduo para sempre[259].

O homem é visto a partir do futuro porque é a partir da percepção da relatividade da própria experiência humana (vista como uma antecipação da morte) que, segundo esta escola, abre-se o espaço para a consideração da liberdade do indivíduo. Na verdade, este será abordado como alguém capaz de optar, e as suas pequenas escolhas serão, na verdade, posicionamentos que influirão na orientação global de sua existência.

O sistema imaginado por Frankl e posto em andamento por ele como algo aberto a contribuições, desde que tendo claros os seus pressupostos[260], tem muito em comum com este tipo de abordagem da psique humana, e com a visão ativa da plasmação da existência individual. Mas Frankl adiciona dois elementos interessantes à formulação de uma psicodinâmica que parte do homem, e não no seu patrimônio estático e inerte, os *recepta* que a psicologia aprendeu a chamar de condicionamentos.

Em primeiro lugar, Frankl faz a questão do sentido retornar ao centro da questão psicológica. A sua versão do problema do sentido é empírica e evita longos debates sobre o sentido global da vida humana, para firmar-se em alguns pressupostos basilares, como: o ser humano é capaz de decidir; essa decisão confere significados a tarefas cotidianas; as tarefas cotidianas unidas

---

[259] O confronto pode ser com a idéia da *"morte, com decisões irreversíveis, com o colapso de algum esquema portador de sentido"*. Cf. Yalom, 1980, p.8.

[260] Às vezes sintetizados por Frankl como "três *pilares, a liberdade da vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida"*. Cf. Frankl, 1969-1988, p.16 e *passim.*

podem ser articuladas pela percepção de uma grande (missão ou) tarefa única e irrepetível, que seria a fisionomia existencial do indivíduo.

Para Frankl existe um sentido último, que é o regulador de todas as decisões particulares. As tarefas individuais articulam-se e formam uma hierarquia harmônica que termina dando à existência individual uma fisionomia própria. Mas o mais importante, e o que torna a sua versão da terapia acessível à grande discussão, é a sua afirmação contumaz de que existe sempre uma tarefa possível, mediante cuja execução o paciente pode ser o agente plasmador do próprio restabelecimento, enquanto é ao mesmo tempo o plasmador da própria identidade.

Aqui é importante retornar a uma noção importante para Frankl, a da capacidade de resistência como algo constitutivo para a psique humana[261]. Com seus anos de clínica, ele pode afirmar que não se trata de uma construção social ou de um conceito sobreposto exteriormente ao sistema. Trata-se de uma tendência, que não surge porém do mundo pulsional, mas do mundo espiritual (onde espiritual tem a ver com o não-quantificável pela psicologia diferencial, e não com misticismo de qualquer espécie). Este é o mundo da liberdade, da consciência e da atribuição de significados às ações singulares dos indivíduos. Por isso a expressão é cunhada como um antagonismo, uma disposição para um embate que movimenta todas as estruturas da existência.

Noético (noodinâmica) é o termo, também cunhado por Frankl[262], para pensar a psique humana, nas suas palavras, a partir "do sótão", ao invés de pensá-la desde os seus porões. Não

---

[261] Cf. Frankl, 1969-1988, p.17-19.
[262] Cf. Frankl, 1959-1984, p.109-111.

é a consciência que se considera o centro gravitacional do sistema, mas a linha que integra a consciência à vontade, o que Brentano chamaria de aspecto intencional da consciência, e que Frankl percebe como sendo algo importante a ser descoberto no processo de formulação e de prática da psicologia.

Uma novidade no pensamento de Frankl, que ele tem em comum com outros teóricos da psicologia existencial, é a concepção da psicodinâmica como noodinâmica, ou dinâmica gerada ao redor da capacidade de o homem ser "espírito-no-mundo", ou produtor (desvelador) de significados[263]. Está-se aqui no binômio entre a liberdade e a responsabilidade. Para Heidegger, já, o sinal que distinguia uma existência como realizada, era a capacidade de cuidado: uma sensibilidade global, uma afinação com os outros e consigo mesmo que torna o indivíduo um ser enquadrado nos moldes da cultura clássica, um "sábio".

O paciente ganha, na obra de Frankl, um espaço e uma tarefa peculiares. Ao invés de ser visto, desculpado ou enfim escondido sob um último resquício de condicionamentos, sejam eles biológicos ou sociais, o homem é tratado - na clínica, com técnicas específicas - como uma liberdade que está vacilando na capacidade de responsabilizar-se. Ou seja, é ao paciente que cabe o esforço de perceber-se e de retomar um caminho de crescimento entravado por razões múltiplas[264].

O ser humano não precisa ser considerado vítima, mas pode receber, da ciência que se ocupa da sua saúde mental, o suporte

---

[263] Frankl, 1969-1988, p.66-69 fala de *"ter meias-certezas mas devotar-se de todo coração"* à missão de plasmar a própria fisionomia existencial mediante os atos cotidianos.

[264] *"...(a) logoterapia pode ser definida como educação para a responsabilidade".* Cf. Frankl, 1997b, p.120.

que o auxilie na direção da conquista de uma maior autonomia. Esta ciência não nega os seus condicionamentos, mas deve aprender e ensinar a dispô-los de forma a que eles sirvam para auxiliar na resolução do ser humano, que termina sendo simultaneamente o ator e o próprio projeto existencial. Neste sentido, a psicologia pode ser considerada como uma pedagogia da liberdade, como a parteira da responsabilidade do paciente[265], chamando-o por vários procedimentos à consciência de si mesmo e de suas possibilidades.

Considerar a consciência como fronteira para o mundo é um passo que é possibilitado, por sua vez, pelo recurso a duas fontes. A primeira delas, é a noção de intencionalidade da consciência. Toda consciência é consciência-de, diria Brentano, nas primeiras elaborações de seu texto fundador. De Brentano a Sartre, o oficial propugnador do existencialismo, a linha é contínua no sentido de considerar a consciência numa linha divisória entre o indivíduo e a exterioridade dos objetos que se apresentam à sua atividade - até o exagero mediante o qual Sartre termina rechaçando a noção de inconsciente, em nome da intencionalidade.

Mas isso é uma questão que (sobretudo) os estudiosos de Sartre têm a resolver com as suas teorias acerca da má-fé. De qualquer forma, o existencialismo tem uma contribuição importante a dar à psicologia, e ela cabe bem na boca de qualquer um dos seus representantes, tanto diretos como indiretos. Se o homem é sujeito, ele nunca deve ser reduzido a objeto, de consumo ou de manipulação. E se ele pode agir, está sempre no caminho para tornar-se 'pessoa", para humanizar-se. Seja qual for

[265] Frankl 1955-1983: 183.

a sua história, homem algum tem " "desculpa" - ele está posto acima de todas as desculpas pela sua própria dignidade.

Esta anotação é importante porque se pode traçar, na elaboração de Frankl, ainda mais se suportada pela antagônica noção de "despersonalização", um esforço no sentido de superar a grande aporia que corre o risco de fazer ruir todo o edifício moderno, o sujeito cartesiano entendido (talvez **mal**-entendido) como uma mônada de percepção, fechada sobre si mesma e reclusa ao próprio projeto.

V. 4 SÍNTESE

Se verificada com atenção, a obra de Frankl manifesta-se como uma parábola posta entre duas idéias antagônicas. Uma primeira idéia, é a de despersonalização. O homem, inicialmente rico, por obra e graça de seus próprios desequilíbrios e reducionismos, mete-se em um vácuo de referenciais que mina as suas resistências e brutaliza a sua interioridade.

Contrapondo-se ao processo de despersonalização, descrito como o processo de repressão da dignidade humana, Frankl elabora a missão da psicologia como sendo a de, em primeiro lugar, colaborar para que o ser humano se reumanize, potenciando novamente a sua capacidade de perceber-se e sobretudo de fazer-se como unicidade.

A sede para perceber esta dinâmica existencial é a consciência, vista por Frankl sempre como a promotora da articulação existencial na forma de um antagonismo criativo, ou de uma tomada de posição diante da vida. O elemento regulador de todo o edifício é a liberdade, que se transforma em responsabilidade quando vai plasmando a existência individual, para além ou apesar de todos os condicionamentos.

CONCLUSÃO

ESTE TRABALHO QUIS RESPONDER A UM ASPECTO da pergunta pelo ponto de partida da psicologia enquanto ciência. Mas não em geral. Esta pergunta surgiu do contexto concreto, em que se observa, especialmente quando se nota o pedido de muitos profissionais da psicologia por maiores discussões e aprofundamento em campo filosófico, grandes dificuldades em relação aos problemas que Husserl já apontava no início do século (especialmente o psicologismo, ou seja, explicar tudo a partir de uma visão unilateral da psique humana[266]) e que outros o fizeram depois, da mesma forma. Mas especialmente nos escritos de Viktor Frankl foi combatida uma espécie de abordagem da psicologia que reduz o ser humano àquilo que pode ser entendido, classificado, ou "tratado" segundo métodos reducionistas.

Com isso em mente, foi visitada a obra de Viktor Frankl em alguns dos seus pontos que pareceram sugestivos para elaborar, não uma resposta à pergunta sobre a psicologia enquanto ciência *tout court* e seu ponto de partida, mas sobre esse ponto na obra de Frankl, iluminada pela sua vida, pelo pensamento personalista e pelo contexto da *Shoah*, entendido como uma espécie de novo paradigma no trabalho do psicólogo: como pode a psicologia tratar do homem enquanto homem, e ainda assim continuar pretendendo o seu status de ciência?

[266] Cf. Merleau-Ponty 1973: 15-18; 21-22. Ainda resta a ser redescoberta a tentativa de Husserl para superar o psicologismo e o sociologismo, sem cair no logicismo filosófico.

A intenção originária era a de apresentar Frankl como um testemunho, ou seja, como caso típico, que se põe tanto diante do formando como do profissional em psicologia para provocar a sua reação. Ele deve ser conduzido mesmo a teorizar a partir da responsabilidade, diante de um contexto mais ético do que técnico do exercício da sua atividade "curadora[267]".

Deve-se frisar, mais uma vez, que Frankl é visto como um caso típico que levanta elementos que dão a pensar - e não como um "guru". Esses elementos dão ao psicólogo que quer ir além da repetição de técnicas ou aplicação de fórmulas a chance de confrontar-se com um estilo complexo, que o provoca a posicionar-se diante da sua ciência como mais que uma prática separada de si mesmo[268].

Em nenhum momento a figura de Frankl é posta como um modelo a copiar, ou um exemplo a seguir. Isso seria trair a sua própria concepção do ser humano como tensão entre liberdade e responsabilidade. A liberdade é e será inescapável, e assumir a responsabilidade das próprias opções, mesmo em se tratando de normas e procedimentos técnicos, faz parte da formação do psicólogo e não se ensina senão mediante a provocação a pensar e decidir-se com decência.

A seguir, recolher-se-ão alguns dos principais resultados do trabalho. Após essa recapitulação, onde se retoma basicamente a linha lógica do texto em vista da praticidade dos seus resultados, conclui-se a reflexão lembrando a identidade do paciente e do seu psicólogo à luz da metáfora socrática, tão cara a Frankl e parte do

---

[267] Isto é, solidária, comprometida com o outro ser humano que se esconde por detrás da doença. Cf. Frankl 1969-1988: 69: *"...enfim, encontrando um outro ser único na unicidade mesma do seu ser humano - isto é, amando-o* (paciente)*".*

[268] A necessidade de adaptar-se e de criar, sobre sólidos fundamentos, é ilustrada pelo apelido que Frankl dá aos logoterapeutas: *"se o psiquiatra é o que contrai* (shrink)*, o logoterapeuta é o que deve esticar* (stretch)*".* Cf. 1969-1988: 164.

patrimônio que a cultura ocidental em geral possui a partir da tradição filosófica.

O **PRIMEIRO CAPÍTULO** avança duas teses centrais. Uma, que Frankl é uma testemunha autorizada para falar em nome de todos os homens que sofrem com a condição de alienação do século. Outra, que Frankl é capacitado a responder a esses problemas, dada a qualidade da sua formação psicológica e filosófico-cultural.

No subsolo das questões desse capítulo, que lida basicamente com informações biográficas, está também uma posição de fundo, a respeito da pergunta a propósito do valor efetivo dos "mestres" e de suas histórias, na formação dos jovens investigadores ou terapeutas. A posição do capítulo, apenas latente ao longo de todo o texto, é de que a referência ao grande mestre, a admiração pelo modelo ou, simplesmente, ver trabalhar alguém mais experiente[269], é um aspecto indispensável, se se quiser falar em "formação" do psicólogo. E no Brasil a história da psicologia é uma área que espera maior investimento em termos de tempo e de número de estudos, e que pode progredir muito. Os dois maiores frutos possíveis de se esperar de um maior recurso à história são, em primeiro lugar, uma lucidez maior em relação às próprias técnicas (pelo conhecimento dos seus fundamentos e gênese) e, sobretudo, uma atenção maior aos perigos subjacentes a toda abordagem da psicologia. O passado está cheio, sobretudo, de

---

[269] À luz das considerações de Newton Freire Maia a propósito, cf. 1991: 182, pode-se dizer que a ciência já assume uma postura crítica em relação à refutação tipicamente moderna do contato humano em favor de um método cada vez mais claro e objetivo. A relação mestre-discípulo, mesmo que ela obrigue a psicologia a repensar as suas atitudes de prevenção em relação ao o que seja ou tenha sido "medieval", permanece uma provocação pedagógica.

erros. Conhecê-lo pode ajudar, ao menos, a repetir menos os mesmos erros[270].

O **CAPÍTULO SEGUNDO** explorou os registros de Frankl sobre o Campo de Concentração. A finalidade dessa exploração foi identificar ali o referencial básico que guiaria toda a sua obra posterior. Este seria o apelo ético, que não o conduz a um desmerecimento da formação especializada, mas a uma recolocação de todo o aparato teórico no horizonte mútuo e inter-comunicativo que era característico do esforço coletivo com vistas à sobrevivência.

Reduzindo a sua existência ao mínimo necessário para a manutenção de um tônus vital, e aprendendo a administrar esse mínimo[271], Frankl aprendeu que a variação do seu lugar epistemológico - vendo a realidade com os olhos do outro alienado - significou a geração de uma perspectiva nova que não desmentiu, mas redimensionou os seus conhecimentos a partir de um olhar mais empático ao homem. Mas nem por isso menos rigoroso. E a missão que sempre deixou aos seus seguidores foi a de sintetizar estas duas dimensões do trabalho terapêutico: o rigor da formação científica e a simpatia pelas dimensões profundas do homem.

De passagem foi também esboçado o tema do paradigma da psicologia, e o significado da *shoah* para o estabelecimento de um novo referencial a partir do qual um conceito importante como o da repressão ganha um quadro referencial existencial. Além da

---

[270] Cf. a propósito as considerações de Pfromm Neto 1990: 7-1 - 7-6 (sic!).

[271] Em seu relato (1959-1984: 33) sobre o ***Lager***, Frankl descreve a segunda fase da vida emocional do prisioneiro como sendo caracterizada por uma fase de *"relativa apatia, em que nós desenvolvíamos uma espécie de morte emocional"*. Mais à frente (id.: 35), diz que *"através desta insensibilidade o prisioneiro logo cercava-se com uma concha protetora muito necessária".*

dimensão micro ou intrasubjetiva, a repressão é um tema que pode ser pensado em nível mais englobante, para além dos condicionamentos. Especialmente este tema mereceria uma consideração isolada, dado o enorme número de suas possíveis ramificações. Aqui fica o seu registro na forma "programática", isto é, seminal.

No **TERCEIRO CAPÍTULO**, intentou-se uma ligação entre a troca de lugar epistemológico abordada acima, e uma compreensão maior dos fenômenos humanos. Estes foram vistos a partir do quadro da modernidade, esboçado a partir de algumas referências fundamentais, e as considerações conduziram a considerá-los como um tipo especial, mas maciço, de material reprimido. O que ficou de fora dos sistemas taxonômicos - dos saberes - gestados durante a articulação da ciência como discurso legitimador da vontade de potência, é considerado por Frankl objeto da ciência psicológica. Mas não como objeto qualificável a partir de outro saber. Antes, a função dos elementos não classificados dentro do sistema hegemônico da tecnologia e do lucro, é justamente criticar a lógica dessa repressão pensada e conduzida socialmente.

A religião e o que acontece com ela, foi mostrada como um exemplo desse processo. Foi enfim avançada a hipótese de que é função própria da ciência que busca a cura do ser humano mediante a sua reintegração à percepção da totalidade de si mesmo, um "religar" muito próximo ao que constitui a pretensão própria da religião. E os dois tipos de saber ou atividade não precisam estar necessariamente em competição. A não ser que a anulação de um dos dois seja caso de vida ou morte para a instauração de um saber hegemônico.

No **QUARTO CAPÍTULO** o tema do sentido foi delineado com especial atenção para a experiência do vácuo existencial. O vácuo é documentado na literatura do Ocidente, e a sua superação é possível somente na medida em que o ser humano recupera as noções de tradição e de valor.

O problema do sentido toma em Frankl a direção de uma análise existencial de fatos cotidianos, nunca afirmando um sentido global e omnicompreensivo, mas fragmentando-se em inúmeros atos que, em sua conjunção, produzem uma existência sensata. Mas não há uma existência idêntica à outra, pois os projetos, histórias e opções existenciais variam de pessoa a pessoa - o que põe em jogo o tema da liberdade.

Num **QUINTO CAPÍTULO**, este trabalho elaborou o tema da liberdade na psicologia a partir de duas polaridades. A primeira polaridade, entre a liberdade e os condicionamentos, documenta o fato de a opção, sempre possível ao ser humano, mesmo em situações aparentemente sem esperança, ser um elemento que se mostra sempre útil à terapia.

O terapeuta pode sempre dispor a favor do paciente, da constatação que a liberdade de opção ou de posicionamento é sempre superior ao patrimônio pulsional ou social - aos condicionamentos - da pessoa. Isto é inteligível à luz de uma antropologia dimensional, que traça um espaço diverso do ocupado pelas temáticas que desaguam na fronteira das ciências da natureza ou da sociedade, para temas como a liberdade e outros, tipificados como questões filosóficas, não como problemas científicos[272].

---

[272] Para o mundo conceitual da filosofia existencial (Cf. Heidegger 1997: 243ss) o homem é não uma "substância", mas uma "ex-sistência". Sendo assim, a existência

Mas há outra polaridade, entre a liberdade e a responsabilidade[273]. O paciente pode ser conduzido à experiência de volta ao contexto existencial pessoal, se assume diante da própria existência ou doença uma posição construtiva, que carrega o peso dos condicionamentos[274] e os posiciona para além da aleatoriedade das ações pluriformes do cotidiano.

Para Frankl a psicologia é uma "ciência do sótão". Qualifica-se na clínica como a facilitação de uma tomada ativa de posição diante do grande arco de problemas que é o existir humano. Na concepção de Frankl, quanto mais isto é claro, mais os outros problemas psicológicos, em parte derivados deste, em parte por ele agravados, encontram uma ocasião propícia para serem confrontados com propriedade. Esta visão particular da psicodinâmica humana foi considerado como constituindo uma espécie de "pedagogia da liberdade".

Frankl costumava exemplificar com o diálogo maiêutico, entre Socrates e os seus discípulos, a atividade do psicólogo[275]. Para Sócrates, aquilo que está dentro do outro deve ser tratado com um

---

nunca é estática, mas se desenrola sempre como exercício de cuidado. Este exercício é coextensivo a todo o arco da existência, e confunde-se com o "ser" do homem. Daí que os problemas relativos à experiência filosófica estão sempre postos à consciência de cada pensante para serem re-petidos, não resolvidos.

[273] O tema não é desconhecido no campo da psicologia existencial. Esta polaridade corresponde à polaridade entre a liberdade e as grandes preocupações existenciais de Yalom (1980 passim), e entre a liberdade e a submissão como fuga da ansiedade ou solidão (Fromm 1994: xvi; 4-5; 10-11; 17ss). Neste texto também é avançada a tese de que o conceito de psicodinâmica deve ser arrastado para além do quadro puramente instintual.

[274] A raiz etimológica do termo "res-ponsabilidade" é algo parecido com o poder de sentir ou avaliar o peso das coisas, com a habilidade-para-carregar-o-peso, se derivada de ***Pondus.*** Se derivada a palavra de ***respondeo, ere***, responsabilidade significará também a "habilidade-para-dar uma resposta" (a Deus, ao destino, aos outros, ao futuro). Cf. Lewis and Short 1989: *passim.* Este último sentido é o preferido de Frankl, Cf. Frankl 1997b: 120-121.

[275] Cf. Frankl 1955-1983: 183: a tarefa do terapeuta é conduzir o paciente à *"responsabilidade independente".* O pleonasmo é ilustrativo.

respeito tal, que o seu maior trabalho, enquanto mestre de vida[276], seria ajudar o discípulo a pôr para fora e articular bem aquilo que, na verdade, é a formulação e atuação da sua própria visão de mundo em uma existência totalmente original. Em Sócrates, sendo uma parteira de idéias, o filósofo (amigo da sabedoria) torna-se uma parteira de existências autênticas.

A última figura que este trabalho considera como útil ao psicólogo é a da parteira, que testemunha e facilita o nascimento de alguém que não depende totalmente dela, mas que recebe ajuda a partir da sua presença, o nascimento de um homem novo. Este é um ponto de partida possível para a psicologia.

Pode não resolver todos os problemas sérios com que se ocupa a psicologia científica, mas - especialmente enquanto sistema de apoio - deve dar a pensar porque, até certo ponto, o homem e o problema do homem são a mesma coisa. É importante que se promova o amplo diálogo mais amplo entre a tradição filosófica personalista e a psicologia de inspiração científica. É importante também que esse diálogo ocorra no terreno do empírico, natural e verificável até onde seja possível, por um lado e, por outro lado, que haja também espaço para a discussão dos pressupostos éticos, histórico-filosóficos, antropológicos, de qualquer projeto avançado. Se o resultado pode ser um sistema coerente, não se pode prever. Mas a sua entrada em jogo certamente fornecerá elementos para enriquecer o tema sempre

---

[276] Na concepção de Sócrates e dos pensadores que seguem a sua matriz de pensamento, o exercício da filosofia, sem descurar o rigor, caracteriza-se primeiramente como o desenvolvimento de uma "arte de viver". O que não significa nenhuma confusão com tipos alternativos de terapia. Cf. Nehamas 1998: 5: "tornar-se um indivíduo é adquirir um caráter incomum e idiossincrático, um grupo de características e um modo de vida que separa do resto do mundo e faz com que se seja memorável não somente pelo que se disse ou fez, mas pelo que se foi".

novo do que é realmente o "humano" no "ser humano". Para que as palavras "cura" e "cuidado" se aproximem cada vez mais.

REFERÊNCIAS

TEXTOS DE VIKTOR EMIL FRANKL

FRANKL, Viktor E. **Um Sentido para a Vida: Psicoterapia e Humanismo.** Aparecida, SP: Santuário, 1989.

_____. **Fundamentos Antropológicos da Logoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

_____. **A Presença Ignorada de Deus.** Petrópolis: Vozes,1992**.**

_____. **The depersonalisation of sex. In: Humanistic psychology: a source book.** ed. por I. David Welch, George A. Tate e Fred Richards. Buffalo, NY: Prometheus,1978.

_____. **Encounter. The concept and its vulgarization.** Em: **Psychotherapy and Behavior Change,** ed. por Hans B. Strupp et alii, Chicago, Aldine,1974.

_____. **Paradoxical intention: A logotherapeutical technique.** Em **Active psychotherapy,** ed. por Harold Greenwald. New York, Atherton Press, 1967.

_____. **Paradoxical intention and dereflection: two logotherapeutical techniques.** Em New dimensions in psychiatry: a world view, ed. por Silvano Arietti. New York, Wiley,1975.

_____. **The philosophical foundations of logotherapy.** Em **Phenomenology: pure and applied.** Ed. por Edwin Strauss. Pittsburgh, Doquesne University Press,1964.

_____. **Psychotherapy and existentialism: selected papers on logotherapy.** New York, Washington Square Press, 1967. New York, Touchstone,1978.

_____. **Reductionism and nihilism.** Em: **Beyond reductionism: new perspectives in the life sciences** (The Alpback Symposium, 1968), ed. por Arthur Koestler e J. R. Smythies. New York: Macmillan,1970.

_____. **Self-transcendence as a human fenomenon.** Em **readings in humanistic psychology.** Ed. por Anthony J. Sutich e Miles A. Vich. New York, Free Press,1969.

_____. **Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Psicoterapia e Sentido da Vida.** São Paulo: Quadrante,1986.

_____. **The Doctor and The Soul. From Psychotherapy to Logotherapy.** New York, Vintage Books, 1986.

_____. **Man´s Search for Meaning.** New York: Touchstone, 1984.

_____. **Man´s Search for Ultimate Meaning.**, New York: Insight Books, 1997.

_____. **The Will to Meaning.** New York, Meridian,1988.

_____. **Recollections. An Autobiography.** New York: Insight,1997.

_____. **A Questão do Sentido em Psicoterapia.** Campinas: Papirus, 1981.

_____. **Psicoterapia para Todos.** Petrópolis: Vozes,1990.

_____

COMENTÁRIOS

N. B.: A seguir sob a rubrica dos "comentários" estão listados os textos que colaboraram de maneira mais próxima para o trabalho na sua forma atual. Assim, por exemplo, Brentano e Scheler encontram-se listado abaixo, por sua importância capital na gênese e na possível explicação do pensamento de Frankl.

BOSS, M, et al. **Daseinsanalyse.** Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial. S.L, 1976.

BRENTANO, Franz. **Descriptive Psychology**. London: Routledge,1995.

_____. **Psychology from an Empirical Standpoint.** London: Routledge,1995.

CAMON, Waldemar Augusto Angerani. **Psicoterapia Existencial.** São Paulo: Pioneira,1993.

FABRY, Joseph B. **A busca do significado. Viktor Frankl: Logoterapia e vida**. São Paulo: Ece , 1984.

FIZOTTI, Eugenio. **Conquista da Liberdade.** São Paulo: Paulinas, 1997.

FRICK, Willard B. **Psicologia Humanista.** Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

FROMM, Erich. **Escape from Freedom.** New York: Henry Holt and Co; 1994.

_____. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea.** Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

GOULD, William Blair. **Viktor E. Frankl - Life with Meaning.** Pacific Grove, California: Brooks/Cole Publishing C, 1993.

KARWATZKY, Irmgard **et al. Dar Sentido à Vida: A Logoterapia de Frankl.** Petrópolis: Vozes, 1990.

KURZ, Wolfram e SEDLAK, FRANZ. **Kompendium der Logotherapie und Existenzanalyse.** Tübingen: Verlag Lebenskunst, 1995.

LÄNGLE, Alfred. **Viver com Sentido.** Petrópolis: Vozes,1992.

LUKAS, Elisabeth. **Mentalização e Saúde.** Petrópolis: Vozes,1990.

_____. **Logoterapia. A força desafiadora do Espírito.** São Paulo: Loyola, 1989.

MAY, Rollo **et al. Psicologia Existencial.** Porto Alegre: Globo, 1976.

_____. **Eros e Repressão.** Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. **O Homem á Procura de si Mesmo.** Petrópolis: Vozes, 1995.

RODRIGUES, Roberto. **Fundamentos da Logoterapia na clínica Psiquiátrica e Psicoterapêutica.** Petrópolis: Vozes, 1991. v. I: 1995 v. 2.

SCHELER, Max. **Le Formalisme en Éthique et l´éthique Matériale des Valeurs.** Paris: Gallimard,1955.

_____. **La Situation de L´Homme dans le Monde.** Paris: Aubier, 1951.

_____. **Le Sens de la Souffrance.** Paris: Aubier, S. D.;

OUTROS TEXTOS

ALONSO, Sílvia Leonor e Leal, Ana Maria Siqueira (Orgs.). **Freud: Um ciclo de Leituras.** São Paulo: Editora Escuta/FAPESP, 1997.

ANNAS, George J., e GRODIN, Michael A. **The Nazi Doctors and the Nuremberg Code. Human Rights in Human Experimentation.** New York/Oxford: Oxford University Press,1992.

ASSOUN, Paul-Laurent. **Introdução á Epistemologia freudiana.** Rio de Janeiro: Imago,1983.

BACON, Francis. **Selected Writings.** New York: The Modern Library, 1955.

BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do mal. Ensaio sobre os Fenômenos Extremos.** Campinas: Papirus, 1992.

BAUMANN, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna.** São Paulo: Paulus, 1997.

BAYER, Raymond. **História da Estética.** Lisboa: Estampa,1979.

BERLIN, Isaiah. **The Proper Study of Mankind.** New York: Farrar, Straus and Giroux, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BLANCHÉ, Robert. **A Epistemologia.** Lisboa: Presença, 1983.

BLONDEL, Maurice. **L´Azione.** Brescia, La Scuola,1970.

_____. **Exigencias Filosóficas del Cristianismo.** Barcelona, Herder,1966.

CAMUS, Albert. **O Estrangeiro.** São Paulo: Círculo do Livro, 1957.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação.** São Paulo: Cultrix, 1995.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha.** São Paulo: Abril Cultural, 1981.

DAY, Robert A. **How to Write and Publish a Scientific Paper.** 4ª. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DELACAMPAGNE, Christian. **História da Filosofia no Século XX.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

DOMINGUES, Ivan. **O Grau Zero do Conhecimento. O problema da Fundamentação das Ciências Humanas.** São Paulo: Loyola,1991.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRARI, Alfonso Trujillo. **Metodologia da Pesquisa Científica.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas. São Paulo:** Martins Fontes, 1995.

_____. **Doença Mental e Psicologia.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

FREIRE-MAIA, Newton. **A Ciência por dentro.** Petrópolis: Vozes, 1991.

FRISCH, Max. **Homo Faber. Ein Bericht.** Frankfurt A. M: Suhrkamp, 1977.

GADAMER, Hans-Georg. **Truth and Method.** London: Sheed and Ward, 1988.

GAY, Peter. **Freud. Uma vida para o nosso Tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Lendo Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GUSDORF, G. **A Fala.** Ed. Despertar. S.L., S.D.;

HABERMAS, Jürgen. **O Discurso Filosófico da Modernidade.** Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** 6a. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 2.

IGNATIEFF, Michael. **Isaiah Berlin. A Life.** New York: Metropolitan Books, 1997.

JANIK, Allan e TOULMIN, Stephen. **A Viena de Wittgenstein.** Rio de Janeiro: Campus, 1991. p. 25-191.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao Pensamento Epistemológico.** 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

JASPERS, Karl. **General Psychopathology.** 2 Voll. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1959. v. 1: 1997. v. 2.

_____. **Iniciação Filosófica.** Lisboa: Guimarães e cia. editores, 1960.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos.** Petrópolis: Vozes, 1974.

LEWIS, Charlton T., **A Latin Dictionary Founded on Andrew´s Edition of Freund´s Latin Dictionnary.** Oxford: Oxford University Press, 1989.

LONERGAN, Bernard J. F. **Insight. A Study of Human Understanding.** San Francisco: Harper and Row, 1978.

MacINTYRE, Alasdair. **A Short History of Ethics. A History of Moral Philosophy from the Homeric Age to the Twentieth Century.** London: Routledge, 1991.

_____, **Whose Justice? Which Rationality?** Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1988.

_____, **After Virtue. A Study in Moral Theory.** London: Duckworth, 1985.

MAHONY, Patrick. **Freud como Escritor.** Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização. Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud.** Guanabara: Koogan, S.D.;

MARIGUELA, Márcio. **Epistemologia da Psicologia.** Piracicaba: Editora Unimep, 1995.

MARROU, Henri-Irénée. **De la Connaissance Historique.** Paris, Éd. du Seuil, 1954.

MARX, Melvin e HILLIX, William. **Sistemas e teorias em psicologia.** São Paulo: Cultrix, 1974;

MASLOW, Abraham H. **Introdução á Psicologia do Ser.** Rio de Janeiro: Eldorado: S.D,

MERLEAU-PONTY, M. **La Structure du Comportement.** Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

MERLEAU-PONTY, M. **O Olho e o Espírito.** Rio de Janeiro: Grifo, 1969.

_____. **Ciências do Homem e Fenomenologia.** São Paulo: Saraiva, 1973.

MEYNELL, Hugo A. **An Introduction to the Philosophy of Bernard Lonergan.** Houndmills (Ing.): Macmillan, 1991.

MEZAN, Renato. **À Sombra de Don Juan e outros ensaios.** São Paulo: Brasiliense, 1993).

MONK, Ray, **Ludwig Wittgenstein, the duty of genius.** New York: Penguin, 1990.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo.** São Paulo: Duas Cidades, 1964.

MUELLER, F. - L. **História da Psicologia.** Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1976. v. 1. v.2.

MUSGRAVE, Alan. **Common Sense, Science and Scepticism.** Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

NEHAMAS, Alexander. **The Art of Living. Socratic Reflexions from Plato to Foucault.** Berkeley/London: University of California Press, 1998.

NEU, Jerome. (Org.) **The Cambridge Companion to Freud.** Cambridge: cambridge University Press, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência.** Ediouro, S. L., S. D.;

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Filosofia Transcendental e Religião. Ensaio sobre a Filosofia da Religião em Karl Rahner.** São Paulo: Loyola, 1984.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos.** Lisboa: Mem Martins, 1978.

PENZO, Giorgio e GIBELLINI, Rosino (orgs.). **Deus na Filosofia do Século XX.** São Paulo: Loyola, 1998.

PFRIMMER, Théo. **Freud, Leitor da Bíblia.** Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PFROMM NETTO, Samuel. **Psicologia. Introdução e guia de estudo.** 2. ed. E. P. U., São Paulo, 1990.

POLITZER, G. **Crítica dos Fundamentos da Psicologia.** Lisboa: Editorial Presença, 1973. v. 1. v.2.

RAHNER, Karl. **Spirit in the World.** London: Sheed and Ward, 1989.

RANSOM GILES, Thomas. **História do Existencialismo e da Fenomenologia.** São Paulo: E.P.U./EDUSP, 1975. v.2.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHOLEM, Gershom. **A Mística Judaica.** São Paulo: Perspectiva, 1972.

SCHUTZ, Duane P., e SCHUTZ, Sidney Ellen. **História da psicologia moderna**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Pessoa e Existência. Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier.** São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

SHORTER, Edward, **A History of Psychyatry. From the Era of the Asylum to the Age of Prozac.** New York: John Wiley and Sons, 1997;

SMITH, Barry. **Austrian Philosophy. The Legacy of Franz Brentano.** Chicago: Open Court, 1996.

STEGMÜLLER, Wolfgang. **A Filosofia Contemporânea.** São Paulo: E.P.U., 1977. v.1.

THOMÄ, Helmut e KÄCHELE, Horst. **Teoria e Prática da Psicanálise, v. I: Fundamentos Teóricos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

UCHÔA, Darcy de Mendonça. **Psicologia Médica.** São Paulo: Sarvier, 1976.

WERTHEIMER, Michael. **Pequena História da Psicologia.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

YALOM, Irvin. **Existential Psychotherapy.** S.L.: Basic Books, 1980.

_____. **The Yalom reader. Selections from the work of a Master Therapist and Storyteller.** S. L.: Basic Books, 1998.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do Desenvolvimento. Cinema novo, Tropicalismo, Cinema Marginal.** São Paulo: Brasiliense, 1993.